

JAMES PATTERSON

O AUTOR DE SUSPENSE MAIS VENDIDO DO MUNDO

FELIZ NATAL, ALEX CROSS

*Chegou a época de celebrar a paz e o amor.
Mas os bandidos nunca tiram férias.*



ARQUEIRO



FELIZ NATAL, ALEX CROSS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

JAMES PATTERSON

**FELIZ NATAL,
ALEX CROSS**



Título original: *Merry Christmas, Alex Cross*

Copyright © 2012 por James Patterson

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Beatriz Medina

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Juliana Souza e Rachel Agavino

diagramação: Adriana Moreno

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: Ilona Wellmann / Trevillion Images

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P344f

Patterson, James

Feliz Natal, Alex Cross [recurso eletrônico] / James Patterson [tradução de Beatriz Medina] São Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

Tradução de: Merry christmas, Alex Cross

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-216-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Medina, Beatriz. II. Título.

13-
05048

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Para Bob e Mary Simses.

PRÓLOGO

O DIABO NA VÉSPERA DE NATAL

Um

EXATAMENTE COMO TINHAM ME PROMETIDO, a porta dos fundos da igreja de Saint Anthony estava aberta. John Sampson e eu passamos pela sacristia mal iluminada – a sala onde os padres se vestiam para a missa e onde guardavam o vinho do altar, os hinários e os paramentos.

– Espero que a gente não tenha que atirar em ninguém na igreja – disse Sampson, num sussurro. – A sua Nana me garantiria uma vaguinha no inferno.

– Então é melhor não puxar o gatilho aqui hoje.

– Não tem graça, Alex.

– E eu estou rindo? Estamos na véspera de Natal. Se alguém morrer por sua causa e eu não impedir, Nana Mama vai me providenciar uma vaguinha bem ao seu lado nas chamas eternas.

Seguimos por um corredor curto, escuro e estreito que levava à capela-mor e ao altar. Ficamos ali, olhando para fora. A não ser por algumas velas votivas tremeluzentes, lâmpadas fracas no alto e uma vela pendurada perto do altar, não havia luz na igreja.

Três ou quatro pessoas no máximo estavam no lugar. Uma velha segurava as contas do rosário, um sem-teto cochilava no banco da frente, um velho lia um missal e murmurava imprecações. Analisei cada um deles com atenção.

Então uma mocinha de casaco de pele, elegante demais para a Saint Anthony, saiu impetuosamente do confessionário no lado mais próximo da igreja. Soluçava com o rosto escondido numa echarpe listrada e comprida. O padre Harris saiu atrás dela. Pôs a mão em seu ombro, levou-a até um banco e ajoelhou-se ao seu lado.

Harris era um excelente sujeito, além de ótimo padre. O tipo de homem a quem a gente faria favores se pudesse.

Olhei para as guirlandas esparsas que decoravam a igreja. Eu frequentava a Saint Anthony desde os 10 anos e não conseguia me lembrar de vê-la tão vazia no Natal. Na verdade, a igreja estava deprimente.

Esperei até ter certeza de que todos os fiéis estavam de cabeça baixa, andei rapidamente para a frente do altar e me ajoelhei ao pé

da escada que levava ao púlpito de carvalho esculpido. O Homem Montanha ficou ao lado da sacristia e se ajoelhou entre as flores, bicos-de-papagaio vermelho-vivo, o atril e as cadeiras usadas pelo padre e pelos coroinhas.

Um pouco depois, a moça fez que sim com a cabeça e foi embora. O padre Harris fez uma pausa, deu uma olhada em nossa direção e saiu por uma porta lateral.

A não ser pelo som do aquecedor, a igreja estava em silêncio. Ficar lá ajoelhado de costas para o crucifixo no alto da parede dos fundos parecia esquisito e meio errado. Mas, na verdade, toda aquela situação parecia estranha. Acho que eu não me aproximava de um altar havia mais de 35 anos, desde que estive naquele mesmo lugar na minha crisma, aos 12 anos.

Naquele dia, o bispo rezou por nós enquanto éramos crismados e disse: “Enchei-os do Vosso espírito temente, por Cristo Nosso Senhor.” É uma oração que sempre achei esquisita porque vejo Deus como fonte de coragem e direção, não de medo. Mas não sou padre e, como Sampson gosta de repetir, não sei de nada.

De qualquer forma, mantivemos a nossa posição, sabendo que só tínhamos uma hora para resolver aquilo. Às seis, os padres e frades do priorado vizinho viriam preparar a igreja para a Missa do Galo. Essa pequena vigilância terminaria e eu voltaria para casa a fim de passar um merecido feriado com a minha família.

Já me chamaram de cínico algumas vezes nesta vida. Mas é difícil ser positivo ou idealista no meu ramo. Os minutos se passaram dentro da igreja e comecei a sentir cheiro de incenso e de ramos de abeto. Ao observar as velas tremeluzindo perto do presépio, lembrei-me de ter estado ali em Natais passados. Havia uma mesmice no lugar, uma sensação calma de imutabilidade que me dominou.

Senti os músculos relaxarem e a minha mente se perdeu pensando em coisas importantes, como humildade e gratidão. “O segredo de uma vida longa e satisfatória”, segundo Nana Mama. Sempre tentei ouvi-la quando dizia coisas desse tipo. Afinal, minha avó tinha mais de 90 anos e continuava forte.

Ajoelhado atrás do púlpito, ignorei as coisas terríveis que tinha visto no ano que estava acabando e agradei ao meu Senhor e

Salvador por todas as bênçãos que recebera. Minha mulher. Minha avó. Meus filhos. Meus amigos. Meu emprego. Minha vida.

Ao fazer isso, me senti menos cínico, humilhado pela minha sorte. A minha vida era muito boa. Talvez não perfeita, mas muito boa. E não são muitos os que conseguem dizer isso hoje em dia, ainda mais nessa época do ano.

Talvez Nana Mama tivesse razão. Eu precisava vir mais à igreja...

Um cochicho rompeu a escuridão. Sampson entre as flores.

– É isso que fazem quando dizem que estão “plantando” um policial?

Apenas neguei com a cabeça. Nada como uma piada sem graça para ajudar a passar o tempo de tocaia na igreja. Ouvi um estrondo e olhei para o outro lado do púlpito. O rosário da senhora idosa tinha caído. Ela estendeu a mão e o recuperou no banco à sua frente. Alguém saiu do confessionário ao lado daquele em que estivera a mulher de casaco de pele.

Era jovem e grande. Arrastou-se devagar pelo corredor central como se estivesse profundamente mergulhado em oração, rumo à porta principal.

Só podia ser o nosso homem.

Fiz um sinal para Sampson e nós dois avançamos depressa. Passamos por cima da balaustrada, entramos na nave e começamos a descer os corredores laterais, um de cada lado. Estávamos com a mão direita dentro do casaco, os dedos descansando na arma.

O sujeito saiu da igreja para o átrio e parou junto à pia de água benta. Mergulhou a mão esquerda e a deixou lá. Mão esquerda na água benta é coisa muito feia. *Só a mão direita*. E a pia não é lugar para manter os dedos mais do que um segundo.

Então vi o que quase esperava ver: com a mão esquerda ainda na pia de água benta, ele sacudiu o braço direito e um pé de cabra escorregou da manga do casaco.

Prevendo que ele olharia em volta antes de atacar as caixas de doações da Paróquia e Caridade Franciscana, parei com uma coluna entre nós.

No segundo em que ouvi o contato de metal com metal, fechei os dedos, puxei a arma e avancei para encontrar e cumprimentar o

homem do ano, que voltara para roubar os pobres. Na igreja. Na véspera de Natal.

Dois

O PADRE HARRIS ACIONOU UM INTERRUPTOR NA SACRISTIA e todas as luzes da igreja se acenderam. O homem do ano tentou fugir, levando o pé de cabra como se fosse o bastão de uma corrida de revezamento. Abriu caminho pela porta da frente e pulou pelos degraus enquanto os primeiros flocos de neve daquele inverno começavam a cair.

Sampson e eu estávamos logo atrás dele e o alcançamos antes que chegasse à esquina. Eu o golpeei com o punho fechado entre as omoplatas e ele caiu com força na calçada. Sampson chegou logo depois, pôs o joelho nas costas dele e o algemou. Isso tudo levou menos de um minuto.

Rolei-o, olhei para o meu parceiro e disse:

– John, deseje Feliz Natal ao nosso velho amigo Latrell Lewis.

– Porra, Lewis! – berrou Sampson, até lembrar que ainda estava muito perto da igreja. – Desculpe.

Latrell Lewis e eu temos uma história desagradável. Começou meia década antes, quando ele, aos 15 anos, era menino de recados de uma das quadrilhas de segunda linha de Columbia Heights. Com a alcunha “Lit-Lat”, o moleque foi arrogante a ponto de tentar se virar por conta própria e estúpido o suficiente para ser capturado por mim e Sampson em sua primeira semana de carreira. Na última vez que o prendemos, Latrell acabou num lugarzinho lindo no interior do estado de Maryland, a Instituição Correcional Jessup, durante uma temporada de dezoito meses.

– Pensei que você estivesse engaiolado, Lit-Lat – falei.

– Talvez seja melhor aprender a contar... ou comprar um calendário, Cross.

Puxamos Lewis da calçada. Ele estava trêmulo, não só de nervoso como também por efeito da cocaína, heroína ou sei lá que droga andava comprando com o dinheiro da igreja. Não me importava. Sou psicólogo, mas não estava a fim de fazer diagnóstico e lhe dar alguma orientação de graça.

– Vamos lá. É véspera de Natal. Mostre um pouco de caridade – pediu Lewis.

– Ah, mostraremos, sim – disse. – Vamos lhe mostrar a mesma caridade que você demonstrou ter pela igreja e pelo pessoal que precisa daquele dinheiro para comer e se abrigar.

Nós o arrastamos pela calçada até uma viatura sem identificação. O vento ficou mais forte. A temperatura estava caindo. Dava para saber que uma verdadeira tempestade de inverno cairia na véspera de Natal.

– Vamos lá, cara. Não me ponha no carro da polícia – Latrell gemeu. – Isso seria triste demais para o Natal, cara. Eu precisava do dinheiro para comprar presente para o meu garoto. Sou pobre, cara.

Ergui os olhos para o céu branco. Depois os baixei para aquele pobre viciado.

– Você não tem filhos. E não seria pobre se largasse esse vício. Mas é Natal e não quero que fique triste, Latrell.

Ele me olhou, parecendo cheio de esperança.

– Sêrio?

– Sêrio. Vou lhe contar uma coisa. No caminho da delegacia, vamos cantar músicas de Natal e você pode escolher a primeira.

– E, para o seu bem, é bom que seja “Noite Feliz” – disse Sampson, enfiando-o no banco de trás e batendo a porta.

PARTE UM

FELIZ NATAL, ALEX

capítulo 1

DIZEM QUE DÁ SORTE QUANDO NEVA NA VÉSPERA DE NATAL. Não costumo acreditar nesse tipo de superstição, mas, se fosse verdade, este seria um dos melhores Natais da minha vida. O vento nordeste soprava forte na direção das Carolinas do Norte e do Sul, ao mesmo tempo que uma frente fria vinda de Ontário avançava para o sul do país.

Sampson e eu levamos Lewis para sua cela e o trancamos. Como só dali a dois dias haveria sessão no tribunal, parecia que, nessa temporada natalina, o homem do ano esperaria Papai Noel trancafiado.

Eram quase oito horas quando terminamos a papelada e fomos embora.

– Feliz Natal, Alex – disse Sampson do lado de fora.

– Para você também, John. Que tal dar uma passadinha para um drinque de Natal amanhã?

– Vou consultar minha agenda.

Peguei um táxi de volta para casa. Enquanto passava por Washington, notei os enfeites e as luzinhas espalhados por toda parte. O ritmo da neve ainda não aumentara muito, mas o tamanho dos flocos, sim. Cada um tinha mais ou menos o diâmetro de uma moeda de 25 centavos, e eram grossos, deixando a cidade como um daqueles globos transparentes que os turistas compram nos aeroportos.

Quando cheguei à nossa casa na Rua 5, no Southeast, eram quase oito e meia. O ar cheirava a torta de pecã. Bree e as crianças estavam perto da janela, ocupadas terminando de enfeitar a árvore. É claro que Nana Mama, Sargento Oficial de Todas as Festas, supervisionava cada mínima tarefa.

– Não ponha duas bolas verdes uma ao lado da outra, Damon. Tenha estilo ao enfeitar uma árvore – ela repreendeu com toda a autoridade de quem já tinha sido subdiretora de escola.

Bree pendurava num dos galhos um desenho desbotado dos três Reis Magos feito com lápis de cera. Reza a lenda que fiz aquele

enfeite quando estava no jardim de infância e Nana sempre o trazia à luz no Natal.

– Ora, vejam só quem saiu da nevasca – disse Bree, vindo em minha direção e me dando um beijo nos lábios. – Olá, querido.

Nana decidiu não olhar para mim. Apenas perguntou:

– Será que há alguma remota possibilidade, Alex, de você passar alguns minutos do Natal com a família? Ou estamos pedindo demais?

Eu deveria ter a sabedoria de não dizer nada a Nana e só lhe dar um beijo de Natal, mas nunca aprendo. Ela me provoca como ninguém neste mundo.

– Obrigado pela culpa! Toda embrulhada com um laço para o Natal – falei, oferecendo abraços à minha filha Jannie e ao meu filho Damon, em casa durante as férias de inverno da escola; e depois a Ava, a filha adotiva que Nana trouxera recentemente para o nosso teto.

– Parece que arranjou uma dose de bom senso, seu bobo – retrucou Nana Mama.

– Nana, quando recebi aquela ligação do padre Harris hoje de manhã, ele me disse que foi você quem sugeriu que ele me ligasse para ajudar a pegar o ladrão da caixa de doações – argumentei. – *E foi o que eu fiz.*

– O padre Harris disse isso? – perguntou Nana.

– Sim. Também disse que detestava me importunar na véspera do Natal, mas que você tinha feito questão, deixando bem claro que não seria incômodo nenhum, já que o seu neto não demoraria um minuto para resolver o caso do gatuno das esmolas.

– Humpf – resmungou ela, balançando a cabeça. – Imagine só, um padre inventando coisas! E logo o padre Harris. Mas também a gente nunca sabe. – Ela enfiou a mão numa caixa e se virou para Ava. – Tome aqui, querida. Ponha esse Menino Jesus de louça num galho baixo. Assim, se ele cair, não irá muito longe.

– Então está me dizendo que o padre Harris mentiu para mim na véspera do Natal, Nana?

Ela emitiu um muxoxo e franziu os olhos para mim.

– Só estou dizendo que o mundo fica mais triste quando um homem está longe de sua família na véspera do Natal. Mesmo um

detetive de homicídios importante e poderoso como você precisa ficar em casa com os entes queridos na noite da véspera do nascimento de Jesus.

Todos riram de Nana por implicar tanto comigo. Eu mesmo tentava conter um sorriso. Ela também.

– É horrível Ali não estar aqui – Jannie comentou, mencionando o meu filho de 6 anos.

– É mesmo – concordei –, mas a mãe dele também comemora o Natal.

– Já volto – disse Bree, saindo da sala.

Tive que admitir que a árvore estava maravilhosa contra a janela panorâmica salpicada de neve. Bree reapareceu com uma grande terrina de vidro de *eggnog* caseiro, outra tradição de véspera de Natal na nossa casa.

O *eggnog* foi preparado com muito, mas muito creme batido e polvilhado com noz-moscada, tão doce que cada xícara deveria conter duas mil calorias. Ela pôs a terrina ao lado de um prato de biscoitos amanteigados que também deviam ter, cada um, as mesmas calorias do *eggnog*. Mas e daí? Era Natal. Eu me servi de duas porções dos dois. Damon sintonizou uma estação de Natal no Pandora, fosse lá o que isso fosse, e o velho Nat King Cole cantou que, de agora em diante, todos os meus problemas acabariam. Muito embora Nana não parasse de implicar sobre eu ter ido trabalhar, parecia que aquela seria uma noite calorosa e maravilhosa.

Quando a música mudou para Mariah Carey cantando “All I Want for Christmas Is You”, Jannie, Ava e Bree começaram a dançar, enquanto Damon me contava uma incrível história real que leu na escola sobre Teddy Roosevelt subindo o rio Amazonas com o filho.

Então meu celular tocou.

Nem mesmo a voz transcendente de Mariah conseguiu impedir que aquele som sugasse toda a alegria da sala.

Baixei a cabeça, evitei fazer contato visual, fui até o saguão e atendi. Era o subchefe de polícia Allen Chivers.

– Estou interrompendo a véspera de Natal?

– Pois é – respondi.

– Detesto fazer isso, Alex, mas estou com um problemão. O tipo de coisa que parece que só você é capaz de resolver.

Escutei mais um minuto inteiro, a cabeça encostada na parede, sabendo exatamente por que a casa estava silenciosa.

– Tudo bem – falei. – Estarei lá.

Desliguei e voltei para a sala. Nana ergueu os olhos para o teto. As crianças desviaram o olhar com aquela cara de “Ah, de novo não”.

Bree balançou a cabeça e disse:

– Bom, fazer o quê? Feliz Natal, Alex Cross.

capítulo 2

ENQUANTO EU DIRIGIA PELAS RUAS QUASE desertas de Washington, a neve que uma hora antes parecera tão bonita agora estava simplesmente feia. Era triste largar a casa e a família e eu não podia evitar que ficassem zangados ou chateados comigo. Puxa, até eu estava chateado e irritado comigo. E com o meu emprego.

Que droga, pensei. Só havia uma pessoa no mundo que deveria trabalhar no Natal. E ele usava uma roupa vermelha e tomava montes de *eggnog* engordativo coberto de noz-moscada e creme batido. Que se dane, e que se dane o Papai Noel também.

Quando entrei em Georgetown pela avenida Pensilvânia, um ônibus na minha frente freou de repente a um centímetro da neve lamacenta. Derrapei e quase bati na traseira dele. Os malditos operários das obras públicas de Washington estavam em casa com a família. Os limpa-neves podiam esperar, certo?

Os limpadores de para-brisa estavam congelando quando procurei o endereço na Rua 30, em Northwest, bairro da cidade que era diametralmente oposto ao meu. Aquela era a terra do leite e do mel, do poder e do dinheiro, e as casas eram uma prova disso.

O número 1.314 era uma bela mansão de pedra calcária iluminada como a árvore de Natal da Casa Branca. Mas logo vi que a maior parte do efeito luminoso vinha dos carros da polícia, das lanternas, dos holofotes e das luzes das câmeras de TV. Estacionei, abri a porta, olhei para a mistura de lama e neve e praguejei.

Saí de casa tão depressa e tão irritado que não tive o bom senso de pegar um par de botas para usar na neve. Enquanto chapinhava rumo à fita que isolava a cena do crime, meus tornozelos começaram a congelar, ao mesmo tempo que pedaços de gelo e neve derretida entravam, de alguma maneira, nos meus sapatos.

Mostrei o distintivo ao patrulheiro que guardava a área, passei por baixo da fita e fui em direção às duas vans da Polícia Metropolitana estacionadas no gramado em frente a uma mansão de tijolos em estilo georgiano do outro lado da rua. A porta de um carro se abriu perto de mim. Um homem de meia-idade saiu e andou diretamente para onde eu estava. Vestia uma jaqueta de esqui verde e um gorro

vermelho. Tirou uma das luvas e estendeu a mão avermelhada e gorducha.

– Você é Alex Cross, não é? – perguntou.

Achei que conhecia a maioria dos policiais de Washington, mas esse, repleto de sardas e com o cabelo ruivo crespo escapulindo do gorro de esquí, era novo para mim.

– Sou – respondi, apertando sua mão.

– Detetive Tom McGoey. Seis dias inteiros no departamento. Originalmente de Staten Island.

– Feliz Natal, detetive. E bem-vindo a Washington. Acabei de receber um resumo do subchefe Chivers. Pode me contar tudo?

– Um presente de Natal um tanto mórbido para você. E para mim. Suspirei.

– É, isso eu já percebi. Vamos aos detalhes sangrentos.

capítulo 3

ENTRAMOS NO CARRO DE MCGOEY, QUE ligou o aquecedor no máximo e me contou os detalhes da história. Logo percebi que era mesmo uma situação complicada, com potencial para se tornar uma tragédia em grande escala.

A linda mansão pertencera a Henry Fowler, um excelente advogado que caíra em dificuldades. Diana, a ex-mulher de Fowler, agora era dona da casa e morava lá com o novo marido, o Dr. Barry Nicholson, e os três filhos: os gêmeos Jeremy e Chloe, de 11 anos, e o caçula Trey, de 6.

– Henry Fowler prendeu todo mundo lá – disse McGoey. – Está armado até os dentes e deixou bem claro que está disposto a morrer hoje.

– Que ótima notícia – comentei.

– E fica ainda melhor – continuou o detetive. – Melissa Brandywine também está lá dentro. – Ele apontou para uma mansão mais abaixo. – É a vizinha, mulher do deputado Michael Brandywine, do Colorado.

– O chefe me falou – resmunguei, fechei os olhos e massageei as têmporas. – Onde ele está? Brandywine?

– Em Vail com os dois filhos, aguardando a mulher para esquiar nas férias. Ela deveria ter pegado o avião hoje à tarde, mas cometeu o erro de trazer uma caixa de biscoitos para Diana antes de sair.

Engraçado como uma gentileza de cidade pequena pode se transformar em uma encrenca em Washington.

– Fowler disse por que está fazendo isso?

– Ele falou conosco uma vez, mas não deu nenhuma explicação – respondeu McGoey. – Não saberíamos de nada se Melissa não tivesse ido ao banheiro e mandado um torpedo para o marido contando o que estava acontecendo aí dentro.

– O deputado foi o primeiro a fazer a denúncia?

– Foi. E ameaçou ferrar com todo mundo se algo der errado.

Mentalmente, comecei a analisar a situação e deixar de lado toda a frustração por ter abandonado minha família na véspera do Natal.

Era hora de me concentrar.

– Fale de Fowler. Do divórcio. Tudo o que preciso saber.

– Não temos muita gente na base hoje. Por isso, ainda estamos esperando a maior parte da verificação de rotina. Mas sabemos que os Fowlers se divorciaram há dois anos. Foi ela que pediu. Encontrou um novo marido em dois meses, ou talvez antes, e foi em frente. Henry nem tanto, evidentemente.

– Alguma ideia das armas que Fowler tem?

– Ah, sim – respondeu McGoey, consultando o caderno. – Ele nos deu a lista na única vez que atendeu o telefone.

Fowler afirmava ter duas Glock 19, a arma de serviço padrão do Departamento de Polícia Metropolitana – o que significa que tenho uma. O bom da Glock é que ela dá dezenove tiros. O ruim é que dá dezenove tiros. Fowler também tinha duas espingardas de ação rápida calibre 12, dois fuzis AR-15 e várias caixas de munição para cada arma.

Duas de cada. Por quê?

Escrevi tudo no meu caderno, rabisquei *Muito tempo de preparação* e puxei uma seta para a lista.

– Isso é tudo? – perguntei.

– Até onde sabemos, sim. Bom, não falei dos sanduíches de geleia e manteiga de amendoim.

Franzi a testa.

– Não sabia que geleia e manteiga de amendoim eram armas fatais.

– Só para quem é como o filho caçula de Fowler – disse McGoey.

– Alergia a amendoim. Uma mordida e só terá uns dez minutos de vida.

capítulo 4

NA MINHA OPINIÃO, UM CASO COM REFÉNS em família é, sem dúvida, o pior tipo de situação que um policial pode enfrentar. Descobri isso há muito tempo, quando tinha 14 anos, para ser mais exato. Um viciado em cocaína chamado Willie Gonzalez fez a família refém na rua onde Nana Mama e eu morávamos. Depois que Gonzalez matou a tiros a mulher grávida e as duas filhas pequenas e em seguida se suicidou, vi um dos policiais que tinham negociado com ele. O pobre homem estava sentado no carro, chorando e bebendo uísque Jack Daniel's direto da garrafa.

Tive a infelicidade de participar de cerca de uma dúzia de missões desse tipo em minha carreira, algumas vezes como negociador principal, muitas outras dando assessoria psicológica. Há uma variedade de coisas que podem acontecer com um policial. Pode ser preciso acertar um tiro num terrorista, desenredar meticulosamente um sequestro ou até ser mais esperto do que um ou dois assassinos em série. Todas essas situações são capazes de criar um caos psicológico.

Mas lidar com alguém que mantém familiares reféns é como deter um caminhão pesado com uma sobrecarga de insanidade. Em geral, quem está com a arma – o mais comum é um homem obcecado e usuário de drogas, como Willie Gonzalez – já pirou a ponto de não dar a mínima para os reféns nem para o futuro. Ele joga a culpa de alguma coisa nele ou na família, mas não consegue explicar o que é nem ver a verdade das circunstâncias. É uma situação em que todos saem perdendo.

Quanto aos negociadores... bem, em geral somos inteligentes e bem treinados, mas raramente agimos como os heróis que se veem nos filmes. Se eu já vi o sequestrador dar ouvidos ao negociador, largar a arma e sair com as mãos levantadas? Claro, mas só umas duas ou três vezes. Está no terreno das possibilidades. E a probabilidade contrária é altíssima.

Saímos do carro e seguimos para as vans da polícia, de onde, segundo McGoey, outros policiais tentavam retomar o contato com Fowler. Uns três centímetros de neve cobriam o chão e a

tempestade só piorava. Agora eram os meus pés que estavam congelando.

– Será que eles têm botas extras?

O detetive olhou para os meus sapatos.

– Só estou aqui há seis dias – disse ele.

– Boa resposta – falei, lembrando quanto não gostava de frio e neve. – De quem é essa propriedade? – perguntei, apontando a mansão georgiana de tijolos na frente da qual o carro dele estava estacionado.

– Do embaixador da Nigéria. Não faço ideia de como se pronuncia o nome.

– Belo lugar o embaixador da Nigéria arranhou.

– É, metade do país dele morre de fome e o cara mora numa casa de seis quartos em Georgetown. Acho que também viajou no feriado.

– Provavelmente para Lagos. Já estive lá. Um verdadeiro buraco do inferno. Mas, pensando bem, dadas as circunstâncias aqui, talvez hoje eu também preferisse estar em Lagos.

capítulo 5

O COMANDANTE DA SWAT NAQUELA NOITE era Adam Nu, um amigo meu de longa data. Ele era o tipo de sujeito que sempre pensava em tudo. Depois de escutar a previsão do tempo, mandou seus homens montarem lonas e telas contra o vento atrás das duas vans da Polícia Metropolitana. Eles ainda arranjaram um carpete para colocar em cima da neve e, mexendo uns fios, acenderam algumas lâmpadas. Além disso, trouxeram um aquecedor a gás de 200 mil BTUs para combater o frio, enquanto os integrantes da equipe arrumavam o equipamento. Para completar, havia um par a mais de botas táticas pretas e meias de lã.

– Você sabe mesmo se preparar para uma nevasca, Adam – falei, sentando-me num banco dentro do abrigo improvisado para trocar as meias.

– Fui criado em Duluth por um pai que adorava pescar no gelo – disse Adam, dando de ombros.

– Já tem homens mobilizados? – perguntei.

Ele confirmou que tinha vários homens posicionados em distâncias e locais diferentes em torno da casa dos Nicholsons.

A neve tornava impossível pôr gente nos telhados das casas vizinhas, onde seria a posição ideal. Mas havia homens tentando encontrar os donos ausentes a fim de pedir permissão para entrar nas casas. Assim, os policiais poderiam se posicionar nas janelas, de onde conseguiriam ver dentro da residência dos Nicholsons com binóculos ou sistemas de imagens infravermelhas.

Ele também tinha policiais da SWAT com blindagem pesada no perímetro da propriedade, contornando a casa o tempo todo. Cada um deles levava um Sig Sauer P226, fuzil de alta potência com mira de precisão.

– Esses sujeitos não deviam estar em posição de tiro? – perguntou McGoey.

– Isso eu já tenho bastante – respondeu Adam. – E as pesquisas do FBI mostraram que homens em movimento fazem o elemento se descuidar. Às vezes ele se confunde e se revela.

– Plantas baixas? – perguntei.

– Ramiro tem uma aí dentro – disse ele, e entramos na van pela esquerda.

O detetive Diego Ramiro, outro amigo e negociador de sequestros com muito mais experiência do que eu, era um dos três homens dentro da van que ligavam para o telefone fixo da casa dos Nicholsons e para os celulares do médico, da mulher e da esposa do deputado Brandywine.

Pelo que sabíamos, Fowler pegara todos os aparelhos e gostava que tocassem sem parar. É assim que são essas situações com reféns em família: variáveis e esquisitas.

Ramiro, um sujeito robusto de 50 e poucos anos, desligou o próprio celular, me olhou com extrema frustração e disse:

– Alex, não poderemos fazer absolutamente nada se esse filho da puta não atender o telefone e falar conosco.

Eu já havia trabalhado com Ramiro. Ele não era de perder a calma. Só que, como eu e todo mundo lá, não estávamos em casa na véspera do Natal. Estávamos todos presos numa nevasca, esperando um lunático atender o telefone.

– Há quanto tempo estamos ligando para Fowler? – perguntei.

Diego folheou o bloco de notas.

– Começamos faz quase uma hora.

McGoey completou:

– Foi quando Fowler resolveu tagarelar sobre quem estava lá com ele e que tipo de armas e munições tinha.

– Continue falando com ele – instruí. – Mande torpedos, deixe recados. Não pare.

Ramiro concordou e deu a ordem aos outros. Fiquei ali escutando durante vários minutos, pedindo a Deus que tivéssemos mais informações sobre Fowler. O que o levava da vida de advogado rico para aquela situação desesperadora?

Eu mal me fizera essa pergunta quando Ramiro agitou o dedo para mim e McGoey e apertou um botão no celular. O aparelho estava ligado por uma conexão sem fio a alto-falantes dentro da van. Escutamos uma voz abafada de mulher, ruídos e depois um gemido. Prendemos a respiração e fitamos os alto-falantes como se fossem monitores de vídeo.

– Sr. Fowler? – começou Ramiro. – Obrigado por...

Tiros explodiram no outro lado da linha.
O show de horrores de Natal começara – ou, talvez, terminara.

capítulo 6

DAMON ESTAVA NA PONTA DOS PÉS numa cadeira bamba da cozinha. Suava e tentava ao máximo prender um delicado anjo antigo no alto da árvore de Natal.

– Espere que vou pegar uma escada e eu mesma subo aí – disse Nana Mama.

– Não preciso de escada e é claro que não vou deixar minha bisavó de 90 anos subir numa delas – retrucou Damon.

– Você só é preguiçoso – provocou Nana Mama. – É assim que seu pai o cria ou é nisso que você está se formando naquela sua escola chique?

Damon não sabia se ficava irritado ou se começava a rir do fato de ela implicar com ele desse jeito. Finalmente, os dedos dele conseguiram prender na árvore o anjo com um pedaço de renda branca antiga, que Nana Mama disse ter pertencido à avó dela.

– Pronto – disse ele, pulando da cadeira e olhando para ela. – Aplausos?

– Pelo quê? – perguntou a bisavó.

– Por colocar o anjo lá em cima?

– Ah, isso – disse Nana Mama. – Se tivesse buscado aquela escada para mim, eu teria feito muito mais depressa.

– E fraturaria o quadril – disse Bree enquanto começava a guardar os enfeites e as lâmpadas que não estariam na árvore esse ano. – Obrigada, Damon. O anjo está lindo lá em cima.

Nana Mama suspirou.

– Não entendo por que o alto da árvore é sempre a última coisa que enfeitamos. Deveria ser a primeira, para o anjo poder nos olhar enquanto decoramos o restante. Isso faz todo o sentido, não faz? – perguntou ela.

Damon não respondeu. Ninguém respondeu. Com exceção de Nana Mama, ninguém estava com muita vontade de falar depois que Alex saíra.

– Jannie, o que acha? – perguntou ela.

– Com todo o respeito, Nana – disse Jannie –, acho que a senhora está tentando nos distrair para que esqueçamos que papai

saiu para trabalhar num caso e pode se ferir no Natal.

Nana foi até Jannie e a abraçou com força.

– Que menina inteligente você é, Jannie. Esta é uma família de mulheres inteligentes.

Damon olhou para o teto e suspirou. Bree deu um sorrisinho e Nana tentou ao máximo voltar ao seu modo sensato.

– Aquele Alex... – Ela suspirou. — A culpa é minha. Confesso: não criei aquele garoto direito. Se tivesse criado, ele nunca seria idiota a ponto de sair no meio do Natal para trabalhar num caso horrível.

Mais uma vez, ninguém disse nada.

Bree ergueu os olhos das embalagens e comentou:

– É óbvio que Alex vai demorar para voltar, então não vamos deixar a peteca cair. Feliz Natal a todos!

– E a todos, boa noite — acrescentou Ava.

Nana tentou sorrir, mas os seus olhos se encheram de lágrimas.

– É – balbuciou ela. – Por favor, Senhor, que seja uma boa noite.

Damon se comoveu, foi até a bisavó e a abraçou.

– Será, Nana. Eu prometo.

capítulo 7

O SOM DOS SEIS TIROS ecoou no meu crânio.

Seis reféns, pensei. Acabou? Resgataríamos os corpos?

Então ouvimos os gritos histéricos das crianças.

– Papai, não!

Todos foram rapidamente encobertos por uma voz desagradável e raivosa que berrava nos alto-falantes da van:

– Eu poderia ter eliminado cada um desses tristes arremedos de humanidade, esses pobres merdas. Mas não. Sabe por quê? Porque ninguém abre os presentes na véspera do Natal. A gente espera o santíssimo dia do consumismo para fazer isso. Não é assim? Pois é... mas não desta vez, amigos! Acabei de abrir todos eles!

Fowler começou a rir como um louco feliz.

– Por favor, papai! – implorou uma voz de menina. Era Chloe Fowler.

– Por favor o quê? – rugiu Fowler. – “Por favor, não atire na Barbie, papai? Se atirar na Barbie, quem o Ken vai amar, papai?”

Então se ouviu uma voz masculina – o Dr. Nicholson:

– Você está assustando a menina, Fowler. Ela é sua filha.

– Não! – fungou Fowler com desdém. – É isso mesmo, *Barry*? Você sabe tudo, não é, *Barry*? O Sr. Oftalmologista, o médico fodão mais bem-remunerado do ano.

Uma arma disparou. Escutamos vidro se quebrando e mais choro.

– Está vendo isso? – berrava Fowler. – Está vendo, doutorzinho? Cale essa boca ou vai ficar igual a tudo o que está debaixo da árvore de Natal. – Ele começou a cantar. – Feliz Natal a todos! Feliz Natal a todos!

– Sr. Fowler! – berrou Ramiro no celular.

– E um Ano-Novo também! – cantou Fowler, depois parou.

Ouvimos passos. Em seguida, pegaram o fone.

– O que o velho Henry, o mágico destruiu com sua varinha, senhoras e senhores do júri? – sussurrou Fowler. – Alguém tem um palpite? Alguém?

Ele fez uma pausa. Os três me olharam, confusos. Antes que eu sequer pensasse em interpretar os desvarios de Fowler, ele disse:

– Ah, vejamos. Um lindo iPad novo. Acertei bem na maçã... e aqui temos o que já foi um Xbox com Kinect. Senhoras e senhores do júri, o querelante deveria me agradecer e não me processar. Agora meus filhos idiotas terão mais tempo para o dever de casa. E a bugiganga da Tiffany da minha ex-mulher? Ora, vamos lá, já viu tanto lixo com preço tão alto? Deveria haver uma lei contra a Tiffany e a Nordstrom. Quero dizer, vejam só aquele lindo suéter polo azul do Barry. Caxemira não detém balas, detém, senhoras e senhores?

Fowler parou de falar. Só conseguíamos ouvir a sua respiração apressada e me perguntei se estaria drogado, bêbado ou as duas coisas.

– Ei, Sr. Fowler – disse Ramiro com calma, com cuidado, quase com suavidade, do jeito que ensinam nos cursos do FBI sobre negociação com sequestradores.

– Quem é? – berrou Fowler de volta.

– Eu me chamo Ramiro. Estou contente de ouvir que as pessoas que o senhor prendeu aí dentro estão bem. É uma boa notícia.

Fowler explodiu:

– Quem é você? Mais um policial chorão de merda? Você realmente acha que essa gente aqui está bem, policial chorão de merda? Assim que o sol nascer e todas as Cindy Lou Quem de Quemlândia tiverem cantado a sua musiquinha, vou explodir a cabeça deles de uma vez por todas!

As crianças voltaram a chorar.

Ramiro olhou para mim. Fiz um gesto movimentando as mãos para baixo. Fique calmo. Faça tudo com calma.

– Entendo o que está dizendo, Sr. Fowler – disse Ramiro. – Que tal conversarmos e esclarecermos tudo?

Bom, pensei. Envolvê-lo calmamente. Criar um terreno comum.

– Você é um tipo de negociador de sequestros? – perguntou Fowler.

Ramiro hesitou. Nada bom.

– Sou só um sujeito que quer escutar o que tem a dizer, Sr. Fowler.

– Pode dizer isso ao júri, seu chorão de merda! – berrou Fowler. –
Nunca mais falo com você. *Nunca*.
E desligou.

capítulo 8

DO LADO DE FORA O VENTO COMEÇAVA A AUMENTAR, espalhando a neve. O gramado diante da casa dos Nicholsons sumira debaixo dos 8 centímetros que já tinham caído.

– Como lidamos com esse sujeito, Alex? – perguntou Ramiro. – Ele é um psicótico.

– Ou está cheio de algo mais forte do que raiva – falei.

Adam Nu estava ao telefone com o deputado Brandywine, tentando lhe garantir que, até onde sabíamos, a mulher dele ainda estava viva entre os reféns lá dentro. Estudei as anotações que tinha feito depois que Fowler desligara, tentando ver algum tipo de padrão no seu desvario.

Falara conosco como se fôssemos o júri e ele defendesse um cliente num tribunal. Admitira ter atirado nos presentes de Natal. Chamara o marido da ex-mulher de “Sr. Oftalmologista, o médico fodão mais bem-remunerado do ano”. Era claro que detestava Barry Nicholson e que tinha profundo ressentimento com relação a dinheiro. Chamara o Natal de “santíssimo dia do consumismo”. Falara mal da Tiffany. Chegara a citar Cindy Lou Quem e a Quemplândia, da história do Grinch.

Seria assim que ele se via? Como o Grinch? Batuquei no bloquinho e percebi uma coisa: por que eu não ouvira o grito das duas mulheres? Talvez uma, bem no começo, antes que Fowler começasse a atirar. Mas, a partir daquele ponto, nenhuma voz de mulher. Estariam mortas?

Não. Ele teria feito referência a atirar nelas. Portanto elas estavam lá, mas sem falar. Por quê? Para não perturbarem...

– Alex – chamou McGoey.

Ergui os olhos. O detetive me entregou um tablet e disse:

– Os caras lá do centro acabaram de mandar o arquivo de Henry Fowler.

Adam desligou o telefonema com o deputado. Cada um de nós usou um tablet para examinar as fichas da polícia, as avaliações psicológicas e as notícias que Henry Fowler gerara a caminho daquele impasse com reféns. Pulei a ficha criminal por enquanto,

querendo entender quem ele fora antes de tudo aquilo. De certa forma, era como dar um passeio com o Fantasma dos Natais Passados.

capítulo 9

O INÍCIO DA HISTÓRIA DE FOWLER foi promissor. Nascido numa família de professores de classe média, frequentou a New Trier High, uma boa escola pública num subúrbio de Chicago, depois fez faculdade e pós-graduação em Direito em Georgetown. O departamento conseguiu até desenterrar a foto de formatura de Fowler na faculdade. Ele foi o terceiro da turma e o fato de parecer irmão de Tom Brady, o craque de futebol americano, não deve ter atrapalhado.

Depois da faculdade, Fowler foi parar no Foley Haig, um dos melhores e mais antigos escritórios de advocacia da capital americana. Logo Fowler se tornou conhecido. Tinha as características perfeitas para um advogado de defesa em processos cíveis: perseverança, eloquência clássica e uma atitude de matador.

Havia reportagens lisonjeiras sobre ele no *Post* e no *Times*. Ao ler, percebi que já ouvira falar dele. Anos antes, novecentas mulheres abriram um processo conjunto contra uma rede varejista nacional, acusando-a de pagar salários baixos demais e de perseguição no local de trabalho.

Bree e eu tínhamos conversado sobre o caso num dos nossos primeiros encontros. Sei que não foi um assunto muito romântico, mas a minha então futura mulher acompanhara o caso quase obsessivamente porque trabalhara na empresa antes de entrar para a polícia. Acreditava que as mulheres tinham sido tratadas de forma injusta porque também fora tratada assim naquele emprego.

No entanto, Fowler representou a rede de lojas e venceu, embora todas as reportagens apontassem que o forte dele não eram os processos trabalhistas. Ele se especializara em defender empresas farmacêuticas em processos de morte por negligência.

Antes do caso trabalhista, ele tinha representado uma empresa de biotecnologia da Califórnia processada por familiares de participantes do estudo de um novo medicamento para a doença de Huntington que morreram logo após o tratamento. Fowler argumentara de forma convincente que os pacientes em questão eram doentes terminais na época do estudo, que tinham esperado

um milagre e que sua cliente não podia ser considerada culpada por não fazer milagres.

Depois da grande vitória trabalhista, Fowler voltou aos litígios farmacêuticos. Foi contratado para defender uma das grandes empresas do setor contra acusações de que o novo medicamento para hepatite A provocara lesões neurológicas em 10% dos pacientes.

Fowler venceu de novo. O medicamento continuou no mercado.

– Ele deve ter ganhado uma fortuna com isso – comentei.

McGoey concordou.

– Pagou um milhão de imposto de renda naquele ano. Faça as contas.

– Até aí ele estava cheio da grana – concordou Adam, que estava lendo algo em sua tela. – Mas alguma coisa aconteceu. Anos depois, tudo começou a desmoronar.

capítulo 10

— ONDE VOCÊ VIU ISSO? — perguntei a Adam. — Registro de divórcios?
— Isso é confidencial — respondeu o tenente da SWAT. — Você ainda não analisou a ficha dele, Alex? O cara não veio escorregando devagar. Ele pulou de um penhasco.

Voltei, achei a ficha, abri e logo vi do que Adam estava falando. Cerca de um ano depois de a mulher pedir o divórcio, Fowler foi preso por dirigir alcoolizado. Nunca tivera problemas com a lei antes. Isso mudou muito no decorrer dos seis meses seguintes.

Nesse período, ele foi acusado de dirigir alcoolizado mais duas vezes e perdeu a habilitação. Mas isso não o fez parar. Numa ocasião, foi visto comprando drogas em Anacostia; em outra, foi detido com metanfetamina e heroína preta. Um mês depois, foi preso totalmente chapado, acusado de surrar uma prostituta. Aparentemente, ele a culpava pelo que se tornara.

Sete vezes, pelo menos, a Polícia Metropolitana foi chamada à residência de Fowler por vizinhos que se queixavam de distúrbios domésticos. Nove meses depois dessa mudança radical de comportamento, Fowler perdeu o emprego por decisão dos sócios. Após dois meses, a ex-mulher de Fowler mandou trocar as fechaduras da casa e conseguiu um mandado judicial para impedir que ele tivesse contato com ela e com os filhos.

O processo só afastou Fowler ainda mais de quem ele era. Não se passava um mês sequer sem que surgisse algo interessante na ficha do advogado. Acusações por intimidar uma testemunha no julgamento do divórcio e por agredir os filhos... posse ilegal de armas de fogo...

Na noite em que a separação foi oficializada, Fowler arrombou a casa de um ex-amigo e roubou tudo em que pôs as mãos. Foi preso e passou noventa dias na cadeia, sua primeira temporada na prisão, mas não a última.

A ex-mulher anunciou a intenção de se casar com o Dr. Barry Nicholson, velho amigo da família, e, uma semana depois, Fowler apareceu muito doido no consultório do oftalmologista, armado com

uma faca. Ameaçou Nicholson e aterrorizou a equipe do consultório durante quase uma hora até ser dominado e preso.

Nicholson se recusou a abrir um processo, afirmando acreditar que Fowler sofria de doença mental e que a mudança radical de comportamento era resultado de algo orgânico, e não ambiental. O tribunal ordenou que Fowler passasse por avaliação psiquiátrica, mas nada conclusivo foi encontrado e, por fim, ele foi libertado.

Em seguida, Fowler tentou atrapalhar o casamento da ex-mulher. Os seguranças o puseram para fora, mas todos o ouviram berrar que Barry Nicholson e a sua ex-mulher estavam condenados. Desde então, a vida de Fowler ficou ainda mais miserável e desesperadora.

Para sustentar o vício, tentou se tornar traficante. Não teve sucesso e morou algum tempo nas ruas, nas instalações elegantes de sempre: caçambas de lixo, casas abandonadas, banheiros públicos. Depois, uma prostituta de terceira categoria conhecida como Patty Paradise o levou para morar com ela. A própria Patty era uma viciada patética, com tremores, dentes podres, HIV, todo o catálogo de problemas que acompanham a dependência de metanfetamina.

Recentemente, Fowler passara quatro meses na cadeia do condado de Montgomery, no estado de Maryland, acusado de furto.

– Ele saiu no dia seguinte ao de Ação de Graças – observou McGoey –, o que lhe deu 28 dias inteiros para se preparar para isto.

– A menos que já estivesse se preparando antes – falei, esfregando as têmporas. – Como um antigo chefe meu costumava dizer: “Não há descanso para os maus nem botão soneca na bomba-relógio humana.”

capítulo 11

NA HORA QUE SE SEGUIU, Fowler não atendeu mais o telefone. Os integrantes da equipe de Adam Nu vestiram camuflagem de neve e se aproximaram da casa com dispositivos de escuta. Voltaram às 22h50 e recomendei a Tom McGoey que convocasse uma rápida reunião com os líderes de equipe.

Nós nos reunimos junto às duas vans, no abrigo improvisado que estava surpreendentemente quente e seco, apesar do tempo.

– Ele já está há quase quatro horas mantendo os reféns sozinho – comecei. – Isso não é bom. Com um parceiro, Fowler poderia dormir. Sem um, cada minuto vai ficando mais difícil para ele, porque tem que ficar de olho nas pessoas que mantém presas, desconfiar de cada fresta do assoalho...

Um dos sujeitos da SWAT, um policial pequeno e com cara de durão chamado Jacobson, se aproximou. Estava vestindo uma camuflagem de neve e interrompeu:

– Ele está sob efeito de alguma coisa.

– Fez contato visual? – perguntou McGoey.

– Por um segundo, quando tentamos instalar um aparelho de escuta. Fowler passou pela nossa linha de visão com as armas dele.

– Como ele se movia? – perguntei.

– Andava depressa, agitado. Meu palpite é metanfetamina.

Fazia sentido. Naquela época, na cadeia, a metanfetamina circulava como canapés numa festa. E, nos últimos anos, ficara igualmente popular nas ruas de Washington.

Todo mundo sabia que Fowler era usuário.

– Ou seja, dependendo de há quanto tempo ele está nessa onda, pode pirar a qualquer momento – disse Adam.

Um viciado após um excesso de metanfetamina é um caos que anda e fala. Nos primeiros dias, as emoções oscilam. Num momento, sociável. No seguinte, paranoico. Está eufórico e, logo em seguida, mergulha nas profundezas da depressão. O problema é que, em certo momento, em geral depois de passar vários dias acordado, a droga costuma provocar um ataque de fúria selvagem

em que o viciado enlouquece tentando destruir tudo e todos à sua volta.

– Alguma ideia de quanto tempo falta para isso? – perguntei a Jacobson.

O policial da SWAT fez que não com a cabeça.

– Pelo que vi, não dá para saber.

– Temos algum aparelho de escuta instalado? – perguntou McGoey.

Jacobson negou outra vez.

– Neve e gelo demais. Ficamos com medo de que ele atirasse nos reféns se escutasse a gente tentando limpar o lado de fora da janela.

– Está certo – respondi.

Adam nos informou que os seus homens tinham conseguido permissão para entrar nas casas vizinhas à residência dos Nicholsons e que já estavam a postos.

– Vou pôr dois atiradores em cada casa e equipes de ataque ao alcance de todas as portas: frente, fundos, pátio, cozinha e garagem. Se distrairmos Fowler na porta da frente, onde esse tipo de gente costuma concentrar a atenção, talvez dê para entrar pelos fundos.

– Sistema de alarme? – indaguei.

– Boa pergunta – disse Adam. – Vou mandar desligar.

A discussão passara para a caçada a Fowler. Isso me frustrava, mas, se o homem não falava, o que mais poderíamos fazer?

– Vamos discutir o momento certo – disse McGoey. – Acho que quanto mais a gente esperar...

Notei algo que me fez parar de lhe dar atenção no meio da frase. Por cima do ombro de Adam e por uma fenda nas lonas, vi uma mulher andando na nossa direção. Ela estava toda agasalhada e caminhava com dificuldade por causa dos agora 10 centímetros de neve que revestiam a cidade. A luz de um carro que passava iluminou seu rosto por alguns segundos.

Era Bree.

O que minha mulher estava fazendo ali?

capítulo 12

— COM LICENÇA, CAVALHEIROS. Volto já – falei e me afastei do grupo.

Bree entrou no abrigo.

– Ei – eu disse, indo até ela. – O que houve?

Ela tirou o capuz.

– O que houve? – perguntou Bree num sussurro. – Quando saí de casa, Nana estava se debulhando em lágrimas, certa de que você morreria na véspera do Natal.

Meu estômago se revirou.

– Mas eu estou bem, como você pode ver. Vou ligar para ela.

– Ela já foi para a cama.

– Você deveria seguir esse exemplo.

– E você acha que eu conseguiria dormir, Alex?

Suspirei.

– Bree, você, mais do que ninguém, sabe como isso funciona.

– Sei como funciona com você – disse ela. – Consigo dizer não ao serviço, mas você não consegue, Alex. Isso não é bom para você nem para a sua família. Ainda mais no Natal.

– Às vezes a gente não pode dizer não, mesmo sendo Natal – respondi. – Às vezes temos um maluco cheio de metanfetamina que decide que a festa é a hora perfeita para fazer reféns os três filhos, a ex-mulher e o novo marido dela.

Bree cruzou os braços e desviou os olhos.

– Você tem uma família que acha que as outras famílias em crise sempre vêm em primeiro lugar – resmungou.

– Isso não é justo, Bree.

– Talvez não seja – disse ela, me olhando de novo. – Mas achei que seria importante você saber que é o que seus filhos pensam.

Senti a cabeça e o peito pesados.

– Fico muito triste por ouvir isso, Bree. E a coisa que mais quero neste momento é voltar para casa, acordar amanhã de manhã e abrir os presentes. Mas, francamente, não sei como me sentiria se eu fizesse isso e depois descobrisse que esse sujeito assassinou a família inteira quando eu talvez fosse capaz de impedir.

Bree me olhou; estendeu a mão e tocou o meu rosto com os dedos gelados.

– Você tem que fazer o que é preciso. Só quero que se lembre de que há consequências em tudo.

Fiz que sim, perguntando-me se o nosso relacionamento começava a sofrer essas consequências.

– Amo você – falei. – E tenho que voltar ao trabalho para ter a oportunidade de estar com a minha família na manhã de Natal.

Os olhos de minha mulher estavam cheios de uma mistura de compreensão e resignação. Ela tocou meu rosto de novo. Depois se virou e deixou o abrigo. Saí na tempestade e gritei para ela:

– Tome cuidado no volante!

Ela gritou por cima do ombro:

– Vou rezar por você, Alex. É só o que posso fazer.

capítulo 13

BREE CONTINUOU ANDANDO E SUMIU na tempestade atrás da barreira da polícia. Fiquei ali, olhando para ela, a mente rodando e pensando em minha família.

O que eu estava *fazendo*? Ramiro, Adam e McGoey eram todos de primeira linha em seu serviço. Achei que, em parte, o subchefe me chamara só para acalmar o deputado. Mas eu precisava mesmo estar ali? Não poderia deixar a situação em mãos competentes e voltar para casa com Bree?

– Alex! – chamou McGoey.

Virei-me, franzi os olhos no vento e na neve e o vi em pé na abertura da tenda.

– É Fowler – disse ele. – Atendeu o telefone. Quer falar com você.

– Comigo? – perguntei, andando em sua direção e tentando registrar o que ele quisera dizer.

– Ele não chamou você especificamente – disse McGoey. – Só quer alguém que não seja Ramiro.

Atravessei o abrigo, tirando a neve do gorro e do casaco, e entrei na van, tentando me esquecer por um momento da conversa que tivera com Bree. De certa forma, tinha mesmo que me separar por completo da tristeza e da ansiedade que ela me provocara. Caso contrário, não estaria em condições de negociar com um maluco.

Ramiro me entregou o telefone.

– Henry Fowler? – perguntei.

Ele tossiu.

– Quem fala?

– Eu me chamo Alex Cross – respondi.

Houve uma longa pausa antes que ele dissesse:

– Já ouvi falar de você.

– E eu do senhor – retruquei. – O senhor é um homem impressionante, Sr. Fowler.

Ao ouvir isso, ele deu um riso sarcástico.

– Sou um fodido, Cross. Vamos ser claros, porque não sou mais, de jeito nenhum, o homem que fui.

– Como quiser – concordei e fiz uma pausa. – Então o que nós estamos fazendo aqui?

– Nós? – perguntou Fowler. – Aqui não há nós. São só você, Cross, e todos os seus amigos bem-armados aí fora, os membros do júri, querendo estragar a minha diversão.

Diversão. Fechei os olhos. Não era o que eu queria ouvir. Isso significava que ele planejava brincar conosco e com os reféns. Teria prazer nisso e tentaria prolongar a experiência. Parecia que aquela seria uma longa noite de Natal.

– Então é isso? Um jogo? – perguntei. – Ou um julgamento?

– Os dois – disse ele, com voz sensata. – Julgamentos são assim, não são? Um jogo com intenção fatal?

– Pode-se dizer que sim.

– “Pode-se dizer.” Antes de continuarmos, Cross, vou lhe dar um conselho.

– Diga.

Fowler começou a gritar:

– Não tente me foder! Não minta para mim! E não tente me manipular. Se você fizer isso no meu tribunal, você perderá!

Mantive a voz firme:

– Entendi, Sr. Fowler. Não mentirei para o senhor nem tentarei manipulá-lo. Mas eis um conselho que lhe dou em troca: o senhor pode falar e prometo que vou escutar. Vou escutar de verdade. Mas agora... eis a parte importante... escutarei até certo ponto.

– Quando chegamos a esse ponto? – perguntou ele, agora mais calmo.

– Quando eu disser – respondi, arriscando-me.

Na verdade, não seria eu a dizer quando as negociações cessariam e o ataque seria autorizado. Mas queria que Fowler acreditasse que eu tinha esse poder. Queria que acreditasse que falava diretamente com o chefe.

Um silêncio, depois Fowler voltou a falar:

– Tudo bem, Alex Cross. Vamos começar o acordo. Você será o presidente do meu júri.

capítulo 14

ANTES QUE EU PUDESSE RESPONDER, Fowler pareceu afastar o fone da boca, porque sua voz soou bem mais distante quando começou a gritar:

– Eu juro, é melhor essa catarrenta calar a boca, Diana. *Faça ela calar a boca! Agora!*

Consegui ouvir Chloe chorando histericamente. Também ouvi Diana Fowler Nicholson dizer:

– Henry, pelo amor de Deus, ela está apavorada, cansada e com fome.

Sem perder um instante e com sarcasmo frio na voz, Fowler retrucou:

– Se ela está com fome, mande-a comer o sanduíche que eu trouxe. – Depois, ele soltou um risinho nauseante. – Manteiga de amendoim e geleia, o favorito do pequeno Trey. Não se preocupe, guardo um pra ele.

Diana de novo:

– Henry...

– Cale essa merda dessa boca, *Diana!* – berrou Fowler. – Francamente, não tenho motivos nem a mínima vontade de falar com você!

Em seguida, ouviram-se dois tiros.

Com a voz calma, Fowler disse:

– Lá vai o seu precioso vaso Ming e a sua linda cigarreirinha de cristal Swarovski, Diana. Só quero que entenda bem o que está acontecendo: esta sala, a sua vida, não passa de uma grande galeria de tiro ao...

A voz do Dr. Nicholson o interrompeu:

– O que deu em você, Fowler? Você não passa de um...

Outro tiro. O suor escorria pela minha testa. Não havia nenhum som além do choro das crianças. De repente, Fowler voltou a gritar com sua voz de maluco:

– Escute aqui, seu charlatão patético! Você é quem mais quero pôr no túmulo, entendeu? Você é quem mais quero matar. Entendeu direitinho?

O médico não respondeu.

– *Entendeu bem, Barry?* – berrou Fowler.

– Ouça-o, Barry. Por favor, ouça-o – implorou Diana.

– Estou ouvindo – disse o médico, baixinho. – E é claro que entendi.

Agora Fowler falou com uma fúria quieta e controlada:

– Ninguém nesta sala deveria ter nada a dizer, nada mesmo. Nem uma palavra. Mas essa regra é especialmente para você, charlatão. Então me escute com muita atenção. Se disser mais uma palavra, só... uma... palavra... Se fizer qualquer som que seja, até uma tosse ou um soluço... matarei você. Faça que sim com a cabeça se tiver entendido as regras.

Supus que o Dr. Nicholson tivesse concordado, porque a voz de Fowler voltou para mim como se retornasse a um telefonema profissional que deixara à espera.

– Oi, Cross. Desculpe fazer você esperar. Sabe, os tribunais podem ser rígidos.

– É verdade – concordei, ainda sem entender direito a lógica distorcida que ele seguia. O tribunal. O júri. O Grinch. Então percebi que tentar guiá-lo para uma solução segura talvez não fosse a melhor maneira de avançar, pelo menos não ainda. Talvez fosse melhor adotar a versão dele da realidade.

– Sr. Fowler, como o senhor me nomeou presidente do júri, gostaria de saber se eu poderia entrar na casa e observar o processo – falei sem rodeios, como se pedisse emprestado o aparador de grama.

Adam e McGoey me encararam como se eu estivesse louco.

capítulo 15

HOUVE UMA LONGA PAUSA antes que Fowler dissesse:

– Por que quer fazer isso, Cross?

– Os membros do júri não levam em consideração tanto as expressões faciais e a linguagem corporal das testemunhas quanto o seu depoimento?

Outra pausa. Essa se estendeu por trinta segundos, que pareceram os mais demorados da minha vida.

O meu medo era que Fowler explodisse de novo e virasse as armas para os reféns. Pude ver McGoey balançar a cabeça como se soubesse que eu dera um passo errado.

Por fim, Fowler disse:

– Acho que não, Cross. Bela tentativa, mas acho que não.

Persistência. Persistência.

– Isso me daria a oportunidade de ouvir o seu lado da história – argumentei. – Cara a cara. De homem para homem.

Mais alguns segundos.

Então Fowler disse bem baixinho, com muita calma:

– Vou revistar você quando entrar, Cross. Se eu descobrir que está armado, mato você. Depois mato um ou dois reféns. Começando com o bom Dr. Charlatão.

– Não preciso de armas para conversar – falei e entreguei minha Glock a McGoey.

Quinze segundos se passaram. Depois, Fowler instruiu.

– Jeremy, vá abrir a porta para o Sr. Cross. Vou ficar bem atrás de você. Portanto, nem pense em sair correndo da casa, entendeu? Ótimo, então vá andando. – Acho que o menino não andou rápido o suficiente, porque ouvi o pai, na véspera do Natal, berrar com o filho de 11 anos. – Ande, Jeremy, senão chuto a merda da sua bunda gorda até você andar!

Conferi as horas no meu relógio. Era quase meia-noite quando peguei o casaco e o gorro e segui na direção da casa dos Nicholsons.

Atravessei o abrigo agora vazio e saí. Enquanto a neve caía, pensei que naquele momento eu deveria estar com a minha família

na igreja Saint Anthony, cantando músicas natalinas na Missa do Galo.

capítulo 16

ENQUANTO EU ESTAVA NO TELEFONE COM FOWLER, Adam e McGoeey tinham posto a operação resgate em pleno andamento. Enquanto atravessava a Rua 30, vi que os policiais da SWAT tinham voltado a rondar a casa. Só que dessa vez eles empunhavam as armas engatilhadas. Estavam prontos para tudo o que pudesse acontecer nos minutos seguintes. Meu assassinato, por exemplo.

No segundo e terceiro andares das casas a nossa volta, atiradores estavam a postos. Dentro daquelas quatro casas, luzes se acendiam e apagavam devagar.

Estavam trocando mensagens. Nem tentei compreender o que significariam. Tinha outros problemas para resolver... e depressa. Em poucos segundos, eu estava na frente da casa. Olhei para a direita e vi policiais expulsando alguns repórteres. Não tiveram que pedir duas vezes, o que me deixou com dúvidas se eu estava dando o passo certo.

A neve encharcou as bainhas das minhas calças quando percorri o caminho curto até a casa. A grande porta da frente, flanqueada por janelas de vidro fosco, estava entreaberta. Do lado de dentro, veio o som de Diana Nicholson chorando. De repente, a luz se apagou. Blecaute total nas salas da frente, no corredor e na área externa.

Engoli em seco e pisei no degrau de tijolos. A porta da frente se abriu por completo. Um saguão central surgia bem à frente. Foi quando vi a imagem de um menininho gordo correr pela escuridão, soluçando, e sumir à direita.

A noite estava tão silenciosa que, por um instante maluco, achei que escutava os flocos de neve caindo. Pisei no saguão. A porta se fechou e, imediatamente, ouvi Fowler atrás de mim, a respiração pesada.

– Feliz Natal, Cross – disse ele e acendeu as luzes, revelando o papel de parede de veludo adamascado, coisa caríssima, em ambos os lados do saguão.

– Para o senhor também, Sr. Fowler.

– Mãos na parede – ordenou. – Você sabe como é. – Ele deu uma risadinha. – Sempre quis dizer isso a um policial.

Eu nada respondi, só pus as mãos na parede e abri as pernas.

– Espero não ter cometido um erro deixando você entrar – disse Fowler.

– Bom, então somos dois – retruquei, antes de sentir o aço frio do cano de uma pistola na minha nuca.

capítulo 17

FOWLER FEZ UM SERVIÇO DE PROFISSIONAL ao me revistar. Provavelmente porque ele mesmo fora submetido a revistas pelo menos trinta vezes nos últimos anos. A arma saiu da minha nuca.

– Dedos cruzados atrás da cabeça – instruiu. – Agora ande e vire à direita no fim do corredor. Se os seus dedos escorregarem ou eu tiver a mínima impressão de que tentará me atacar, eu atiro, Cross. Atiro primeiro e não faço perguntas depois.

Acreditei na palavra dele, pus as mãos onde ele queria e andei até onde o filho dele desaparecera.

– Há uma poltrona à sua direita – disse Fowler. – Sente-se nela, as mãos no colo.

Parecia que uma pequena guerra tinha sido travada na sala de estar. Uma grande árvore de Natal estava caída de lado, os galhos esmagados ou quebrados, enfeites estilhaçados, as lâmpadas apagadas. As consequências dos disparos estavam por toda parte: pedaços de metal do iPad, pedacinhos dourados do que Nicholson mandara embrulhar na caixa da Tiffany... restos quase irreconhecíveis dos presentes.

Para minha angústia, as cortinas de todas as janelas tinham sido fechadas. Ninguém do lado de fora conseguiria me ver nem ver Fowler ou as três crianças e os três adultos deitados de barriga no chão ao lado das ruínas da árvore de Natal. Pude sentir a esperança suplicante e o medo nos olhos deles, vermelhos de fadiga, tensão e choro.

Diana Nicholson, mulher extremamente atraente, em ótima forma, vestia apenas jeans e um top preto de corrida. Eu não fazia ideia do motivo. O novo marido era um sujeito grande e bonito, que parecia ter acabado de desembarcar de um veleiro. Tudo nele exibia riqueza e privilégio, a não ser o suéter de Natal verde e vermelho rasgado quase ao meio nas costas.

Eu também não fazia ideia de por que estava assim.

Melissa Brandywine, a mulher do deputado, estava deitada ao lado de Nicholson e da mulher. Freqüentadora de colunas sociais, tinha um cabelo cor de cobre que parecia recém-saído do salão de

beleza. A maquiagem também estava impecável. Mas ela tremia incontrolavelmente, como se estivesse com muito frio. Por que Fowler a metera nisso? Havia um motivo ou fora puro azar?

As crianças formavam uma imagem ainda mais triste do que a dos adultos, talvez por estarem de pijama na noite de Natal e a sua inocência ter sido destruída. O pequeno Trey chupava o dedo. Chloe abraçava uma almofada estampada com azevinho, sinos e fitas vermelhas. O gêmeo Jeremy olhava para o nada. Vi uma mancha escura na calça do pijama dele e percebi que o pobre garoto ficara tão assustado e fora tão humilhado pelo pai que fizera xixi.

Assim, eu já odiava Fowler quando ele deu a volta, parou na minha frente e me mostrou quanto decaíra desde os dias de glória na Rua K e nos tribunais. Em vez dos ternos italianos de sua preferência, ele vestia jeans imundos e uma jaqueta rasgada do Exército. Perdera 20 ou 30 quilos desde aquela época. Os olhos estavam fundos e faltavam vários dentes em sua boca. Havia crostas no rosto que tinham sido arrancadas e sangravam. Ele segurava uma Glock 19 e uma espingarda Remington cujo cano fora grosseiramente serrado.

Fowler me fitou por alguns segundos desconfortáveis e depois sorriu, exibindo as falhas apodrecidas onde antes havia dentes.

– Tem tempo para uma piada, Cross? – perguntou. – Aliviar um pouco a situação? Espírito do Natal e tudo o mais?

capítulo 18

EU COMEÇAVA A SENTIR A PERTURBAÇÃO QUE Fowler parecia emanar por todos os poros. Também dava para sentir um cheiro. Ele fedia com aquele mesmo odor corporal azedo e estranho que possuem os malucos que moram muito tempo nas ruas.

– Era uma vez um homem ignorante e distraído – começou Fowler. – Ele está sentado na varanda de um bangalô alugado em St. John com a linda mulher. Belo pôr do sol. Bronzeado lustroso. Eles tomam uma garrafa maravilhosa de borgonha *grand cru* da Côte d’Or. A mulher diz: “Amo você.” O homem a encara e pergunta: “É você que está falando ou é o vinho?” Ela o olha como se ele fosse um idiota e responde: “Na verdade, querido, eu estava falando com o vinho.”

Fowler olhou para todos na sala. Ninguém ria. No mínimo, estavam ainda mais aterrorizados do que antes de ele contar a piada.

– Você se lembra disso, não é, Diana? – perguntou Fowler.

– Não, Henry, não me lembro – respondeu ela.

Ele sorriu de forma ameaçadora.

– É claro que se lembra. Caso não se lembre, deveria. Um exemplo perfeito de como éramos naquele...

– Pare! – gritou Diana. – Você tem que parar com isso, Henry. Pelo menos deixe as crianças saírem.

– Não seja desmancha-prazeres, Diana. Entre na brincadeira – disse Fowler, fazendo-lhe um gesto de desdém antes de me olhar. – A minha querida ex-mulher nunca lidou bem com a realidade nem com a verdade. Como você descobrirá em breve, Cross.

Eu não podia deixar que aquilo continuasse.

– Ela tem razão, Henry. Por que não deixa seus filhos saírem? Sei que é Natal, uma época difícil, mas não ponha a culpa neles.

Ele apontou a pistola para mim.

– Por que não deveria pôr a culpa neles, Cross? Foram eles que me trouxeram aqui. Eles e a sua mãe negligente, gananciosa e materialista, o maior erro da minha vida!

– Moço. – Escutei uma voz de criança. Era Trey. Ele me olhava. – Moço, você pode pedir ao papai que volte para a casa dele senão o Papai Noel não vem?

Antes que eu pudesse dizer alguma palavra de consolo, Fowler andou e pisou com a bota preta na orelha do menino.

– Cale a boca, Trey, senão vamos brincar de Pula-Pula, Gorducho. Além disso, eu já lhe disse: não vou a lugar nenhum.

Fowler me olhou e coçou o rosto.

– Crianças. Elas nunca aprendem – disse.

Comecei a compilar uma lista dos tiques e manias de Fowler: coçar o rosto, esfregar as mãos, massagear a nuca, dar uma mordidinha no lado do anular da mão esquerda. Quem se sentasse ao lado dele no metrô logo se levantaria, se afastaria e mudaria de vagão na estação seguinte.

Ele pegou o telefone na mesinha de canto junto à minha poltrona e apertou o botão de rediscagem.

Ramiro atendeu e se identificou.

Fowler pôs o fone na mesinha.

– Aqui é Cross – falei. – Estou bem.

– Agora que o júri já se instalou, estamos prontos para ouvir os primeiros depoimentos? – perguntou Fowler, me olhando.

Hesitei, depois fiz que sim.

– Excelente – disse Fowler, esfregando as costas da mão que segurava a arma. – Começemos com as apresentações. Diana, querida? Crianças? Barry? Este é o famoso Alex Cross. Ele será o presidente do júri neste processo.

As palavras dele tinham perdido o tom frenético e agora fluíam com a elocução tranquila de um advogado de defesa top de linha. Apesar de todas as drogas e das agressões a si mesmo, esse louco tinha cérebro e polidez, o que, para mim, o tornava ainda mais assustador.

– Agora se inicia a sessão no tribunal! – entoou Fowler com voz grave, como se fosse um meirinho. – O meritíssimo Grinch que Roubou o Natal preside a sessão!

capítulo 19

FOWLER COMEÇOU A MARCHAR PELA SALA, cantando a plenos pulmões “O Sr. Grinch é muito mau!”. Então, parou ao lado da ex-mulher e pôs a bota nas costas dela.

– Primeira a subir no banco dos réus – disse Fowler, olhando para mim. – O cruel mandante por trás da minha destruição: Diana Alstead Fowler Nicholson.

– Henry – disse ela, e começou a choramingar.

– Calma, Diana – consolou Fowler. – Falarei por você. Se eu disser algo errado, é só reclamar. – Ele ergueu os olhos. – A bela Diana Alstead era de Charleston, na Carolina do Sul. Filha de pais nascidos em família rica há muitas gerações, cresceu com uma vida confortável. A expectativa de gratificação material imediata simplesmente fazia parte do seu DNA. Frequentou as melhores escolas, Choate-Rosemary Hall e depois Georgetown. Lá ela conheceu um garoto com bolsa integral. Henry Fowler não tinha condições financeiras tão favoráveis quanto as de Diana, mas era promissor. Estava cursando química e inglês e conseguiu vaga na Escola de Direito de Georgetown. Ela viu que ele era um rapaz trabalhador e grudou nele como se fosse uma sanguessuga do pântano.

Diana me olhava com uma cara patética quando gritou:

– Isso não é verdade, Henry. Eu amava você.

– Ora, ora, Cindy Lou Quem. Estamos falando a verdade aqui, não repetindo velhas fantasias – disse Fowler. – Tive quase vinte anos para estudar esse espécime específico, Sr. Presidente do Júri. Eis o meu depoimento de especialista: Diana é aquela mulher do leilão de jade da Sotheby que dá lances altos demais por uma estátua verde de 10 mil dólares de um búfalo da Ásia ou um iaque, não sei direito. É aquela mulher que arruma a autêntica mesa de jantar estilo Regência com um serviço americano James Robinson de 2 mil dólares. É do tipo que todos mimam na Bloomies e na Bergdorf Goodman, a mulher cuja bundinha magra todos beijam na Prada, a mulher a quem servem chá em salas particulares na Tiffany

de Washington e na de Nova York. É, a minha ex é uma garota e tanto.

Ele apontou os filhos e prosseguiu:

– Ela dividiu os seus genes comigo para criar esse trio de vencedores. Você já conheceu Trey, que nunca encontrou uma doença ou alergia que não passasse a adorar. Doente o tempo todo, desde que nasceu. Basta dizer uma doença da infância e o meu garoto já teve. Costuma se consultar com os melhores médicos especialistas duas ou três vezes por semana. Os melhores que o dinheiro pode pagar, não é mesmo, filho?

Trey começou a fungar.

– Não posso evitar, papai.

– É claro que não pode – disse Fowler, calmamente. – Por acaso, herdou a maior parte dos filamentos defeituosos do DNA de sua mãe. E os que sobraram foram parar no seu irmão e na sua irmã mais velhos.

Ele sorriu para mim.

– Sou um homem de muita, muita sorte, Cross.

– É mesmo? – perguntei, na esperança de que continuasse a desabafar, a gastar a energia emocional e percebesse que não tinha a menor chance, antes que a metanfetamina o transformasse num monstro.

– Não é óbvio? – perguntou Fowler com acidez. – A sorte não parece luzir à minha volta?

– Costumava – respondi.

Ele parecia distante.

– É, costumava, antes de o meu ambiente e os meus companheiros mais íntimos conspirarem para me desvirtuar.

Ali estava a paranoia, emoção básica da metanfetamina. Eu quase conseguia ouvir a história enfurecida de perseguição que viria.

Fowler não me decepcionou.

capítulo 20

FOWLER CRUZOU A SALA ATÉ O FILHO JEREMY e usou a bota para empurrar e virar o menino de costas, encolhido como um cão.

– Aí está ele – disse Fowler. – O meu herdeiro. A cereja do meu bolo. Do meu *apfelstrudel*, da minha torta, do meu pudim ou pavê. Sem falar que é o meu mijão de cama predileto. E, pelo jeito, ele está regredindo, mijando nas calças agora.

O menino estava se sentindo humilhado. Jeremy começou a dar soluços que explodiram num choro sufocado.

– Pare, papai! – gritou Chloe. – Você está piorando as coisas. Está estragando tudo! Você sempre estraga tudo!

– Ah, Chloe – disse Fowler. – A minha Miss Perfeitinha. – Ele olhou para mim. – Chloe é inteligentíssima, característica que, sem dúvida, veio do meu lado. Mas essa inteligência, cruzada com o narcisismo da minha ex-mulher, produziu uma mocinha que tenta controlar a todos, como se o mundo girasse em volta dela.

– Entendo, Henry – falei. – Os seus filhos não saíram como você planejava. Bem-vindo ao clube. É isso que os torna humanos. O desapontamento, no entanto, é problema seu. Agora aguentete.

Ele me encarou surpreso, depois franziu os olhos e rugiu:

– Que merda você acha que é, um médico da TV?

– Não foi por isso que me chamou aqui? – perguntei.

– Chamei você para servir de presidente do júri – retorquiu ele. – Aqui eu comando o espetáculo, não notou ainda?

– Olhe só – comecei –, hoje é véspera de Natal. É óbvio que você não está contente com a sua vida nem com a sua família. Mas eu estou. Amo a minha família. Gostaria de voltar para junto dela e agradecer se me contasse o que foi que derrubou você.

Fowler demorou para entender o que estava acontecendo. Claramente, não esperava por isso.

– Do que você está falando? – indagou.

– Você estava na primeira divisão da advocacia na prestigiada Rua K, ganhava milhões, saía nos jornais e aí... tudo desmoronou. Entendo o excesso de gastos, a mulher consumista, os filhos complicados, mas muita gente nesta cidade tem esses problemas e

ninguém está fazendo a família de refém na véspera do Natal. Então o que foi? O que fez você decair?

capítulo 21

POR UM SEGUNDO, ME PERGUNTEI se não tinha ido longe demais ao ser tão direto, tão confrontador. Mas aí Fowler me deu um sorriso gelado.

– Quer saber qual foi a gota d’água que transbordou o copo, Cross? – perguntou, enfiando a mão no casaco e pegando um frasco de vidro.

– Quero apenas entender o seu lado – respondi.

Fowler se acocorou junto à mesa de centro de vidro, despejou nela um pó branco e começou a arrumá-lo em carreiras com o cartão magnético de um quarto de hotel.

– Acho que é um desejo sensato, mas tenho de endireitar a cabeça para contar essa história.

Ele enrolou uma nota de um dólar e inspirou duas das cinco carreiras. Estremeceu, fechou os olhos, teve um calafrio e disse:

– Ah, agora está melhor.

– Há quanto tempo está acordado, Henry? – perguntei.

– Não importa – respondeu ele. – Vejo tudo com clareza e como é na verdade, Cross. Portanto, vou lhe contar o que quer saber sobre a minha queda até o fundo do poço.

– Tudo bem – concordei, notando o leve, mas visível tremor em seus dedos.

Se estivesse se injetando e cheirando metanfetamina por mais do que, digamos, 36 horas, o ataque de fúria poderia nos fazer uma visitinha a qualquer momento.

– Era Natal, alguns anos atrás – começou Fowler. – Estávamos em casa e felizes. Demos uma festa na tarde da véspera do Natal. Foi um ano ótimo para mim em termos financeiros, e Diana não poupou despesas. Contratou bufê com tudo a que tinha direito. E não sei por quê, mas foi um daqueles anos em que todos resolveram passar as festas em Washington. Quase todo mundo que a gente conhecia apareceu. Até Barry, um velho amigo de Georgetown, que chegou vestido de Papai Noel, e a querida Melissa e o marido, o deputado Brandywine, apareceram. Enfim, cerca de uma hora depois do começo da festa eu estava fazendo sala. Um

possível cliente pediu um cartão de visita e fui ao escritório. A porta estava trancada. Bati. Ninguém atendeu.

Fowler fez uma pausa, inspirou mais duas carreiras, ficou em pé e deu de ombros.

– Porta trancada. Estranho, mas acontece. “Abro depois”, pensei. Para resumir, voltei à festa, pedi desculpas ao possível cliente e prometi lhe telefonar depois do Ano-novo. Peguei uma bebida e olhei em volta. A festa estava no auge, mas eu estava com uma sensação estranha. Então saí pela porta dos fundos e dei a volta até a sacada debaixo da janela do escritório. Olhei lá dentro e o que vi?

Fowler andou até ficar ao lado do Dr. Nicholson. Então chutou com força a costela do homem. Mais alto que o gemido do médico, Fowler continuou:

– Este aqui sentado na minha cadeira de balanço da faculdade de Direito de Georgetown. A querida Diana, minha adorável companheira de muitos anos de casamento, ajoelhada na frente dele e... – Ele começou a cantarolar. – “Botei meu sapatinho na janela do quintal, Papai Noel ganhou uma chupada de Natal!”

capítulo 22

DIANA FICOU VERMELHA COMO UM TOMATE e desviou os olhos dos meus. O Dr. Nicholson ainda estava encolhido depois do chute nas costelas.

– Se ver a sua mulher com outro homem acabou com você desse jeito é porque a amava muito – falei para Fowler. – Mas isso aconteceu mesmo?

Ele me encarou com ódio instantâneo.

– Está me chamando de mentiroso, Cross? – Ele apontou para a mulher. – Não a confrontei. Queria saber se aquilo era profundo, se era apenas um casinho ou algo mais. Acontece que ela fodia com o fazedor de óculos como se ele fosse o artista principal no clube do garanhão do mês. Dá para acreditar? Ela vinha jogando o nosso casamento fora por causa de um sujeito que ganha a vida dizendo: “E agora, consegue ler a próxima linha? E a linha mais abaixo?”

Ele encarou Barry e a ex-mulher com ódio, e temi que voltasse a chutá-los ou coisa pior. Fowler sacudiu a pistola para o Dr. Nicholson e me disse:

– Eles tinham a reserva permanente de um quarto no hotel Four Seasons, onde trepavam até não aguentar mais, e me mandavam a conta.

O rosto de Fowler estava muito corado. Ele andava de um lado para outro na sala, coçando os braços e o peito.

– Está começando a entender o que aconteceu aqui, Cross? O que me levou a me humilhar? Agora dá para ver quem é a vítima?

Eu não disse nada. Só olhei para Fowler e tentei parecer objetivo. Não havia como interromper o seu discurso. Ele apontou para Melissa Brandywine.

– Agora, você deve estar querendo saber quem é essa convidada de sorte. Bom, mostre ao Sr. Cross a sua carinha bonita, Missy. Mostre a sua cara!

Ele segurou o queixo dela e o apertou com força.

Ela gritou:

– Henry, por favor!

– Vamos, Missy, mostre aquele sorriso falso que ajudou seu marido a se eleger para o Congresso. Enquanto isso, mostre também a sua declaração de renda, e Cross entenderá por que realmente seu marido foi eleito para o Congresso.

A mulher do deputado virou a cabeça para mim. Ela parecia triste, cansada e envergonhada, e tive de me perguntar por quê.

– Querida Melissa – disse Fowler. – A especialista em publicidade. A mulher por trás de todos aqueles almoços na Casa Branca e todas aquelas recepções em embaixadas. Sabe o que mais ela é?

– Henry, por favor, não – disse Melissa.

– Bobagem – disse Fowler. – É hora de pôr todas as cartas na mesa. Nem mesmo a querida Diana sabe disso, mas depois de descobrir que minha mulher era uma puta, tomei um porre e decidi que merecia uma puta também. E a quem recorreria senão a uma mulher que se vende? Perfeito, não é? Ela já dera algumas insinuações. Só precisei aceitar. Segredinho? Ela gosta de um dedo dentro do...

Diana gritou:

– As crianças! Henry! São seus filhos, pelo amor de Deus! Por que não para com isso? Por que não segue a sua vida? Por que precisa destruir tudo à sua volta? É só deixar para lá!

Para meu espanto, Fowler não explodiu. Só ficou ali parado, como se tivesse acordado no meio de uma crise de sonambulismo. De repente tudo ficou em silêncio na sala, um silêncio tão assustador que achei que conseguia ouvir flocos de neve batendo na janela atrás das cortinas espessas.

Fowler andou rapidamente até um sofá que ficava de frente para os reféns. Sentou-se, apontou a arma para eles e disse, como se estivesse em transe:

– Quero deixar para lá, Diana, mas isso não me deixa. – Ele se virou para mim. – Já se sentiu assim, Cross? Como se alguma coisa não deixasse você?

Vi num relâmpago, numa sombra escura, a cena da minha primeira mulher morrendo nos meus braços.

– Claro.

– Então você vai entender que é hora de ir embora – disse ele. – O julgamento acabou. Todos foram considerados culpados e tenho que me preparar para decidir a pena.

capítulo 23

— NÃO FAÇA ISSO – FALEI. – Não importa a confiança que foi perdida. Não importa o que lhe fizeram, Fowler, não é assim que se resolve.

Os olhos dele relampejaram.

– Não é a você que cabe decidir isso. Agora saia, antes que eu comece a achar que é uma boa ideia acabar com você também. Volte para aquela família que tanto ama, Cross. E tenha pena da minha.

Pude ver, pelo jeito frio dos olhos e da expressão dele, que eu não tinha muito espaço para negociar. Levantei-me devagar.

– Compreendo o seu lado da história, Henry – falei.

– E gostei que tenha me escutado, Sr. Presidente do Júri – retrucou Fowler.

– Posso levar um deles comigo? – perguntei, indicando os reféns.

– Um gesto de boa vontade?

– Saia.

– Mostre que está disposto a negociar – insisti, saindo da sala de costas –, senão você limita as minhas opções, Henry. Força a minha mão e aumenta a minha tendência de tomar medidas mais drásticas.

– Não me importo, Cross. Ameaças só dão certo com quem tem medo de perder a vida, e já perdi a minha há muito, muito tempo.

– Henry...

Ele apontou a pistola para mim.

– Saia ou vou matá-lo.

– Não dá para acreditar que queira matar todos eles – falei.

– Não dá, é? – disse ele enquanto marchava até o Dr. Nicholson, que se encolheu como se esperasse outro chute.

Fowler me encarou com uma cara de “eu não disse?”, estendeu o braço, olhou o marido da ex-mulher, mirou e atirou.

capítulo 24

NICHOLSON DEU UM PINOTE E DEPOIS AMOLECEU. Seu suéter natalino colorido se transformou numa esponja para o sangue que escorria. Com o tiro ainda retinindo no ouvido, agarrei uma almofada do sofá e andei em direção a Nicholson. A mulher dele chegou antes de mim.

– Barry! – gritou. – Barry?

Ajoelhei, tentei erguer o suéter e a camisa para ver a extensão do ferimento.

– Fique longe dele, Diana! – gritou Fowler. – Nem ouse ajudar. Você nunca me ajudava quando eu sentia dor.

– Seu animal imundo, insano! – berrou Diana.

Jeremy, Chloe e Trey choravam. Melissa Brandywine estava de quatro, com ânsia de vômito.

Eu ainda tentava ver a ferida.

Não existe ferida boa de bala, mas na barriga é ainda pior. Pode matar em minutos ou horas. O projétil pode romper o cólon, por exemplo, ou o fígado. O bolo fecal pode se espalhar pelo organismo e provocar uma infecção bacteriana generalizada. Os ossos podem perfurar os rins ou o baço e provocar uma morte mais rápida. De qualquer forma, tínhamos que acreditar que a pessoa estava completamente ferrada por dentro e que precisávamos de um médico de imediato.

– Eu disse para ficar longe dele! – berrou Fowler mais uma vez. – Estou falando sério!

Achei que seria questão de segundos até ele atirar em Diana, em mim ou em ambos. Então ela se levantou, os olhos faiscando.

– Então vá em frente! – gritou com voz estridente. – É o que você quer, Henry. Ande, me mate. Mas deixe os outros irem embora. Deixe Cross levar Barry, as crianças e Melissa para fora daqui e depois faça comigo o que achar que mereço.

– Não – disse Fowler. – Barry não vai a lugar algum. Nem você.

Ela girou e se agachou ao meu lado.

– O que podemos fazer?

Eu já avistava o ponto de entrada da bala. Ficava à extrema direita do umbigo, perto da lateral do tronco de Nicholson. Isso era bom e fiquei pensando se a mira de Fowler à queima-roupa fora propositalmente falha. Depois rolei o médico de lado e vi que o ponto de saída da bala sangrava. Uma poça de sangue já manchava o tapete.

Enfiei a almofada do sofá contra a ferida e, com meu cinto, a preendi no lugar.

– É bom pôr um pouco de álcool nas feridas – declarei.

– Saia, Cross! – berrou Fowler. – Saia agora ou nunca mais verá a manhã de Natal e a sua família.

Senti o cano da arma na parte de trás da minha cabeça.

– Sinto muito – falei.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Diana.

– Eu também.

Levantei, dei uma última olhada em volta para saber descrever a sala e a posição de todos dentro dela, depois me virei e andei até a porta da frente. Fowler me seguiu, uns 3 metros atrás de mim. Destranei a porta e comecei a abri-la, me perguntando se Fowler pretendia me dar um tiro na nuca quando eu saísse.

capítulo 25

SAI NUMA LUZ FORTE E CEGANTE E PULEI quando Fowler bateu a porta atrás de mim. Fiquei ali parado um instante, as mãos nas coxas, tentando controlar a respiração e me concentrar em algo que não fosse o médico ferido e os cinco outros reféns que estavam lá dentro com um louco.

– Alex! – ouvi Adam Nu gritar. – Ande!

Voltei a ficar alerta e parti pela neve na direção das luzes. Pouco antes da meia-noite, a neve estava acima dos meus tornozelos. Quase duas horas depois, estava bem alta na canela e caía mais depressa, como eu nunca vira em Washington – cinco e talvez até sete centímetros por hora. Nível das Montanhas Rochosas.

Quanto mais me afastava da casa, mais caminhões com parabólicas eu conseguia ver. Era óbvio que aquele era o evento da mídia num dia de poucas notícias. Mas, ora, o que seria do Natal sem uma crise com reféns? Era uma tradição, assim como o obrigatório carro-bomba em Belém.

O que me surpreendeu foi a quantidade de gente da vizinhança na rua. Havia até crianças. Elas não deveriam estar dormindo? Várias pessoas seguravam celulares com câmara bem acima da cabeça. Clicavam. Mandavam mensagens. Tuitavam.

Mas foi o pessoal do Departamento de Polícia Metropolitana que mais me espantou. Agora devia haver cinquenta policiais no local. Tinham pistolas e escudos de mais de um metro de altura e me aguardavam. Achei ter ouvido algo atrás de mim, mas não me virei. Uma voz na multidão gritou “Feliz Natal, detetive!”, seguido por uma salva de palmas e alguns assovios.

Então escutei uma voz de mulher vindo bem *de trás* de mim.

– Sr. Cross – disse ela. – Detetive, espere, por favor.

Dei meia-volta. A mulher do deputado cambaleava pela neve na minha direção, de meias, triste, desnorteada, ainda tremendo como uma folha. Trazia uma pá. Fui até ela, ergui-a da neve e a carreguei, protegido pela linha de policiais equipados para evitar tumultos.

– Para que a pá? – perguntei ao entregá-la aos paramédicos dentro do abrigo atrás das vans da polícia.

Ela me olhou perplexa.

– Ele disse que era para o senhor. Que o senhor tinha que manter a frente da casa sem neve se não quisesse que algum refém morresse. – Ela começou a chorar. – Sr. Cross?

– O que foi?

Ela tremia debaixo do cobertor em que os paramédicos a tinham enrolado. Não me fitou nos olhos, mas perguntou:

– O senhor não vai repetir por aí... as coisas que ele disse, não é?

– Não, madame – respondi. – Não tenho o hábito de citar malucos.

A mulher do deputado concordou com a cabeça, o lábio inferior tremendo.

– Obrigada.

– Alguém precisa ter um Natal decente. Pode muito bem ser a senhora.

PARTE DOIS

A ALEGRIA DO NATAL

capítulo 26

— O RA, VEJAM SÓ QUEM SAIU INTEIRO – disse Adam, vindo sob a tempestade enquanto os paramédicos levavam Melissa para uma ambulância. Depois, ele me deu um rápido abraço, coisa que não combinava com ele.

Soltei o ar.

– É, mas não foi nada divertido. Se não me arranjam comida e um café bem quente, serei inútil.

Um dos homens de Adam me entregou um sanduíche de presunto e um copinho de isopor fumegante de café bem forte, que para mim foi um banquete que devorei ao lado do aquecedor a gás. Depois, perguntei:

– Conseguiram ouvir alguma coisa pelo telefone?

– Não muito – disse McGoey. – Só quando ele gritava ou cantava ou quando você falava. Como berra aquele lunático...

– Pois é, mas não acho que ele seja capaz de matar a família – comentei.

– Mas você disse que ele atirou em Nicholson – retrucou Adam.

– E atirou – respondi. – Mas não para matar. Foi à queima-roupa. Seria fácil dar um tiro capaz de apagar Nicholson para sempre.

– Talvez Fowler queira que ele sofra – sugeriu Adam.

– Ou no fundo não se veja como assassino – respondi. – Ele deixou uma refém sair e eu lhe disse que isso seria um indicador da sua boa vontade de negociar um desfecho sem mais derramamento de sangue.

– Sinto muito estragar a festa – disse McGoey –, mas você entendeu Fowler errado, Alex.

– Como assim? – perguntei, incomodado por ele tentar me falar de um homem que nem conhecia.

Ele pegou o celular e disse:

– Lembra que, antes de você entrar, falamos da prostituta viciada em metanfetamina com quem Fowler morava?

– Patty alguma coisa – respondi.

– Patty Paradise, também conhecida como Patricia Kocot – continuou McGoey. – Mande alguém atrás dela ver se estava

disposta a vir aqui pôr algum bom senso na cabeça do namorado.

– E?

O detetive pegou o notebook e me mostrou a foto mais recente de Patty Paradise. Estava nua, caída numa banheira. Tinha dois buracos de bala na testa e a pele rachada com hematomas feios nos antebraços e nas canelas, indicação clara de que foi eletrocutada antes de levar os tiros.

capítulo 27

ENQUANTO ADAM E SEUS HOMENS PREPARAVAM um plano de ataque com base no que lhes contei sobre a planta da casa e a posição dos reféns, Ramiro e outros policiais voltaram a ligar para a residência dos Nicholsons, tentando restabelecer o contato com Henry Fowler.

Apesar do café e da comida, eu estava exausto. Disse a McGoeey que ia tirar um cochilo, mas que me acordasse caso Fowler atendesse. A van era equipada com dois catres que se desdobravam na parede. Peguei um cobertor, me deitei e fechei os olhos.

Sempre fui uma daquelas pessoas capazes de adormecer em instantes. É uma aptidão muito útil quando se está envolvido nesse tipo de confusão arrastada. Mas naquela noite não consegui dormir. Pelo menos, não logo.

O meu cérebro não parava de repassar o que Fowler dissera e fizera; tentei usar o que ele tinha me dito para ligar o homem que fora com o animal em que se transformara.

Não acredito nele, pensei, antes de enfim pegar no sono. Há outra coisa nisso aí que não estamos vendo.

capítulo 28

NA CASA DOS CROSS, NINGUÉM SE LEVANTA antes de Nana, nem mesmo no Natal.

Naquela manhã, ela acordou às 4h45.

A primeira coisa que fez foi subir o termostato da casa e “pôr o café”, como ela gostava de dizer. Depois, acendeu as luzes da árvore, levou para a sala uma grande sacola da drogaria CVS e começou a trabalhar nas meias. Encher as meias penduradas na lareira era a sua tarefa. Ela adorava isso. E todos pareciam gostar tanto dos doces e dos presentinhos de 1,99 quanto das camisas, dos suéteres, livros e jogos eletrônicos mais caros.

Nana distribuiu os joguinhos de plástico, os chocolates e as esferográficas. Como sempre, cada presente das meias tinha um significado oculto. Ela deu a Bree um isqueiro descartável, que foi o seu jeito de lhe dizer que sabia que ela fumava um cigarro escondido de vez em quando.

Pôs um vidrinho de esmalte na meia de Ava, achando que talvez inspirasse a menina a parar de roer as unhas.

Pôs fones para iPod na meia de Damon, um prendedor de cabelo vermelho vivo na de Jannie e um pacote de fio dental com suporte para Alex.

– Alex – disse ela, baixinho, olhando para a janela da frente.

A neve ainda caía e mais de 30 centímetros se amontoavam sobre os carros. Mas não havia sinal do neto.

– Ai, ai... – Ouviu alguém dizer. – Os ajudantes de Papai Noel ficam mais jovens e bonitos a cada ano.

Nana se virou e viu Bree em pé na entrada da sala. Elas se abraçaram e se desejaram feliz Natal, ambas sabendo que não era tão feliz assim sem Alex em casa.

– Conseguiu dormir? – perguntou Nana.

– Não preguei o olho.

– Somos duas. Senti um embrulho terrível no estômago a noite inteira.

Elas tomaram café e fizeram companhia uma à outra. Jannie, Damon e Ava se juntaram a elas bem quando amanhecia o dia de

Natal. Todos sorriram, se abraçaram e desejaram feliz Natal uns aos outros, mas simplesmente não havia a ânsia costumeira de abrir os presentes.

– O que essa manhã de Natal precisa é de um bom café da manhã – disse Nana.

Todos fingiram concordar com ela.

– Bom, então vamos todos para a cozinha. Vocês não estão achando que vou preparar tudo sozinha, não é? Preciso de ajudantes.

As crianças foram atrás dela. Bree disse que iria logo em seguida.

– Adoro quebrar ovos. Guardem essa tarefa para mim – gritou para eles.

Então, pegou o controle remoto e ligou a televisão. As palavras no pé da tela diziam “IMPASSE COM REFÉNS NO NATAL”.

A emissora estava exibindo imagens do belo casarão de Georgetown. Neve, gente e policiais por toda parte. E lá estava Alex saindo da casa onde o lunático se enfiara, com uma mulher no colo. O locutor a identificou como a esposa do deputado Brandywine e disse:

– O detetive Cross arriscou a vida e entrou na casa desarmado para negociar cara a cara com o maluco. Uma vida foi salva, mas pelo que soubemos há outra na balança: Fowler atirou e feriu o atual marido de sua ex-mulher.

Ele entrou na casa desarmado. Alguém levou um tiro lá dentro. Bree pensou nisso e disse baixinho, como se a TV pudesse escutá-la:

– Oh, Alex, Alex, Alex. Não sei se aguento o que você faz.

Então mudou de canal.

Mas a outra emissora mostrava a mesmíssima reportagem. No entanto, aquela rede tinha uma repórter no local. Ela segurava o microfone e falava para a câmera:

– De superadvogado a viciado em drogas e louco: eis o caminho que Henry Fowler percorreu para chegar aqui nesta manhã de Natal...

Bree apertou o botão de desligar e largou o controle remoto. Esfregou a manga nos olhos úmidos. Depois, gritou na direção da cozinha:

– Espero que ninguém tenha tocado nesses ovos!

capítulo 29

SENTI ALGUÉM ME SACUDIR. Acordei de repente e me surpreendi ao ver o detetive McGoey em pé sob uma luz fraca e pálida.

– É Fowler – anunciou. – Há alguns minutos parecia que ia pirar de vez, e Adam se preparava para dar aos homens a ordem de atacar quando ele finalmente atendeu o telefone. Quer falar com você, Alex.

Concordei, enquanto me sentava e sacudia as teias de aranha da cabeça.

– Que horas são?

– Seis e quinze.

– Dormi quatro horas? – perguntei.

– Só agora houve motivo para acordá-lo – disse ele.

Acenei em silêncio, segui-o até a frente da van e Ramiro me estendeu o telefone.

– Aqui é Cross.

– Estou desapontado com você – anunciou a voz de Fowler. – Muito desapontado.

– Por quê?

– Você me traiu. Andei olhando pelas janelas. Você mandou um exército me cercar.

– É o que costuma acontecer quando alguém está armado até os dentes e não fala conosco – rebati.

– Eles vêm me pegar? Vão entrar atirando?

– A menos que você converse conosco.

– Entrar aqui seria um erro – disse ele. – Vocês só encontrariam corpos em torno da árvore de Natal, inclusive o meu.

– Mas você vai conversar comigo? – perguntei. – Vai me ajudar a dar um jeito de evitar isso?

Ele não respondeu, mas também não desligou.

– O Dr. Nicholson ainda está vivo? – perguntei.

– Barry? – retorquiu ele. – Claro, está vivo. Mas com uma baita dor de barriga.

– Deixe-o sair – pedi. – Deixe que eu entre aí com outro policial desarmado para buscá-lo.

– Não – disse Fowler. – Estou gostando do sofrimento dele.

– Então liberte outra pessoa. Um dos seus filhos.

Silêncio, e depois ele falou:

– Um gesto de boa vontade, não foi o que você disse que seria?

– Isso mesmo.

– Desejo concedido. Vou lhe mandar a única que realmente me importa dentro desta casa.

Adam bateu na parede, me indicou a janela lateral da van. Levantei-me, vi a porta da frente se abrir. Um labrador preto com um laço vermelho no pescoço saiu; depois, quando a porta bateu, o cachorro se espantou e começou a correr, com o rabo entre as pernas.

capítulo 30

FOWLER ESTAVA CLARAMENTE BRINCANDO CONOSCO, demonstrando que, mesmo correndo o risco de morrer e ameaçado pelos atiradores e pelos membros da SWAT à sua volta, era ele que decidia quem vivia ou morria. Eu poderia ter seguido a rota da raiva, desafiá-lo, pôr mais pressão sobre ele, mas algo me disse que isso não daria certo.

– Você ama o seu cão, Fowler? – perguntei.

– Que tipo de homem não ama o seu cão? – retrucou ele, irritado.

– Aquele que tem um gato – respondi.

– Muito engraçado, Cross.

– Gostei de ver que deixou a cadela sair – falei. – Como ela se chama?

– Mindy – respondeu Fowler.

– Agradecemos por você libertar Mindy e lhe asseguro que ela será bem-tratada. Mas preciso de mais, Fowler, para impedir que esses profissionais bem treinados derrubem a porta a pontapés e tentem explodir a sua cabeça antes que você machuque mais alguém.

Um longo silêncio.

– Como o quê?

– Quero entrar de novo... com os paramédicos – insisti. – Quero tirar Barry daí.

Fowler começou a gritar, tendo finalmente o ataque de fúria. Ouvimos coisas se quebrando, depois ele voltou ao telefone.

– Não me importa o que você quer! Só o que *eu* quero! Barry vai morrer! Entendeu? Ele vai morrer pelo que me fez! E minha ex-mulher também. Eles acabaram com a minha vida! Agora vou acabar com a deles. Vou matar todo mundo!

– Estou entrando, Henry – declarei. – Agora mesmo.

Mas ele tinha desligado.

capítulo 31

— PANQUECAS OU WAFFLES? — PERGUNTOU NANA com uma voz tão alegre que todos souberam que era fingida.

O clima triste ficou mais evidente quando Jannie (sempre pró-waffles) e Damon (um feroz pró-panquecas) responderam que tanto fazia. A preocupação com Alex tinha acabado com toda a alegria da festa.

— Ah, é Natal — disse Nana, por fim. — Por que não faço os dois? Panquecas e waffles saindo!

Nenhuma reação das crianças.

De repente, Nana arrancou o avental e o jogou no chão da cozinha.

— Chega disso! — gritou e começou a marchar de um lado para outro, brandindo os punhos como se socasse o saco de pancadas do porão.

Isso chamou a atenção de todos.

— Agora me escutem aqui, todos vocês — falou, pegando uma colher de pau e sacudindo-a na direção deles. — Também não estou nem um pouco feliz com essa situação. Tenho um neto que sumiu no Natal. Isso me deixa deprimida? Isso me deixa irritada? Isso me deixa triste? — Ela olhou em volta do jeito intimidador que aperfeiçoou quando exercia o cargo de vice-diretora. — É claro que sim. Estou com o coração tão pesado quanto o de vocês. Poderia cair em lágrimas a qualquer momento e, de fato, foi o que fiz duas vezes ontem à noite. Mesmo assim, a verdade é que a vida tem que ser vivida. Este Natal é hoje. Agora. Este Natal não voltará nunca mais. Não pretendo fazer sermão num dia santo, mas o Natal tem a ver com fé e esperança. E é melhor todos nós entendermos isso muito bem, estão me ouvindo? Fé e esperança. Entendido?

A não ser pelo pipocar do bacon na frigideira, a cozinha ficou em silêncio.

— Eu perguntei: *entendido?*

— É difícil sentir fé e esperança com o estômago embrulhado — disse Jannie. — Quem não é da família de um policial não consegue entender como é isso, Nana.

– É horrível – concordou Damon.

– Não discordo de nada disso – disse a bisavó. – Se fosse fácil, eu não teria que dar esse sermão.

– Tudo bem, aceitamos a fé e a esperança – disse Bree. Ela apertou os ombros de Nana e lhe deu um beijo. – Eu, pelo menos, aceito.

– Ora, isso é bom – respondeu Nana. – Espero que os seus enteados tenham o mesmo bom senso. Agora, quem jogou o meu avental no chão faça o favor de pegar e me entregar.

Todos riram... um pouco.

– Então teremos um ótimo café da manhã – continuou ela. – E depois iremos para a sala, e cada um vai abrir um presente. E depois...

– Depois o quê? – perguntou Ava.

– Depois Damon vai sair e tirar a neve da entrada. *Assim, quando o pai dele voltar, poderemos todos ir à igreja.*

capítulo 32

— VOCÊ NÃO VAI VOLTAR LÁ — DISSE O TENENTE ADAM. — Nunca mais conseguirei encarar sua mulher.

— Bem-vindo ao clube — respondi, levantando-me rapidamente. — Mas tenho que voltar lá, senão aquele médico morre e talvez os outros também. E tenho um plano.

— E que plano é esse? — perguntou McGoey.

Contei a Adam que, enquanto dormia, parte da minha cabeça descobriu o que realmente estava por trás da queda de Fowler e das suas ações nas últimas 24 horas.

— Acho que podemos usar isso — falei e lhes contei o que tinha em mente.

— Merda — resmungou Adam. — Você tem mesmo que voltar lá.

Ele me enfiou num colete blindado da SWAT e mais uma vez saí para a nevasca. Eram seis e meia, uma pálida aurora de inverno, na segunda vez que atravesssei a Rua 30 rumo à casa dos Nicholsons. Os repórteres e espectadores tinham sido afastados para trás. Só as vans e os policiais do departamento, os paramédicos e as equipes da SWAT tiveram permissão de permanecer perto da casa.

Peguei a pá que a mulher do deputado me trouxera e comecei a limpar os mais de 30 centímetros de neve do meu caminho até entrada. Sinos de igreja tocaram na direção da Rua O, provavelmente da Christ Church. Da outra direção, mais sinos, provavelmente da Mount Zion.

Mais do que nunca, senti que participava de algo que estragava a comemoração e, quando bati à porta da frente, me senti disposto a fazer uma limpeza. Mas eu estaria certo? O meu plano funcionaria?

Ouvi o ranger das tábuas do assoalho e perdi um pouco da confiança.

A porta se abriu. Entrei com as mãos para o alto. Fowler fechou a porta com um pontapé, me empurrou contra a parede e me revistou de novo.

— Não foi boa ideia voltar aqui, Cross.

— Por quê?

— Porque agora não posso deixar você sair.

capítulo 33

COMO ERA MANHÃ DE NATAL, UM DIA ESPECIAL, Nana concordou em fazer bacon doce: grossas fatias de bacon fritas primeiro numa frigideira de ferro, depois cobertas de açúcar mascavo e assadas no forno.

“Só preparo bacon doce em feriados ou aniversários”, ela sempre dizia. Essa era a regra da casa. Casa que ela insistia ser dela, embora Alex a tivesse comprado. Certa vez, Damon insistiu que o Dia da Árvore era um feriado de verdade e Nana teve que concordar com ele. Depois disso, ela mudou a regra. Agora, ela dizia: “Só preparo bacon doce em feriados *importantes* ou aniversários.”

Waffles. Panquecas. Angu com queijo. E bacon doce.

– Talvez não seja necessário assar o peru mais tarde – disse Bree. – Essa refeição já vai me deixar satisfeita pelo dia inteiro. Talvez a semana inteira.

– Fale por você – disse Damon. – Estou muito bem-disposto para comer peru com purê de batata. E aqueles inhames que adoro com os minimarshmallows.

O xarope de bordo se entranhava nos waffles e panquecas. As tiras de bacon doce estavam crocantes. E o clima finalmente se alegrou.

Então Jannie falou:

– Sabem, acho que só falta uma coisa nesta mesa de café da manhã.

Imediatamente, todos pensaram em Alex. Um clima sombrio voltou a invadir a cozinha. Fez-se silêncio. Nana espremeu os lábios para não chorar. Bree olhou pelo vidro da porta da cozinha.

Damon deu a Jannie um olhar de “por que você sempre faz todo mundo voltar a se sentir mal?”. Ela percebeu que seu comentário inocente fora mal-interpretado e deixara todo mundo nervoso.

– Ah, não! – disse Jannie. – Escutem. Escutem. O que eu quis dizer foi... o que falta é aquela galhada ridícula de rena e o nariz elétrico com pisca-pisca vermelho que Damon usa todo Natal.

– Ah, eu tinha me esquecido daquela galhada estúp... estonteante – disse Nana.

– De jeito nenhum – disse Damon. – Isso não vai acontecer. Você usa a galhada. Nana pode usar a galhada.

– Aquela galhada não fica tão bem em ninguém quanto fica em você – disse Jannie com uma risadinha.

– Ah, por favor, posso ver você usando? Ah, por favor – disse Ava.

– Eu nem sei onde está aquela coisa ridícula – disse Damon.

– Para nossa sorte, eu sei – disse Jannie. – Está bem aqui.

Ela pegou debaixo da cadeira uma galhada de pano presa a uma faixa de cabeça e decorada com um ramo de azevinho de plástico. Também havia uma pequena lâmpada vermelha presa a um elástico largo que cabia direitinho na cabeça de Damon.

– Antes de vermos Damon vestido de rena, vamos dar as mãos e rezar – disse Nana.

Eles se deram as mãos e baixaram a cabeça. Nana falou:

– Nosso Senhor, neste dia santo de Natal, quando trouxe o Seu Filho ao mundo, pedimos a Ti que olhe com bondade para outro filho. O Seu filho Alex. Enquanto ele se esforça para ajudar os outros, pedimos ao Senhor que o ajude. Que o proteja dos perigos. Que o proteja do mal. De acordo com a Sua santa vontade.

Então, em conjunto, a família Cross disse:

– Amém.

capítulo 34

ESTRANHAMENTE, OS SONS QUE EU PASSARA A associar à casa dos Nicholsons tinham sumido. Nenhum choro, nenhum grito, nenhuma voz de criança. Até o maluco que dominava o espetáculo estava calado andando atrás de mim, me empurrando com o cano de uma das espingardas.

Examinei a destruição da sala à luz que se insinuava por trás das cortinas. As três crianças ainda estavam deitadas no chão e pareciam dormir. Uma poltrona de veludo vermelho tinha sido cruelmente cortada depois que eu fora embora. Uma mesinha de canto de mogno estava quebrada e seus pedaços ardiam na lareira.

Diana estava sentada no chão de pernas cruzadas, com a cabeça do marido no colo. Pálida, parecia exausta. O médico estava muito pior. Jazia imóvel, os olhos fechados. Era uma situação de vida ou morte, e eu tinha uma boa ideia sobre de que lado da equação Nicholson se aproximava.

Dei uma olhada em Fowler, que dera a volta na sala, mas ainda apontava a espingarda para mim. Estava menos maníaco do que quando o havia deixado, quatro horas antes. Os olhos dele estavam sonolentos, como se tivesse tomado algo que aliviasse o efeito da metanfetamina. Isso era bom porque significava que estava vulnerável. Se desmaiasse, eu poderia dominá-lo. Mas, se voltasse à metanfetamina, logo ficaria imprevisível.

– Por que está com o colete? – perguntou e achei ter sentido cheiro de bebida.

– Meu chefe me obrigou – respondi, enquanto me movia na direção de Nicholson e da mulher. – Disse que eu não poderia entrar sem ele.

– Quer dizer que eles virão logo – concluiu Fowler.

– Só se você quiser, Henry – retruquei, me ajoelhando junto ao médico ferido para verificar seu pulso, que estava lento, irregular, mas ainda lá.

– Ele está morrendo – cochichou Diana. – E não posso fazer nada.

– Tudo bem – disse Henry atrás de mim. – Que venham.

Ouvi o barulho do aço contra o vidro, olhei por sobre o ombro e vi exatamente o que não queria ver. Fowler jogara na mesa de centro o restante da metanfetamina do frasco.

– Isso é necessário, Henry? – perguntei.

– Claro – respondeu ele, dando um sorriso malicioso com os dentes podres. – De que outro jeito vou ficar alerta o bastante para enfrentar o que obviamente vai acontecer?

Ele se curvou, cheirou uma carreira com cada narina. Sentou-se e sacudiu a cabeça como se a metanfetamina tivesse acendido uma fogueira lá dentro.

– Agora, sim! – falou. – É assim que a gente fica em vantagem.

– Henry, temos que socorrer Barry.

– Você é igual a todo mundo aqui, Cross – disse Fowler, a pele corando enquanto ele começava outro dos seus ataques de fúria. – Ninguém escuta. E, quando escutam, não entendem o que estou dizendo. Diana era assim o tempo todo. Entrava por um ouvido e saía pelo outro. O que estou dizendo é que *Barry vai morrer de qualquer jeito. Todos nós* vamos morrer de qualquer jeito. Eu poderia enfiar outra bala na barriga dele agora mesmo para terminar o serviço, mas quero que Diana o veja ir embora aos poucos, como um maldito brinquedo. É, um brinquedo. Como aquele estúpido poodle à pilha de Chloe. Au, au, au. Depois dois aus, depois um au, depois nenhum.

Eu me vi balançando a cabeça de espanto com esse veneno estranhamente direcionado. Diana, no entanto, parecia esgotada e prestes a desmaiar. Ignorou os desvarios de Fowler e estava acariciando suavemente a mão pálida do marido.

– Henry, vim aqui porque tenho algumas perguntas sobre a história que você me contou antes.

– Que história? – perguntou ele.

– Sobre o motivo para estar aqui – falei, me levantando – e fazendo isso.

– Eu lhe contei tudo o que você precisava saber – respondeu Fowler com um muxoxo.

Olhei em volta, tentando tatear o caminho em território desconhecido e ajudar Nicholson sem irritar Fowler. Avistei uma

garrafa intacta de vodca Absolut numa prateleira do outro lado da árvore de Natal derrubada.

Andei na direção dela, dizendo:

– Mas você não me contou tudo o que há para saber, não é, Henry?

– Você já tem tudo o que vai conseguir de mim – disse Fowler enquanto eu pegava a garrafa. – O que está fazendo?

– Ajudando Barry – respondi.

Fowler soltou a trava de segurança da espingarda.

– Eu acho melhor não...

– Então eu acho que terá que atirar em mim – respondi, avistando uma camisa social numa sacola de presente rasgada.

Ergui os olhos e vi que ele apontava a espingarda para mim. Não sei como, mas mantive a calma.

– Se me matar e matar o resto da sua família, ninguém jamais saberá o que aconteceu com você, Henry. Você será desprezado como um lunático qualquer em vez de um homem que não aguentou suportar ser quem era.

capítulo 35

O SUOR BROTOU NA TESTA DE FOWLER, DEIXANDO-O com uma aparência engordurada.

– O que quer dizer com isso? – indagou.

Joguei a camisa para a mulher do médico ferido.

– Tire os alfinetes dessa coisa. Vamos usá-la como atadura.

– O que pensa que está fazendo, Cross? – perguntou Fowler, trêmulo. – O que... o que você pensa que está fazendo?

Virei-me para ele.

– Não importa como tudo acabar, será melhor para você não ter uma acusação de homicídio nas costas. Quero ajudar Barry a sobreviver para que você possa pagar apenas pelo que já fez.

Fowler estreitou os olhos, escuros e lacrimosos.

– Não sei do que está falando.

– É a sua única esperança de redenção – respondi, abrindo a garrafa de vodca. – A única coisa que pode fazer para tornar toda essa merda justificável.

– Tirei todos os alfinetes da camisa, Sr. Cross – disse Diana. – E agora?

Ignorei Fowler e me ajoelhei ao lado do médico ferido. Despejei cerca de uma xícara de Absolut em cima e dentro da ferida de entrada da bala. O ardor e a queimação da vodca em contato com a área traumatizada assustou o médico, fazendo-o gemer e ficar acordado alguns segundos.

Os olhos de Nicholson se abriram, mas não focaram nada. Diana se inclinou para mais perto do marido e sussurrou “Amo você, Barry” antes que ele voltasse a cerrar as pálpebras.

Mas ela não cochichou tão baixinho assim. Fowler também escutou e isso destruiu quaisquer dúvidas e esperanças que eu pudesse ter semeado na sua mente perturbada.

Ele levantou a espingarda e atirou... bem para o teto, quase diretamente acima da própria cabeça. Foi ensurdecedor e abriu um buraco enorme.

– Afaste-se dele agora mesmo, Cross, senão você é que vai ficar com um buraco.

O telefone tocou. Agarrei-o e berrei:

– Aqui é Cross. Ninguém ferido!

Larguei o telefone e voltei para Nicholson, ouvindo Fowler engatilhar a espingarda.

– Quem lhe disse que podia atender? – perguntou.

– Um minutinho com ele, Henry, e depois a atenção voltará todinha para onde você quiser. Por favor.

Não sei se foi o “por favor” ou a promessa de atenção exclusiva, mas algo devolveu a Fowler alguns segundos de sanidade.

– Faça o que quiser – respondeu, voltando à mesinha de centro e às carreiras restantes de metanfetamina. – Tire a bala com garfo e faca de churrasco. Eu não ligo.

Despejei vodca nas mãos, peguei a camisa com Diana e a rasguei ao meio. Desafivelei o cinto que prendia a almofada às costas dele e nós dois, eu e a mulher, rolamos Nicholson de lado para que eu conseguisse despejar vodca na ferida de saída da bala; rezei para que o álcool matasse algumas bactérias que deveriam estar se espalhando pelo abdome do médico. A almofada estava molhada de sangue e de um fluido amarelado, o que não podia ser bom. Banhei a área com uma dose extra de vodca. Depois, encharquei o pano, dobrei-o e o apertei contra a ferida.

Enquanto fazia isso, ouvi Fowler cheirar o resto da droga. *Bom*, pensei. *Ele estará quimicamente desequilibrado quando eu realmente tentar desequilibrá-lo.* Acomodamos Nicholson e cobrimos a ferida de entrada com o segundo pedaço de camisa encharcado de vodca.

– Acha que esses primeiros socorros de escoteiro vão ajudar? – zombou Fowler. – Você acabou de desperdiçar uma ótima vodca.

Provavelmente ele tinha razão. O que eu fizera era medicina da época da Guerra de Secessão.

– Ora, olá, meus rebentos – disse Fowler, e começou a cantar. – “Noite feliz! Noite feliz!”

Virei-me e o vi em pé a uma pequena distância dos gêmeos, segurando a espingarda de caça e um dos fuzis semiautomáticos. Os filhos dele se encolheram, agachados junto à lareira.

– Não fiquem apavorados, meninos e meninas – disse ele. – Estamos todos na Quemlândia. E precisamos que todos cantem e

saúdem o Natal.

– Henry – chamei.

Ele me ignorou e berrou:

– De pé! Temos que cantar para o Grinch descer da montanha!

Chorando, os gêmeos se levantaram. Trey os imitou e ficou pálido como um fantasma quando o pai disparou o fuzil na direção das cortinas.

– Cantem!

capítulo 36

O TELEFONE TOCOU DE NOVO. Dessa vez, Fowler atendeu.

– Estamos bem! – berrou ele e desligou. Depois, olhou para os filhos, que tinham parado de cantar. – De novo! – gritou o pai. – Mais alto! Tem que ser ouvido lá em cima da montanha, na caverna do Grinch!

Fowler estava mesmo levando aquilo a sério; começara o segundo refrão quando me levantei e berrei para ele:

– Doutor advogado!

O ex-advogado de defesa civil parou e me olhou um pouco confuso, enquanto o canto aterrorizado dos seus filhos minguava em meio a fungadelas.

– O quê? Não gosta das histórias do Dr. Seuss na manhã de Natal, Cross?

– Adoro as histórias do Dr. Seuss na manhã de Natal e em todas as outras manhãs. Só que está na hora da inquirição das testemunhas.

Por um instante, houve indecisão no rosto de Fowler. Depois ele encostou o fuzil na lareira e disse:

– Sinto muito, o julgamento acabou.

– Chame de recurso de apelação, então – argumentei.

– Sem apelação! – berrou ele, enfiando a mão no bolso e jogando algo na boca. – Neste tribunal não há recursos.

– Mas julgamentos podem ser anulados – insisti, avançando na direção dele.

– Não haverá *sursis*.

Encarei Fowler e disse, baixinho:

– Foi o caso do medicamento para doença de Huntington... ou a vacina contra hepatite A?

capítulo 37

— **V**OCÊ NUNCA CONTOU A ELA? – perguntei a Fowler. – Diana não sabe desses dois casos?

Pude ver a raiva nele aumentar, o ataque de fúria prestes a acontecer. Ele pôs a ponta da espingarda bem debaixo do meu queixo.

– O que é que eu não sei? – gritou Diana. – Henry?

Fowler fez uma careta ao ouvir a voz dela e depois se afastou de mim para apontar a arma para a mulher.

– Cale a boca, Diana.

– Não – respondeu ela, num ataque de fúria. – Não vou calar a boca. E se o meu marido e os meus filhos vão morrer, acho que mereço saber por quê.

– Foram os processos, Henry – falei. – Não foram?

Fowler nada disse, só fitou a mulher como se ela fosse um buraco negro que ele nunca conseguiria sondar.

– O que houve com eles? – perguntou Diana. – Henry? O que houve com os processos?

Fowler apenas ficou ali em pé, um homem insano remoendo a fonte da própria destruição, incapaz ou sem vontade de descrever a própria amargura.

– Num desses processos, talvez em ambos, acredito que o seu marido estivesse de posse de provas que poderiam ter mudado o veredicto – declarei.

– O quê? – perguntou Diana franzindo a testa e ainda olhando para o ex-marido. – É verdade? Que tipo de provas, Henry?

Ele não retribuiu o olhar.

– Dados, fichas médicas, quem sabe? – respondi. – Mas Henry tinha conhecimento de alguma coisa e nunca revelou essas provas aos que processavam as empresas que ele defendia. Ele violou a ética. Desrespeitou a lei. Destruiu vidas. Mas, ao fazer isso, se tornou um homem muito, muito rico. E isso foi bom. Então, ele tentou esquecer, enterrar o que fizera, mas o problema é que, no fundo, seu marido é um homem bom, um homem de consciência, e isso começou a corroê-lo. E ele começou a usar bebida e drogas

para aliviar a culpa, e tudo virou um inferno de ódio para si mesmo.
Não foi mais ou menos isso, Henry?

capítulo 38

A RAIVA VOLTOU A FERVER DENTRO DE FOWLER, provocando um tique e uma contorção que pareceram se propagar pelo corpo inteiro.

– Você só se desviou um pouco, Cross.

– Então nos esclareça.

Ele lançou um olhar venenoso para Diana.

– Não pense que você não é responsável, não pense que não terá que pagar pelo que fez.

– Henry, conte a verdade – pedi.

– Venci o primeiro processo direitinho – disse Fowler. – Mas depois... um ano depois de ganharmos o processo que envolvia o remédio para doença de Huntington, encontrei dados que nunca vira e arquivos do caso que nunca chegaram ao processo. Havia provas suficientes de que o medicamento acelerava a mortalidade.

– E você nunca contou a ninguém?

– E manchar a minha fama de astro? – perguntou ele, cáustico. – Arruinar a alegria da família? Frear a velocidade com que a cadela da minha mulher gastava a fortuna que estavam me pagando? Foram dois milhões naquele ano. Dois milhões!

Ele olhou para Diana como se quisesse estrangulá-la.

– Todo dia eu voltava para casa e ouvia a lista gigantesca de lixo que ela comprava dessa ou daquela loja. Ou de um catálogo. Ou na internet. Ou a conta do marceneiro que chamou. Ou do balcão de granito. E mais e mais e mais! – Fowler me olhou com raiva. – Eu caí na armadilha.

– Mas piorou quando você começou a defender o fabricante da vacina para hepatite A?

Ele trincou os maxilares e fez que sim.

– Aquele caso foi quase como você descreveu, Cross. Estávamos no meio do processo e recebi o relatório de um investigador que eu contratara para encontrar quem tomara a vacina contra hepatite A, mas não participava da ação coletiva.

– E?

– Mostrava uma anomalia em adolescentes que tinham tomado a vacina – respondeu ele. – Pareciam ter sofrido um dano cerebral

leve, mas permanente, por causa dela.

Diana ficou boquiaberta.

– E você não contou a ninguém?

– E perder o caso? – gritou ele. – Eu não podia. Você não me deixaria perder. As crianças não deixariam. O escritório não deixaria. E aí você começou a trepar com Barry e a coisa toda acabou...

Ele soltou a trava de segurança da espingarda.

– Contente agora, Cross? Pronto para ver a consequência máxima de eu ter rasgado em pedacinhos o relatório daquele detetive particular?

capítulo 39

— O QUE ACHA QUE MATAR TODO MUNDO NESSA SALA fará por você, Henry? – perguntei, dando uma olhada no relógio da lareira e vendo que eram 7h15. – Apagar o que fez?

– Entre outras coisas.

Apontei o telefone no chão.

– Eles estão ouvindo.

Ele virou a espingarda para mim.

– Não gosto mesmo de você, Cross.

– Você pode ajeitar tudo, Henry – falei.

– Vou para o inferno pelo que fiz. Com isso já me conformei.

– A minha avó tem mais de 90 anos e gosta de dizer que todo Natal é época de renascer. Posso lhe explicar como fazer isso, se você deixar.

Os olhos de metanfetamina me encararam.

– Está tentando me vender algum programa de doze passos?

Olhei ostensivamente para Diana, o Dr. Nicholson e as crianças.

– Acho que você gostaria de escutar isso sozinho, Henry. Mais tarde você decide se quer lhes contar. Vamos a algum lugar. A cozinha. Tomar um café. Eu lhe direi o que penso.

– Está achando que sou idiota? – perguntou Fowler. – É, a gente vai conversar e então esses canalhas fogem.

– Não seja doido, Henry – disse Diana. – Eu nunca abandonaria Barry.

A tristeza misturada à sensação de perda cintilou no rosto de Fowler, que se virou para mim, enfiou a mão no bolso e jogou algo na boca outra vez.

– Você anda fazendo visitinhas à terra de OxyContin? – perguntei.

– Tomando analgésicos?

– E daí se eu estiver?

– Vamos conversar – insisti, achando bom ele tomar um narcótico. Fowler piscou e fez um gesto na direção do corredor central.

– O meu escritório.

Eu não queria Fowler no escritório, que ficava no lado oposto da casa. Queria que fosse para a cozinha, que ficava nos fundos e

dava para um jardim murado.

– Eu realmente gostaria de um café.

O narcótico agia sobre Fowler e cortava o excesso de ansiedade.

– Claro. Queremos agradar – disse ele, dando uma risada, e me empurrou com a arma.

Andamos até a entrada da sala de estar. Fowler parou ali e deu meia-volta. Ergueu a espingarda no ar. Por um momento, pensei que ia atirar no teto outra vez. Em vez disso, ele falou com a família com um desprezo tranquilo.

– Juro por Deus, se algum de vocês se mexer, pintarei as paredes com o seu sangue.

capítulo 40

— **P**ARA QUE LADO VOU? – PERGUNTEI, SABENDO MUITO BEM onde ficava a cozinha pelas plantas baixas que Adam me mostrara, mas querendo fingir ignorância para Fowler pensar que continuava no controle.

– À direita – disse.

Girei e desci o corredor estreito forrado de fotos de família emolduradas, a mente cogitando todas as maneiras de aquilo dar errado. E se Diana desafiasse Fowler e tentasse pôr os filhos para fora? E se ela tentasse fugir?

Passamos pela sala de jantar formal à direita. A mesa estava posta e decorada como se Martha Stewart fosse comparecer à ceia de Natal. Pude ver a entrada da cozinha bem à frente, um espaço claro e arejado com muitas janelas que davam para antigos carvalhos, agora sem folhas, que adornavam o quintal dos fundos.

Entrei na cozinha. Fowler parou no corredor.

– Eu tirei aquela foto. E sempre repetia que era a foto mais linda do mundo.

Eu queria que Fowler entrasse na cozinha, mas ele não saía do lugar e tive que ver por quê. No momento em que vi a foto, senti outra dimensão da loucura de Fowler. Parecia que aquela foto valia mil desvarios.

Na fotografia, uma versão mais jovem da família de Fowler estava sentada na varanda de uma casa que parecia ficar em algum ponto do litoral da Nova Inglaterra ou, talvez, em Jersey. Cinco anos antes, imaginei, porque Trey era um bebê no colo de Diana.

– Veja como todos parecem perfeitos, Cross, como... como são louros – disse Fowler. – Parece foto de catálogo... Sabe onde é isso? É a Martha's Vineyard, em Oak Bluffs. Está vendo essa casa? O aluguel dela me custou 60 mil dólares pelo mês de agosto. Muita gente não ganha 60 mil num ano. E era o que eu estava gastando numa maldita casa alugada na Martha's Vineyard. Aqueles eram dias bons, cara. Aqueles eram dias bons, meu amigo.

capítulo 41

CONCENTREI-ME NA FOTOGRAFIA QUE HENRY FOWLER TIRARA. A família sorria com naturalidade, diante de uma grande casa castigada pelo tempo. As três crianças, inclusive o bebê, usavam suéteres azul-petróleo. E Fowler estava certo: tinham boa aparência, estavam bronzeados. O cabelo de Diana era mais curto. As crianças, a luz e Diana realmente estavam lindas, e todos pareciam felizes diante do homem que tirava a foto. Henry Fowler. Dei uma olhada nele e vi que o analgésico estava surtindo efeito, o levando a outro tempo e outro lugar. Pensei em tentar derrubar a arma de sua mão, mas ele a mantinha fora de meu alcance. Eu o forcei, o obrigara a revelar os seus demônios, mas não tinha certeza se conseguiria fazê-lo desistir. Dei uma olhada no relógio acima do fogão. São 7h25 da manhã. O Dr. Nicholson levava o tiro horas atrás e precisava de cuidados médicos. Ou seja, eu precisava de Fowler na cozinha. Agora.

– Meu Deus, que verão – disse Fowler num sussurro, ainda fitando a foto. – Adoramos aquilo lá, todos nós. Tínhamos vista para o mar e um barco a vela. Dois garotos tripulavam para nós. Todo dia comíamos lagosta, batata frita, mariscos e torta de mirtilo. Eu rasgava dinheiro. Achava que ele nunca acabaria. – Lágrimas correram pelo seu rosto. – Eu era o cara mais sortudo do mundo, com a melhor família... a família perfeita.

A voz dele se amargurou de novo e ele agarrou a arma como se quisesse bater com ela em alguém.

Dei um passo para dentro da cozinha, esperando que me seguisse. Mas Fowler ficou lá, olhando para a foto.

– Eu estraguei tudo, Cross. Eu estraguei a vida perfeita.

Um pontinho vermelho apareceu no seu quadril esquerdo, tremeu e começou a subir pelo corpo acima, rumo ao peito. O atirador de elite que Adam e eu tínhamos mandado subir num dos carvalhos do quintal finalmente avistara Fowler pela vidraça.

capítulo 42

ANTES QUE EU VOLTASSE A ENTRAR NA CASA da Rua 30, tínhamos decidido que, se queríamos realmente salvar o Dr. Nicholson, não podíamos permitir que o ele estivesse na casa até as sete e meia. Se eu não conseguisse que Fowler se rendesse, o meu serviço seria levá-lo para a cozinha, onde havia janelas.

Ao ver o ponto vermelho no seu corpo, soube que Fowler morreria e que a ex-mulher, os filhos e o Dr. Nicholson teriam a chance de viver.

Fowler viu o ponto no peito e também soube.

Podem dizer que está no meu DNA, não sei. Mas eu não conseguiria ver aquele homem levar um tiro na manhã de Natal.

Eu me joguei em cima dele, abracei-o com arma e tudo e o derrubei com força no chão.

Um fuzil atirou. O vidro de uma janela da cozinha se quebrou. A foto da família de Fowler foi perfurada quando uma bala a atravessou e entrou parede adentro.

Joguei o antebraço contra a parte de trás da cabeça de Fowler, forçando o seu rosto no chão de madeira de lei, depois arranquei a arma dele. Levantei-me depressa e pus a bota em seu pescoço, o cano da minha arma contra a sua têmpora.

– Henry Fowler, você está preso.

Quando terminei de ler os direitos dele, a porta da frente se escancarou e os homens de Adam irromperam pela porta entre a varanda dos fundos e a cozinha. Correram para nós, puseram algemas plásticas nos tornozelos e pulsos de Fowler.

Os médicos entraram correndo, enquanto os dois policiais da SWAT puseram Fowler em pé. Ele estava com um baita olho roxo por causa do choque contra o chão.

Ele me encarou.

– Por que não deixou que me matassem?

– Já disse que acredito no poder redentor do Natal.

– Isso não é para mim. – Fowler balançou a cabeça. – Ficarei numa cela na penitenciária. Serei torturado pelo que fiz pelo resto da vida.

– A menos que deponha – falei.
– O quê?
– Conte o que sabe. Diga a verdade sobre o medicamento para a doença de Huntington e a vacina contra hepatite. Você ainda pode salvar vidas, evitar danos cerebrais.

Fowler me olhou como se nunca tivesse pensado nisso.

– Feliz Natal, Fowler – desejei.

Então a SWAT o levou embora.

Os meus olhos começaram a lacrimejar e os enxuguei na manga do casaco. Talvez o que a minha avó sempre dissera sobre o Natal fosse verdade.

– Está bem, Alex? – perguntou Adam.

Ele entrara pela porta dos fundos arrebatada.

– Estou – respondi, observando Fowler ir embora. – Estou bem.

Fomos para a sala de estar, onde McGoey assumiu o controle da situação. Os fotógrafos criminais já registravam os abajures quebrados, os presentes fuzilados e a árvore de Natal destruída. Assistentes sociais conversavam com as crianças. Tinham limpado seus rostos, lhes dado frutas e os levado ao banheiro. Os paramédicos cuidavam do Dr. Nicholson.

Trouxeram uma maca pela porta da frente. Dois paramédicos enfiaram uma tábua debaixo do homem gravemente ferido. Levantaram-no com cuidado até a maca e o levaram pela porta da frente.

Diana seguiu a maca. Parou um segundo e se virou para mim.

– Que Deus o abençoe, detetive.

– A senhora também. Cuide do seu marido e dos seus filhos – respondi.

– Alguém feche essa maldita porta – berrou Adam. – Está frio aqui dentro.

– É, não foi fácil para você, Adam – comentei.

McGoey sorriu.

– O plano deu certo. Você é um sujeito esperto.

– E se não tivesse dado? – perguntei. – O que você diria?

– Eu diria: “Você é o imbecil que se deixou matar na manhã de Natal.”

Nós três demos uma última olhada na sala de estar. Não havia muita coisa que não tivesse sido rachada, esmagada, quebrada ou rasgada.

– Meu Deus – disse McGoey. – Parece que houve uma festa de arromba por aqui.

– Ah, se houve – comentei. – Uma festa e tanto. – Balancei a cabeça. Achei que devia sorrir, mas não consegui. Simplesmente não consegui.

Olhei para o relógio. Quase oito e meia da manhã. Puxei o celular e liguei para Bree.

– Oi – falei. – Guarde bacon doce para mim. Estou indo para casa.

capítulo 43

NEVE EM WASHINGTON É SEMPRE UM DESASTRE. Dez centímetros de altura conseguem parar o trânsito na Beltway. Vinte centímetros provocarão acidentes terríveis que farão o trânsito quase travar. Mas a verdadeira paralisia costuma acontecer quando a altura da neve excede os 35 centímetros, um fato raro.

Entre as dez da noite da véspera do Natal e as dez da noite seguinte, quase 60 centímetros de neve cobriram a cidade. O aeroporto foi fechado. O metrô e o sistema de ônibus pararam. Poucos carros se moveram durante todo aquele dia.

Por volta das nove horas da manhã, havia apenas 35 centímetros de neve e nem assim consegui fazer meu carro andar. Precisei de um carro-patrolha para me levar para casa. O policial e eu tivemos de descer duas vezes para empurrar o veículo atolado na Avenida Constitution. Eu devolvera as botas a Adam e, por isso, meus sapatos estavam encharcados e os dedos do pé dormentes quando cheguei em casa.

Não preciso dizer que, quando ouviram a porta da frente se abrir, quase todos correram para me beijar, abraçar e me desejar feliz Natal. Dei um abraço apertado em Bree e disse:

– Este é o melhor presente que eu podia ganhar.

Mas Nana continuou sentada na cadeira, seu pequeno trono.

– Ora, ora – disse ela, finalmente. – É o meu neto que está aí? Deve ser uma ocasião muito especial para ele vir nos visitar. Ah, acho que é Natal.

Andei até a cadeira dela e a levantei. Ficamos em pé abraçados, e nunca imaginei que uma mulher daquele tamanho pudesse ter tanta força. Ela quase me sufocou.

– Acabei de fazer um pouco de bacon doce – disse ela.

– Bacon doce e um cochilo parecem perfeitos – respondi.

capítulo 44

ATÉ NANA MAMA DECIDIU QUE PASSAR A VÉSPERA DO NATAL convencendo um maluco a não matar a família era razão suficiente para me dispensar de comparecer à missa das onze.

Bree me jogou na cama e dormi como uma pedra durante quatro horas, até ouvir Damon comemorar lá embaixo. Na escola, ele se tornara um grande fã de hóquei, e assistia à transmissão de um jogo que acontecia num ringue montado dentro do Fenway Park.

Desci meio grogue, senti o cheiro do peru assando e olhei para a televisão.

– Nevando em Boston também.

– Está nevando em tudo que é lugar – disse Jannie. – Dizem que aqui só deve parar à noite. Um desperdício, se quer saber a minha opinião.

– Por quê?

– Se fosse daqui a duas semanas, teriam que suspender as aulas.

– Os repórteres dizem que você salvou a vida de um cara ontem à noite – disse Damon.

– Talvez dois – respondi.

– Isso é bem legal.

– Um presente, se a gente pensar bem.

Passei o resto da tarde comendo muitos biscoitos, assistindo ao jogo, abraçando Bree sempre que podia e escutando a minha avó contar histórias de Natais passados, enquanto preparava inhames com pequenos marshmallows e couve-de-bruxelas com restinhos de bacon doce e uma torta de pecã que quase me fez arriscar os dedos para provar.

– Tire as suas mãos daí. Agora! – Nana não parava de dizer e estapear minha mão.

Quando o peru saiu do forno, por volta das cinco horas, ensinei Damon a abri-lo. Mais tarde, cada um levou o seu prato favorito para a mesa. Eu levei a travessa do peru; Damon, os inhames com marshmallow; Bree, o purê de batata; Ava se encarregou do molho

de cranberry; e Jannie carregou o recheio como se estivesse numa procissão.

E, como em todos os anos, alguém teve que buscar as couves-de-bruxelas. Dessa vez fui eu.

Sentamos à mesa com guardanapos de pano, boa porcelana, alguns cristais para o vinho de Natal.

– Alex – disse Nana.

Era o meu sinal para agradecer a Deus. Demos as mãos uns aos outros. Bree segurou a minha com tanta força que achei que nunca largaria.

Então, falei:

– Agradeçamos ao Senhor por esta refeição. E também por nossa saúde e nossa felicidade. E... por sermos uma boa família aqui reunida no dia de Natal. – Parei e depois disse: – Agora vamos dar as nossas graças pessoais em silêncio.

– Estou contente porque o meu pai está em casa! – disse Damon, e todos sorrimos.

– Eu também – concordei.

Então a sala ficou completamente em silêncio. Os segundos se passaram. Eu tinha muito a agradecer: a segurança da minha família, a minha sobrevivência, a alegria de...

O silêncio da oração foi rompido por Ava.

– Estou com fome. O Senhor não sabe que é Natal?

Todos rimos. E então os pratos e travessas de comida começaram a ser passados de mão em mão. Quando começamos a aproveitar, meu celular tocou.

capítulo 45

ANTES DE O TELEFONE TOCAR, TODOS ESTAVAM FELIZES, emocionados por finalmente eu estar seguro em casa. Agora todos os rostos se entristeceram.

Nana brandiu para mim uma faca de manteiga.

– Não ouse atender, Alex. Não ouse.

Embora todos tivessem sido gentis quando cheguei em casa, eu sabia que o problema dos reféns teria um preço. Além de correr perigo, eu não tinha participado das tradições da família. Não estava em casa para cantar músicas natalinas e pôr as crianças para dormir. Não levantei antes do amanhecer com Nana Mama para encher as meias. Não estive lá para ver os meus filhos abrirem os presentes e não ajudei a fazer bacon doce.

Dei uma olhada no número que chamava e sorri.

– É Ali.

Meu filho de 6 anos fora passar as festas na casa da mãe, Christine. Todos respiraram aliviados. Bree sorriu e se levantou, anunciando:

– Vou pôr a torta para esquentar.

– Feliz Natal – falei, ao atender o telefone.

– Que Deus abençoe a todos nós! – gritou Ali.

– Assistindo a *Os fantasmas de Scrooge*? – perguntei.

– Ontem à noite – disse Ali. – Obrigado pelas luvas de boxe.

– De nada.

– Mamãe não gostou muito delas.

– É só trazer de volta quando vier para casa.

– Papai Noel me deu um Xbox. O que o senhor ganhou?

– Quarenta centímetros de neve e o melhor menininho do mundo

– respondi.

Ele riu e se gabou:

– Fui andar de trenó no parque.

– Gostou?

– Construímos uma pista de salto.

– Então deve ter sido divertido. Quer dizer oi a Nana e a todo mundo?

Ele disse que sim e passei o telefone pela mesa até a minha avó, observando sua alegria ao ouvir o bisneto.

– Ora, que Deus abençoe a todos nós, rapazinho – disse ela.

Senti uma mão no ombro, ergui os olhos e vi Bree de volta da cozinha, sua silhueta destacada na luz do dia que estava acabando. Minha mulher sorriu e beijou meu rosto. Estava com um cheiro maravilhoso quando se inclinou e cochichou:

– Você vai ganhar um presente especial mais tarde.

Sorri e apertei a mão dela, sentindo que, pelo menos por algum tempo, nada poderia atrapalhar a nossa merecida comemoração.

capítulo 46

ÀS 17H19 DAQUELA TARDE DE NATAL, UMA MULHER com um passaporte americano que a identificava como Júlia Azizz, de Filadélfia, deu uma gorjeta generosa a um motorista de táxi da Diamond Cab por trazê-la desde Arlington, na Virgínia, até Washington naquele tempo horrível. Ela desceu do táxi diante da entrada da Union Station na Avenida Massachusetts, ao norte da colina do Capitólio.

Júlia tremeu ao sentir o vento gelado e pisou na neve funda que os operários se esforçavam para limpar. A luz do dia se esvaía, mas ela mantinha os óculos escuros enquanto arrastava uma grande e pesada sacola de compras da Macy's rumo à porta da estação.

Mulher miúda, em boa forma, de uma beleza exótica e pele cor de cobre polido, Júlia usava um casaco de lã escura, um cachecol cinzento de caxemira, calças de lã escura e um suéter canelado de gola rulê. Um par de botas de couro preto até as canelas completava o conjunto, que sugeria que ela talvez fosse a assessora elegante de algum deputado em vez de uma integrante fanática de Al Ayla, a Família.

O verdadeiro nome de Júlia era Hala.

Que uma praga caia sobre eles, pensou ela enquanto abria caminho pelas portas giratórias e entrava no saguão de mármore da Amtrak. Hala ficou feliz em saber que era verdade o que ouvira no rádio do táxi a caminho da cidade: embora tudo o mais tivesse praticamente parado, os trens da Amtrak ainda rodavam, mas estavam muitíssimo atrasados por causa da tempestade, e a Union Station estava lotada de viajantes.

Era perfeito. Ainda melhor do que ela planejava.

Na verdade, os fatos prestes a se desenrolar deveriam ter ocorrido mais cedo, por volta das onze da manhã, com margem de dez minutos para mais ou para menos. Mas a tempestade tinha mudado a situação e atrasara, na última vez que ela verificara, umas oito horas o cronograma intrincado do plano.

Ela chutou a neve das botas e olhou em volta no saguão principal, ignorando a voz de Nat King Cole que saía das caixas de som e sem dar atenção às árvores e lâmpadas de Natal, à menorá

simbólica e às lojas escuras à sua volta. Ela só viu as longas filas nos guichês de venda de passagens à frente e as dezenas de viajantes sentados em bancos e no chão, alguns grogues com a ceia de Natal e ansiosos a fim de voltar para casa, outros separados da família pela pavorosa tempestade, frustrados e famintos porque ainda não tinham chegado aos banquetes da festa.

Hala não sentiu pena de nenhum deles. Para ela, eram porcos que ignoravam os ensinamentos do seu profeta Isa. Porcos que só acreditavam no que pudessem comprar, beber ou enfiar pela goela gorda abaixo.

Os americanos são fracos. Nada sabem de sacrifício nem de Deus.

Ela abriu um celular velho e apertou o botão de rediscagem.

– Diga – atendeu uma voz masculina em árabe.

– Por quê? – perguntou Hala.

– Um, quatro e zero – respondeu ele.

Ela deu uma olhada no grande relógio dentro da estação. Eram 17h25. Calculou e disse:

– Sete e cinco.

– *Insha' Allah* – disse o homem e desligou.

Hala enfiou o celular no bolso e pensou: *E agora finalmente começa.*

Ela quase sorriu com essa ideia antes de estender a mão para tirar os óculos escuros e o cachecol. Deixara o cabelo crescer recentemente e parara de pintá-lo de acaju. Agora luxuriante, espesso, comprido e quase cor de carvão, ela o puxara para trás num coque sério, deixando o rosto, com a extraordinária estrutura óssea, visível a todos, fiéis ou não.

Na verdade, era o que Hala queria. Ela olhou para uma jovem família que avançava rumo à fila do guichê de passagens.

Ela se lembrou dos próprios filhos, Fahd e Aamina, lá na Arábia Saudita, deixados com a avó enquanto Hala lutava e se sacrificava por Deus. Ao se lembrar do filho e da filha pequenos, ao vê-los aquela última vez no colo do marido, Hala sentiu um momento de pesar desesperador, quase paralisante, mas logo controlou suas emoções e usou a morte do marido e a distância entre ela e os

filhos, que logo seria eterna, para alimentar sua raiva e sua força de vontade.

A cabeça parecia leve, rápida, ondulante. Hala enfiou o cachecol e os óculos na sacola da Macy's e entendeu que era assim que se sentiam os mártires ao entregar a alma ao Eterno.

Ela estava em paz com isso, submissa até.

Olhou em volta, avistou câmeras de segurança em vários ângulos dentro da estação. Antes de procurar algo para comer, ela fez questão de passar diante de cada uma daquelas câmeras, olhando bem para as lentes e dando aos que vigiavam um belo sorriso gelado.

capítulo 47

POUCO DEPOIS DA TORTA DE PECÃ com sorvete de baunilha ter sido devorada e a louça, lavada, Nana Mama começou a ler em voz alta o Evangelho de São Lucas:

– “Naqueles dias, César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de todo o império romano. Este foi o primeiro recenseamento feito quando Quirino era governador da Síria. E todos iam para a sua cidade natal a fim de alistar-se. Assim, José também foi da cidade de Nazaré da Galileia para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque pertencia à casa e à linhagem de Davi. Ele foi a fim de alistar-se, com Maria, que lhe estava prometida em casamento e esperava um filho.”

Desde que fui morar minha avó, aos 10 anos, era costume, depois de toda ceia de Natal, ela ler a descrição do nascimento de Jesus. Por mais exausto que estivesse, ao ouvi-la contar aquela história, me senti enraizado pelas palavras da Bíblia e ligado à força da leitura comovente de Nana Mama. Bree estava sentada no meu colo, e a abracei e descansei a cabeça nas costas dela, escutando o seu coração bater e sentindo que eu poderia dormir como um homem felicíssimo.

Mas então meu celular tocou de novo.

Nana Mama parou de ler e me olhou furiosa. Vi a identificação da chamada. Não havia nome, mas eu conhecia aquele número e as suas variações. Era alguém do FBI, onde eu já trabalhara elaborando perfis de criminosos.

Fiz uma careta com a reação que receberia, mas sussurrei:

– *Tenho* que atender. Continue.

Perplexas, Bree se levantou para que eu me levantasse e Nana Mama continuou a ler, elevando a voz quando saí da sala, gritando atrás de mim enquanto eu seguia para a cozinha:

– “Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria.”

– Alex Cross – falei, massageando a dor crescente entre os olhos.

– Com que rapidez consegue chegar à esquina da D com a Louisiana? – perguntou Ned Mahoney, velho amigo e agente especial com quem trabalhei em alguns casos no FBI.

– Amanhã – respondi, contendo um bocejo. – Talvez depois de amanhã.

– Estou mandando um carro buscar você.

– É Natal.

– Eu sei que é Natal – retrucou Mahoney. – É por isso que preciso de você.

– Ned, tenho uma avó de 90 anos irritadíssima berrando o Evangelho de Lucas para mim e...

– Achamos que é Hala Al Dossari, Alex – disse Mahoney.

Um arrepio gelado percorreu minha espinha e me deixou bem acordado.

– Acha que a Dra. Hala está na esquina da D com a Louisiana?

– Pior – disse Mahoney. – Dentro da Union Station. E com uma sacola enorme da Macy's.

– Merda.

– Exatamente – concordou Mahoney. – Estou mandando um carro buscar você. Espero que entre nele.

Ele desligou como se eu não tivesse contra-argumentos para apresentar.

Na sala de jantar, a minha avó ainda lia, ainda mais alto do que antes.

– “Mas o anjo lhe disse: ‘Não tenham medo. Estou lhes trazendo...’”

Voltei à sala de jantar e Nana Mama parou, me estudou por um longo momento e leu tudo na minha linguagem corporal.

– Precisam de você outra vez, Alex?

Vi rostos se nublarem, o da minha mulher inclusive.

– É um fato triste da vida nem todo mundo acreditar em paz na Terra nem em boa vontade entre os homens – respondi. – O FBI vai mandar um carro me buscar.

capítulo 48

ENQUANTO A ESCURIDÃO COBRIA O DIA DE NATAL, havia apenas cinco lanchonetes abertas na Union Station: a Pizzaria Uno no mezanino; um McDonald's e uma Sbarro nos cantos nordeste e noroeste da estação; e a Great Wraps e a Nuthin' But Doughnuts no nível térreo, no lado noroeste.

Hala comprou um sanduíche de churrasco grego na Great Wraps e o devorou, pensando que essa poderia ser sua última refeição. Por ela, tudo bem. Embora, na melhor das hipóteses, o sanduíche fosse medíocre, a carne apimentada a fez se lembrar de casa, de Tariq assando um carneiro nos fundos para comemorar o primeiro aniversário da filha. Foi um dos melhores dias de sua vida, e ela se agarrou àquela lembrança enquanto esperava que o grupo de turistas japoneses da mesa ao lado se levantasse e seguisse para o elevador que levava de volta ao nível da rua. Hala se enfiou entre eles, segurando a sacola da Macy's bem baixa, torcendo para que a câmara de segurança não a visse.

No andar de cima, ela traçou o seu caminho pelos fundos da estação, coreografando cada passo para que as câmeras só tivessem um vislumbre dela.

Eram 17h47, 22 minutos desde que mostrara o rosto para as câmeras. Imaginou que não havia possibilidade de a polícia já ter sido alertada da sua presença. Isso significava pelo menos 25 minutos antes de uma possível reação direta. Ela acrescentou dez, talvez quinze minutos por causa da neve e decidiu que veria os primeiros sinais de ação da lei por volta das 18h25.

Hala seguiu para leste pela estação, passou pela entrada escura dos trens suburbanos MARC, à esquerda, e pela escada que descia até os portões A a L da Amtrak. Com os fundos do guichê de passagens à direita, ela deu uma olhada para o painel no alto que mostrava o horário aproximado das chegadas e partidas de trens.

O Northeast Corridor Acela Express 2.166 partiria para Nova York e Boston em quinze minutos, com cerca de quatro horas de atraso. O próximo Acela deveria partir às 18h50, também com várias horas de atraso. Mas o Crescent, que ia para o sul, para Atlanta e Nova

Orleans, estava com apenas trinta minutos de atraso, com a partida prevista para 19h30.

Perfeito.

Hala avançou, entrando e saindo da multidão, fazendo o máximo possível para se manter perto de outras pessoas enquanto seguia para o McDonald's, que estava lotado. Ela se enfiou na lanchonete, contornando os que esperavam para fazer os pedidos, e pegou um copinho de refrigerante que alguém deixara numa mesa desocupada.

Transferiu o copo para a mão esquerda, parou um instante e levou o indicador direito aos lábios, umedeceu-o com a língua e enfiou a mão no bolso do casaco. O dedo encontrou uma cápsula farmacêutica transparente que grudou na saliva. Ela esperou até a máquina de refrigerante ficar sem ninguém e foi até lá.

Hala passou o copo para a mão direita, a cápsula ainda colada no dedo. Ela ergueu o copo até a torneira de Coca-Cola, apertou-o contra a alavanca e o encheu até a metade. Contenta por não sentir ninguém à espera atrás de si, agiu como se esperasse que a espuma baixasse e moveu o copo de leve para a esquerda, dando ao dedo direito acesso à parte inferior da torneira.

Hala enfiou a cápsula na torneira que pingava, sentiu que ela se encaixara e logo afastou a mão. Apertou a alavanca de água, enxaguou o dedo para o caso de as enzimas da saliva terem feito a cápsula dissolver um pouco e seguiu na direção dos fregueses que aguardavam para pedir, sem sequer olhar para trás.

Ela ficou ali no fim da fila, o mais perto possível da saída da estação ferroviária, imaginando o veneno se derreter na torneira e aguardando alguém se servir de uma Coca. Por fim, calculou quanto tempo levaria até alguns começarem a morrer e outros a gritar.

capítulo 49

*H*ALA AL DOSSARI ESTAVA DE VOLTA A WASHINGTON, pensei, sentado no banco do carona do Jeep Grand Cherokee azul que fora me buscar.

Médica por formação, jihadista por opção, Hala pertencia à Al Ayla, a Família, uma organização terrorista sediada e baseada no reino da Arábia Saudita e depois transferida para os Estados Unidos. No momento, Hala estava na sexta posição da lista dos mais procurados pelo FBI, devido à sua ligação com o envenenamento do suprimento de água de Washington no verão anterior e por suspeitas do assassinato de pelo menos seis expatriados sauditas, inclusive o falecido marido Tariq.

Entendi por que Mahoney me chamara. Tínhamos trabalhado juntos tentando pegá-la depois do incidente da água. Eu até ajudara a elaborar um extenso perfil dela.

Mas a minha cabeça não conseguia recordar os detalhes. Enquanto atravessávamos a cidade, eu olhava a paisagem pela janela. Não dava para acreditar na quantidade de neve. Parecia que uma avalanche atingira Washington. Havia guirlandas penduradas nas portas e árvores de Natal iluminadas nas janelas. Parecia que todo mundo no distrito tinha desistido de sair e se instalara em casa para passar uma noite agradável. Todo mundo, é claro, menos eu.

Quando vou começar a dizer “não”, pensei, em vez de apenas reagir às crises que a vida joga sobre mim? Quando começarei a viver a vida de Alex Cross? Quero dizer, vivê-la de verdade. Ali estava eu, abençoado com filhos fantásticos e uma avó que tinha a saúde de uma mocinha de 20 anos e era tão inteligente quanto a Esfinge. E depois havia o milagre de Bree. Eu encontrara uma mulher maravilhosa para me amar bem quando achei que o romance me deixara para trás na linha de partida.

Quando teria oportunidade de gozar a vida?

Liguei para casa, querendo pelo menos contar a Bree que sentia essas coisas.

O telefone tocou. E tocou mais um pouco. E mais. Então a maldita coisa não parou de tocar. Na cabeça, consegui ver e ouvir a cena na casa onde aquele telefone tocava.

Nana Mama, provavelmente, devia ter dito algo do tipo:

– Se não quiser um tapa na mão, aconselho você a não atender.

– Mas, Nana – teria rebatido Damon –, e se não for o papai ligando? E se for outra pessoa?

– Não importa, que ligasse mais cedo – teria respondido ela.

– E se aconteceu algo grave com alguém?

– Que liguem para a emergência.

Desliguei e apertei o botão de rediscagem. O toque recomeçou e vislumbrei Nana dizendo friamente algo do tipo:

– Quem será que está ligando?

Desliguei e, carrancudo e exausto, voltei a olhar para a paisagem. A minha família sabia como era a vida de um detetive. Bandidos não tiram férias. Aparecem a qualquer hora, em qualquer lugar. Não só numa tarde de domingo quando estamos pintando a cerca, mas também numa tarde de Natal quando estamos à mesa durante a ceia.

Todos sabiam que o meu serviço era cheio de emergências, como o dos médicos ou bombeiros. Além disso, era um trabalho árduo. E além disso... além disso... Ora, além disso eu gostaria que alguém atendesse o maldito telefone. Porque eles são a minha família e eu sinto saudades deles de verdade.

Aquela saudade continuou enquanto passávamos pelas linhas de policiais que bloqueavam dois quarteirões da Avenida Louisiana entre a Rua C e a Avenida Massachusetts, inclusive boa parte do lado baixo do Senate Park. Já tinham limpado a neve dos dois lados da rua. Mas os únicos veículos visíveis naquele trecho da Louisiana eram dois trailers pretos em marcha lenta perto da Rua D, as rodas enterradas na neve.

capítulo 50

RECONHECI OS VEÍCULOS NO MESMO INSTANTE. Ambos eram do centro de comando móveis do FBI, provavelmente trazidos da garagem do estacionamento atrás do prédio J. Edgar Hoover, na Avenida Pensilvânia. O jipe em que eu estava parou ao lado do centro de comando mais à frente e desci.

O vento estava aumentando e penetrava pela parca azul da polícia e pelo gorro de lã dos Washington Redskins que eu usava. Corri para a porta do centro de comando. Por acaso, olhei debaixo dele e vi que ali mal havia neve. A porta se abriu com barulho, o que me surpreendeu. Subi a escada e encontrei Ned Mahoney à minha espera.

Magro e com olhos azul-acinzentados característicos, Mahoney já dirigira a equipe de resgate de reféns do FBI, que também servia de unidade antiterrorista doméstica do Bureau. Até recentemente, Mahoney se encarregava do treinamento especializado de agentes na costa leste; agora dirigia uma nova operação de reação rápida que o FBI ativava para casos críticos, como esse. Além dele estava Bobby Sparks, mais alto do que Mahoney, 30 e poucos anos e atual líder da equipe de resgate de reféns da costa leste. Ambos estavam com roupas informais.

Apertei as mãos deles.

– Têm certeza de que ela está lá dentro? – perguntei.

– Se não for ela, é uma irmã gêmea – respondeu Mahoney. – Ela desfilou pelo saguão principal e se exibiu para as câmeras. Mostrou um entendimento bastante sofisticado das câmeras, do seu posicionamento e das suas limitações. Está na praça de alimentação do andar de baixo.

Ele fez um gesto por sobre o ombro para indicar três agentes do FBI que operavam uma parede de telas.

– Estamos ligados a todas as câmeras da estação e aos bancos de dados.

Segui-o e fiquei atrás dos agentes que olhavam para as telas que mostravam vários ângulos dentro da estação ferroviária, inclusive um na praça de alimentação do andar de baixo.

– Onde ela está?

Uma agente de cabelo ruivo bem curto cutucou a tela da câmera da praça de alimentação.

– Ela foi lá para o lado direito da escada rolante, fora do alcance das câmeras – falou. – De lá não há para onde ir e ela está à vista de todos da estação.

– Há quanto tempo está lá?

– Cinco minutos, no máximo – disse Bobby Sparks. – Vinte e três lá dentro, no total.

– E vocês já estão aqui? – perguntei.

Por um momento, Mahoney não respondeu. Bobby Sparks disse:

– Somos rápidos.

Franzi os olhos, percebendo o que vira lá fora.

– Não, não são. Não há neve debaixo deste ônibus, o que significa que estava estacionado aqui antes de a tempestade começar.

O agente do FBI pareceu incomodado.

– Você não deixa escapar nada, não é?

– Raramente – respondi. – Sejam francos comigo, cavalheiros.

Sparks pareceu incomodado, mas Mahoney não pensou duas vezes.

– Ponha o interrogatório de Mokiri para Alex ver – ordenou a outro agente que trabalhava com as telas. – Depressa.

capítulo 51

O AGENTE DIGITOU VÁRIOS COMANDOS ATÉ SURGIR NA TELA UM VÍDEO GRANULADO. Um homem moreno de 30 e tantos anos, amarrado a uma cadeira, fitava desafiador um homem de terno jeans que estava de costas para nós.

– O sujeito na cadeira é Abdul Mokiri. É sírio, está aqui com uma bolsa de pesquisa, na Tulane University. Também é membro da Al Ayla e treinou com Hala Al Dossari e o marido dela na Arábia Saudita três anos atrás.

– Aonde ela foi? O que está fazendo? – perguntou o homem de costas para a câmera. – Hala?

– Você não pode fazer isso – disse Mokiri. – Tenho direitos civis.

– Você só tem direitos se estiver nos Estados Unidos – disse o homem sem rosto. – Mas lhe garanto que não está nos Estados Unidos, Abdul, e portanto não jogamos pelas regras americanas.

O sírio cuspiu no interrogador. Alguém muito grande, o rosto e a parte superior do corpo perdidos nas sombras, empurrou a cadeira de Mokiri para a frente, contra uma mesa de carteador que ficara escondida pelo interrogador. Essa mesma pessoa agarrou a mão direita do terrorista e a esticou na direção de algo sobre a mesa que a princípio não reconheci. Mokiri começou a se encolher e gritou:

– Vocês não podem fazer isso!

A placa aquecida ficou rubra. A mão de Mokiri baixou na direção do ferro em brasa.

– Desligue – pedi.

O agente obedeceu. Olhei para Mahoney e Bobby Sparks tão incisivamente quanto o sírio tinha olhado para o seu interrogador.

– Não sabia que o FBI praticava torturas, Ned.

– Não pratica – retrucou Mahoney. – Não sei de onde veio isso, Alex. Nem me interessa. Mas fico contente de saber o que Mokiri falou.

– Confissões feitas sob tortura não podem ser levadas a sério – rebati. – São meias verdades misturadas com o que o torturado acha que o torturador quer ouvir.

– Talvez – disse Bobby Sparks friamente –, mas não tivemos o luxo de pensar assim quando Mokiri disse que Hala planejava pôr uma bomba na Union Station na manhã de Natal.

– Ela está meio atrasada – falei.

– A nevasca – explicou Mahoney.

Fechei os olhos.

– Mas ela está lá dentro agora? Sem dúvida?

– Mostre a ele os vídeos dela chegando à estação – disse Mahoney a outro agente que trabalhava com os monitores.

Um instante depois, várias telas de baixo mostraram Hala Al Dossari andando pelo lado sul do saguão principal, olhando diretamente para as câmeras.

– Ela não sabia que tínhamos um software de reconhecimento facial naquela estação? – perguntei.

– Parece que, sem dúvida, ela queria que a víssemos – respondeu Mahoney.

– Por quê?

– Esperávamos que você talvez soubesse o motivo.

Dei de ombros, tentando fazer o meu cérebro pensar com clareza.

– Talvez esteja tentando atrair vocês para cá para detonar e matar um monte de agentes federais.

– Cogitamos isso – disse Bobby Sparks.

– Certo. Mais alguma informação de que eu precise saber?

Mahoney assentiu.

– Mandamos a Agência de Segurança Nacional vigiar a estação desde ontem à tarde, captando todas as transmissões de celular. Só uma parece pertinente.

A agente ruiva deu uma ordem ao computador. O interior do centro de comando se encheu de sussurros numa língua que achei ser árabe, uma mulher falando com um homem.

– É ela 25 minutos atrás, depois que entrou na estação – disse Bobby Sparks. – Ela pergunta “Por quê?”, aí o homem não identificado responde “Um, quatro e zero”. Ela diz “Sete e cinco”. O homem não identificado responde “*Insha’ Allah*”.

– Um código, então? – perguntei.

– É óbvio – respondeu Mahoney.

– Dá um tempo, Ned – falei. – Estou trabalhando com nada, por enquanto. Você tem a localização do celular do sujeito?

– Providenciamos isso – respondeu Mahoney. – Ele estava na área de Suitland-Silver Hill, mas não tivemos tempo suficiente para localizar melhor.

Antes que eu comentasse qualquer coisa, o terceiro agente que fazia a vigilância das câmeras dentro da Union Station deu um tapinha nos fones e disse:

– Sinto interromper, mas alguém caiu morto dentro do McDonald's, nível da rua, canto nordeste da estação.

capítulo 52

SEIS MINUTOS ANTES, QUANDO A ESPUMA BRANCA saiu da boca de um garoto no final da adolescência, o rosto cheio de espinhas, e algumas pessoas começaram a berrar por socorro, Hala escapulira do McDonald's e dera quatro passos grandes e tranquilos na diagonal, de costas para a câmera de segurança mais próxima. Em menos de seis segundos, estava dentro do banheiro feminino.

Ela percorreu a série de cabines até avistar uma com uma grade de metal na parede acima. Por sorte, estava aberta. Entrou, ainda ouvindo gritos alarmantes de fora do banheiro, virou-se e começou a trabalhar, sabendo muito bem que o envenenamento logo levaria a polícia de Washington ao local. A polícia logo perceberia que uma suspeita com a descrição dela estivera na máquina de refrigerante alguns minutos antes de o adolescente pegar a sua Coca. E, assim, a polícia e o FBI, que já procuravam por ela, se uniriam.

Seis minutos. Era todo o tempo que ela se permitiria.

Hala abriu a sacola da Macy's e tirou um macacão azul de operário com uma etiqueta de pano costurada no peito que dizia Amtrak e, embaixo, o nome SEAN. Ela arrancou o casaco e as botas que usava e entrou no macacão. No pescoço, pendurou uma corrente com um crachá muitíssimo bem-falsificado que a identificava como Sean Belmont, do setor de reparos ferroviários de emergência.

Restavam quatro minutos. Ela limpou toda a maquiagem do rosto, dos cílios e das sobrancelhas. Calçou botas de operário e depois enfiou o cabelo dentro de uma peruca curta e loira com corte masculino. Pôs lentes de contato que deixaram seus olhos azuis e passou base clara no rosto e nas mãos.

Noventa segundos. Hala subiu no vaso sanitário e seus ombros ficaram na altura da grade de metal. Dava para ver um duto de ar com uns 45 centímetros de largura e 35 de altura. Ela deu uma olhada nas cabines vizinhas e ficou contente ao ver que estavam vazias. O mais depressa que pôde, verificou os parafusos que prendiam a grade do duto e viu que estavam frouxos. Ela tirou a grade e a equilibrou sobre o vaso em menos de trinta segundos.

Hala enfiou a mão e bateu até encontrar a pistola com silenciador presa ali com fita adesiva. Arrancou-a de lá, desceu do vaso e jogou a arma na bolsa de ferramentas surrada que estava dentro da sacola da Macy's. Ela pegou a bolsa e a pôs de lado. Depois, enfiou a mão no fundo da sacola e tirou oito caixas embrulhadas para presente com papel natalino, todas do tamanho de uma caneca grande. Pôs tudo na bolsa de ferramentas. O casaco e as botas de salto alto foram para a sacola da Macy's.

Quarenta segundos.

Hala subiu de novo no vaso com a sacola da Macy's. Enfiou-a com força no duto, mandando-a para o fundo, e recolocou a grade.

Dez segundos. A porta do banheiro se abriu. Uma moça deu um gritinho:

– Ai, meu Deus! Viu aquela coisa saindo da boca dele?

– Vou vomitar se você continuar me lembrando – respondeu outra.

Hala agarrou a bolsa de ferramentas, abriu a cabine e foi direto na direção delas.

– Desculpem, moças – disse com a voz mais grave que conseguiu emitir. – Tinha um vazamento ali. Agora o banheiro é todo de vocês.

– Você podia ter posto algum tipo de aviso – disse, indignada, a moça do “Ai, meu Deus”.

– Neve demais – disse Hala, como se houvesse alguma ligação, e saiu do banheiro.

Ela fez uma curva acentuada para a direita, ignorando a comoção que se desenrolava dentro e fora do McDonald's à esquerda. Andou resolutamente para oeste, rumo à entrada dos portões da Amtrak, e só deu uma única olhada à esquerda quando percebeu, com a visão periférica, um sujeito grande usando uma parca azul da Polícia Metropolitana e dois homens mais baixos com coletes que diziam FBI. Um homem suado com uniforme de policial da Amtrak os seguia até o McDonald's.

Hala se permitiu o mais leve dos sorrisos. Aquilo os empolgara, não é?

Ela não fazia ideia de quem eram os agentes do FBI e achou que o cara suado era o policial da Amtrak de plantão naquela noite. Mas

reconheceu claramente Alex Cross, o sujeito que encontrara os filhos sequestrados do presidente. Ele saía em todos os jornais.

De um jeito esquisito, Hala se sentiu honrada.

capítulo 53

AJOELHEI-ME AO LADO DO CORPO DE PHILLIP LAMONTE, que, pela forma como se vestia, parecia um bandido, mas cujos documentos o identificavam como aluno da Universidade Católica. O endereço residencial era no Upper West Side de Manhattan e ele tinha uma passagem para a Penn Station no Acela prestes a sair da estação. O enorme copo de refrigerante jazia no chão ao seu lado. O gelo ainda nem derreteria.

Baixei o rosto até a espuma em torno da boca e inspirei. Senti um odor ácido que reconheci.

– Cianureto – falei.

– Hala? – perguntou Mahoney.

– Só pode ser – respondi. – Ela matou o marido assim, não foi?

– Foi assim que ele morreu – concordou Bobby Sparks.

Olhei para o policial mais próximo.

– Este rapaz estava com alguém?

O policial apontou com o queixo um garoto branco e magrela, no final da adolescência, vestido como um cantor de hip-hop.

– O nome do colega é Allen Kent.

Dei uma olhada no copo.

– Phillip tomou isso aí antes de morrer? – perguntei a Kent.

O garoto fez que sim, mas obviamente estava em choque.

– Mais alguém chegou perto do refrigerante, rapaz? – perguntei.

Kent fez que não.

– Phil se serviu na máquina.

Eu não sabia como ela conseguira, mas tive certeza de que Hala Al Dossari tinha assassinado o estudante. E “como” parecia menos importante do que “por quê”.

– Fechem este lugar – disse para Mahoney e Sparks.

O capitão Seymour Johnson, comandante da polícia da Amtrak, suava e tinha uma aparência nem um pouco saudável. Empalideceu ainda mais.

– Está maluco? Somos o único meio de transporte para entrar ou sair de Washington. Nem sabemos se essa mulher ainda está aqui, pelo amor de Deus.

– Talvez não esteja – falei. – Mas, se eu fosse você, poria homens em todas as saídas com a foto dela. Ninguém sai da Union Station sem se identificar. Isso também se aplica aos passageiros que estão embarcando. E avise a patrulha e o Departamento de Homicídios da Polícia Metropolitana. O nível de neve está alto por toda parte. Se ela conseguiu sair e não tiver carro, estará a pé e fácil de ser identificada.

Mahoney concordou e começou a telefonar. Bobby Sparks e Johnson fizeram o mesmo. Olhei em volta, avistei um sujeito de 30 e poucos anos com um sobretudo Chesterfield, observando. Segurava um iPad. Fui até ele.

– Viu o que aconteceu, Sr...?

– Goldberg. Jared Goldberg. E não, não vi nada. Vim para cá quando ouvi os gritos.

– É patriota, Sr. Goldberg? – perguntei.

Ele franziu a testa.

– Gosto de pensar que sim.

Entreguei-lhe o meu cartão e disse:

– Alex Cross. Trabalho na Polícia Metropolitana de Washington e sou assessor do FBI. Pode me ajudar?

Goldberg fez uma careta.

– Trabalho no tribunal de contas. Como posso...?

– O seu iPad. Tem rede 4G?

Ele assentiu.

– Conectado à... como é que se diz... nuvem ou coisa parecida?

O funcionário do tribunal franziu ainda mais o rosto, mas fez que sim outra vez.

– Ótimo, posso usar? – perguntei. – Prometo devolver. E, se quebrar, substituo por outro melhor.

Goldberg pareceu angustiado, mas o entregou.

– O que pretende, Cross? – perguntou Bobby Sparks quando me viu voltar com o iPad na mão.

– Aqueles sujeitos no centro de comando – falei. – Eles podem transmitir os vídeos das câmeras deste lado da estação?

O comandante de resgate de reféns pensou e respondeu:

– Terão que passar por um dos nossos sites seguros, mas, sim, acho que podem.

capítulo 54

NA EXTREMIDADE OPOSTA DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA, agora dentro do banheiro masculino, Hala escolheu novamente uma cabine que tinha uma grade no alto. Esperou até as cabinas adjacentes à dela se esvaziarem e depois, pela segunda vez nos últimos minutos, removeu parafusos já soltos. Virou a grade de lado e a enfiou dentro do duto.

Depois, ela teve que aguardar vários minutos ali porque um velho havia entrado para urinar. Quando ele saiu e o lugar ficou em silêncio, ela entrou em ação.

Baixinha, Hala fora uma ginasta altamente hábil quando menina e ainda era ágil e flexível. Depois de enfiar a bolsa de ferramentas no duto logo após ter colocado a grade, ela ficou em pé no cano exposto do vaso sanitário, segurou as paredes dos dois lados da cabine, contraiu o abdome e jogou as pernas para cima, os dedos do pé apontados quase para o teto.

Na fração de segundo em que sentiu que os quadris estavam prestes a cair, ela lançou os calcanhares e panturrilhas à frente, para dentro do duto aberto. Contorceu-se e, em dez segundos, estava dentro do sistema de ventilação. Ela continuou a se contorcer velozmente, empurrando a bolsa de ferramentas e a grade à sua frente, cada vez mais para o fundo do duto.

Um metro adiante havia uma interseção de quatro dutos. Ela virou a parte superior do corpo na passagem da direita, empurrou-se totalmente para dentro e depois voltou para aquele de onde acabara de sair. Precisou forçar um pouco a mão esquerda, mas conseguiu pegar a grade.

Olhando a luz que entrava pelo buraco aberto na parede do banheiro, ela se arrastou até lá e espiou o lado de fora. Um menino urinava com o pai. Hala os olhou na escuridão do duto, se perguntando se Tariq chegou a fazer algo parecido com o filho Fahd. O seu menino já fora assim, tão pequeno?

Quando eles saíram, Hala se livrou dos remorsos que sentia e puxou a grade de volta sobre o duto aberto, prendendo-a com um pedaço de 20 centímetros de arame que trouxera para isso. Dois

minutos depois, já virara o corpo de novo e agora avançava diretamente pelo duto principal, sentindo o odor das pizzas que assavam na Sbarro se despejando pelo sistema de ventilação à esquerda.

Sentiu o estômago reclamar, ignorou-o e continuou se contorcendo. Sete metros e meio adiante, Hala chegou a uma segunda interseção de dutos; curvou-se e seguiu pelo que entrava à direita, para o norte. Quando estava inteiramente dentro daquele duto, ela parou, o peito ofegante, tirou o celular descartável do bolso do macacão e apertou o botão de rediscagem.

– Por quê? – sussurrou.

– Quatro e zero – respondeu a voz masculina.

Agora os seus aliados estavam perto do alvo – não levariam mais do que doze minutos para chegar lá num dia comum, só que a neve mudara tudo. Ainda assim, ela confiou na avaliação dele.

– Vá com Deus – disse ela, e desligou.

Depois de guardar o celular, deslizou mais uns 3 metros até onde o duto fazia uma curva de noventa graus para a esquerda. Na parede norte havia outra grade. O ar frio entrava por ela. Hala tremeu; parou apenas um segundo para olhar pela grade, vendo-se bem acima de plataformas de carga mal iluminadas e dois trens de passageiros parados às escuras nos trilhos da via suburbana.

Hala continuou se arrastando rumo a uma terceira grade. Movia-se furtivamente, como se deslizasse para a posição de tiro, como a atiradora de elite que era. Os últimos 3 metros levaram quase dez minutos para serem percorridos, deixando-lhe 28 minutos até que o seu papel se tornasse fundamental.

Uma irritante música de Natal berrava em algum lugar. Hala espiou pela grade. Estava a 4,5 metros de altura na parede leste de uma plataforma de carga do Serviço Postal dos Estados Unidos. Diretamente abaixo dela, havia grandes sacos de lona cheios de correspondência. Uma equipe de três homens trabalhava na plataforma, transferindo os sacos de correspondência dos cestos para um compartimento aberto na traseira de um vagão.

Hala vislumbrou uma imagem sua muito mais jovem, no deserto com Tariq, antes de as crianças terem nascido. Ele lhe ensinava a atirar com a pistola. Mirar e atirar com armas de fogo acabou se

tornando algo natural para ela, mas tinha sido muito estranho naquela época. Atirar era algo exato, como a medicina, em que a atenção à técnica e aos detalhes se uniam para criar um pequeno milagre. E não era isso um tiro perfeito? Um pequeno milagre? Um dom de Deus?

Hala pensava que sim. Tirou a Glock com silenciador da bolsa de ferramentas e, entre as barras da grade, mirou um latino gordo com costeletas. Era o que estava mais longe dela, mais perto dos trilhos. O que tinha mais probabilidade de fugir.

capítulo 55

MINUTOS DEPOIS DE ENTENDEREM O QUE EU PRETENDIA FAZER, Bobby Sparks e Mahoney conseguiram mais iPads. Com os tablets, podíamos estar em dois, três ou quatro lugares ao mesmo tempo. A estação ferroviária se tornou o nosso centro móvel de controle de crises. Podíamos mudar o tempo também – para trás, pelo menos.

Eu tinha todas as gravações das três câmeras na extremidade nordeste da estação e nos arredores, as mais próximas do McDonalds, e voltei ao momento aproximado da queda de Phillip Lamonte. Ouvi os gritos e vi Hala Al Dossari escapular em meio à comoção e sumir na direção do banheiro feminino à esquerda do restaurante. Nenhuma das câmeras estava voltada diretamente para o banheiro, mas era óbvio que ela iria para lá.

– Feche o banheiro – rugiu Bobby Sparks para Johnson, o comandante da polícia da Amtrak.

Depois, o líder de resgate de reféns do FBI abriu caminho, o distintivo erguido, a arma à vista, com Mahoney e eu cobrindo a retaguarda.

Achamos três mulheres lá dentro. Uma tinha mais de 80 anos e me fez lembrar de Nana, e outra mais nova e mais bonita que não faria inveja a Bree. A terceira era uma garota no final da adolescência, gorducha. Hala Al Dossari era magra.

Quando saíram, revistamos o banheiro de cima a baixo. As cabines dos vasos sanitários não eram lavadas desde antes da tempestade. Com luvas de látex, fiquei de quatro e espiei dentro de cada uma delas. Avistei uma mancha esbranquiçada no piso da terceira.

Peguei um lápis e a cutuquei com uma borracha, vi que borrava.

– O que tem aí, Alex? – perguntou Mahoney.

– Parece maquiagem – respondi.

– Num banheiro feminino? Quem diria...

Levantei-me e notei a grade acima do vaso sanitário. Não entendia como alguém conseguiria entrar num espaço tão pequeno, mas tenho 1,85 metro e peso mais de 90 quilos.

Passei a unha num dos parafusos e achei interessante ver que estava solto.

– Tem uma lanterna? – perguntei.

Mahoney me entregou uma. Acendi-a, lancei o facho entre as grades e, a cerca de 2 metros de distância, vi a sacola amassada da Macy's que Hala Al Dossari andara carregando.

capítulo 56

ARRASTEI A SACOLA PARA FORA COM A AJUDA de um cabo de esfregão que Mahoney encontrou.

– As botas e o casaco dela – falei. – Nada nos bolsos.

– Eu fico com isso – disse Mahoney. – Quero verificar se não há resíduo de explosivos.

– Precisamos da gravação de todas as câmeras da estação até cerca de dez minutos depois de Lamonte morrer – pedi, seguindo para a porta do banheiro.

Dois minutos depois, um técnico do FBI começou a fazer um teste na sacola da Macy's enquanto eu analisava a gravação da única câmera que nos dava uma visão razoável da área em torno do banheiro, uma tomada em ângulo agudo da parte nordeste da Union Station. Avancei um pouco, observando todos os que andavam para oeste do McDonald's.

– Lá estamos nós – disse Mahoney, apontando a imagem de nós quatro correndo na direção do McDonald's.

Notei o homem que nos olhara quando passamos, uma figura franzina de cabelo cor de areia com macacão de operário da Amtrak, carregando uma bolsa de ferramentas de lona.

– Estranho... – comentei.

– O quê? – perguntou Mahoney.

– Aquela bolsa de ferramentas – respondi. – É do tipo que os encanadores costumavam usar. Ou pedreiros. Não imagino um operário moderno com uma coisa dessas.

O personagem sumiu de vista.

– Para onde ele vai? – perguntou Mahoney.

Nisso já estávamos de volta ao saguão principal. Olhei em volta, me orientando pelo ângulo da câmera, e deixei os olhos viajarem na direção que o operário seguira, vendo a ponta de uma fila de gente passando pela segurança e descendo a escada para os portões A a L da Amtrak.

– Há um Acela prestes a partir – falei, correndo para a fila, enquanto Mahoney ligava para o centro de comando na Avenida

Louisiana, pedindo todas as gravações do portão de segurança desde que este fora aberto para o embarque.

Tínhamos menos de trinta segundos. Repassei a gravação com o quádruplo da velocidade normal e logo avistei o funcionário com a bolsa de lona. Mas ele não estava na fila do Acela. Ele se desviou do portão e andou diretamente para a outra ponta da estação, onde entrou no banheiro masculino.

Começamos a correr. O meu celular tocou. Era Bree.

– Alex?

– Não posso falar agora. Gostaria muito, mais do que imagina, mas não posso.

– O que está acontecendo?

– Só posso dizer que há alguém muito, muito mau na Union Station.

– Então me dê um ótimo presente de Natal: fique longe dele.

– É uma mulher, e prometo que vou tentar.

capítulo 57

HALA INSPIROU FUNDO E DEVAGAR, SOLTOU A TENSÃO dos ombros e se concentrou na imagem da mira acima do cano da pistola com silenciador. O funcionário do correio, o hispânico grandão de costeletas, se virou e deu dois passos antes que ela apertasse o gatilho.

Embora estivesse com o silenciador, o ruído que a arma fez ao disparar pareceu alto para ela no duto. Nenhum dos dois outros funcionários do correio reagiu até o Costeletas cair de joelhos, as mãos tentando impedir que o sangue jorrasse do buraco que ela abrira em sua traqueia.

O segundo funcionário do Serviço Postal era careca. O crânio pálido era um alvo fácil para o próximo tiro, que o atingiu na parte de trás da cabeça. O terceiro trabalhador, um negro magro, pareceu perceber que seria o próximo, porque se abaixou e correu em zigue-zague pela plataforma de carga, pedindo socorro aos berros.

Mas não adiantou. O terceiro tiro de Hala destruiu sua bacia quando ele tentou subir uma escada que levava às instalações principais do correio. As pernas cederam e ele urrou de dor ao pé da escada. O quarto tiro o atingiu no peito e ele caiu para a frente.

Hala devolveu a arma à bolsa de ferramentas e tirou uma parafusadora elétrica com uma broca revestida de tungstênio. Em menos de dois minutos, ela furou a montagem dos quatro parafusos e segurou a grade pelas barras.

Ao sentir que a grade se soltava da parede, Hala removeu-a e a forçou para a direita. A grade caiu no chão com estrondo. Hala agarrou a bolsa de ferramentas, contorceu-se para sair pelo duto, braços e ombros primeiro, olhou bem para baixo e percebeu que não precisaria da corda fina que trouxera.

Jogou a bolsa de ferramentas para a esquerda e a viu cair num dos cestos de correspondência, quatro metros e meio abaixo dela. Contorcendo-se, saiu do buraco até a altura dos quadris; em seguida, girou o corpo para ficar de costas para a parede. Deixou-se pender até sentir os quadris e as pernas começarem a escorregar para fora do duto.

No instante em que a borda do duto raspou suas panturrilhas, Hala arqueou as costas, empurrou a barriga para a frente e deixou toda aquela tensão aliviar num movimento rápido. As pernas a lançaram para fora do duto. Ao cair, ela girou as pernas, como se descesse das barras com as quais brincava na infância; a cabeça se afastou da parede e ela pousou de cócoras num solavanco que violentamente forçou algo no lado esquerdo do quadril.

Hala gemeu, lutou contra a dor, rolou por cima da borda de metal do cesto e chegou ao chão. Um momento depois, estava com a bolsa de ferramentas. Fez uma careta ao passar pelos trabalhadores mortos, tentando compensar o músculo estirado, possivelmente o psoas ou o ilíaco.

Assim não vai dar certo. Ela parou, pousou a bolsa junto ao corpo do Costeletas, enfiou a mão no bolso e pegou um saquinho de comprimidos que guardara. Encontrou um de 10 miligramas de OxyContin e um Ibuprofeno de 800 miligramas. Um para a dor, outro para o inchaço.

A sensação ardente que se espalhava pelo quadril não diminuía quando ela chegou à beira da plataforma de carga. Fez uma careta ao se abaixar e depois se arrastou de costas pela borda da plataforma, a brisa fria da noite no rosto, sabendo como doeria pular apenas um metro.

O que sinto não importa, pensou ao se jogar.

Mas, quando caiu ao lado do vagão do correio, a dor foi como a de uma facada no corpo. Hala ofegou e tropeçou, largou a bolsa de lona, fechou bem os olhos e mordeu os lábios para não gritar.

capítulo 58

CORREMOS ATÉ O BANHEIRO MASCULINO, para onde eu tinha certeza de que Hala havia ido. No meio do caminho, Mahoney escutou alguma coisa no fone de ouvido e parou, erguendo a mão para mim e para Bobby Sparks.

– Ela fez uma ligação cerca de onze minutos atrás – disse ele, olhando para um relógio na parede da estação. Eram 18h36, logo o telefonema fora às 18h25.

Bobby Sparks resmungou:

– Levamos onze minutos para...

– Não posso controlar a Agência de Segurança Nacional – retorquiu

Mahoney disse, interrompendo-o:

– No telefonema, uma mulher não identificada disse em árabe: “Por quê?” Homem não identificado respondeu em árabe: “Quatro e zero.” Fim da conversa. Temos alguma ideia da localização do homem não identificado: não muito longe de onde a Suitland Parkway corta a Anacostia Freeway.

– Ele pode estar vindo para cá – falei, também olhando para o relógio.

– Pode ser – concordou Mahoney, e começou a se mover de novo.

– Quatro e zero – repeti. – O que foi mesmo que o homem não identificado disse da primeira vez?

– Um, quatro e zero – respondeu Bobby Sparks.

– Há quanto tempo foi isso?

– Logo depois que ela entrou na estação – respondeu Mahoney. – Eram 17h25.

– Então eles cortaram o um e uma hora se passou – comentei.

Ambos os agentes do FBI paravam para ouvir.

– Uma hora e quarenta depois de 17h25 é 19h05 – expliquei. – Quarenta minutos depois de 18h25 é 19h05. Acho que pegamos o cronograma deles.

Mahoney ficou pálido.

– Isso significa que temos menos de 25 minutos para encontrá-la.

capítulo 59

HALA LEVOU UNS BONS VINTE SEGUNDOS para forçar os músculos a relaxarem e os olhos a se abrirem. Ela trincou os dentes com a dor ardente no quadril enquanto olhava em volta.

À esquerda, descendo os trilhos, luzes vermelhas piscavam na entrada do terminal, totalmente coberta de neve. Uns 15 metros à frente, ela conseguia perceber a massa escura dos trens suburbanos MARC. Sentiu o cheiro do escapamento e ouviu o ribombar dos motores do Acela que se aqueciam e a conversa dos últimos viajantes agradecidos, que embarcariam no próximo trem rumo a Nova York.

Hala pegou o celular e conferiu a hora: 18h47. Tinha dezoito minutos para entrar em posição e se preparar. Mancando na direção do outro lado do trem suburbano às escuras, ela ouviu as rodas do Acela começarem a guinchar pelos trilhos, seguindo para o norte.

Parou nas sombras mais escuras, sentindo o efeito do analgésico começar a percorrê-la enquanto ela abria o primeiro presente de Natal e observava o trem sair do terminal. Viajantes cansados podiam ser vistos pelas janelas iluminadas.

Hala se perguntou se os passageiros do trem se recordariam desse dia e se sentiriam como os passageiros que se atrasaram para trabalhar em 11 de Setembro: confusos e talvez abismados com as circunstâncias aleatórias que tinham levado à sua sobrevivência.

capítulo 60

Ao ver que a grade acima da cabine do banheiro masculino não tinha parafusos para prendê-la na parede, subi no vaso sanitário e a puxei. Eram exatamente 18h57. Tínhamos levado todo esse tempo para esvaziar o banheiro e revistá-lo.

A grade não se mexeu. Usei a lanterna de Mahoney e iluminei entre as barras antes de olhar para os três – ele, Bobby Sparks e o comandante Johnson.

– Esses dutos vão para onde? – perguntei a Johnson.

O guarda da Amtrak franziu os olhos com descrença.

– Acha que ela entrou aí?

– Não há outra maneira de explicar por que a grade estava presa com arame por dentro. Então, para onde eles vão?

Johnson fez uma expressão de dúvida.

– Não sei. E acho que não há ninguém da manutenção que possa nos dizer antes de...

– Espere, como é que você não sabe? – perguntou Bobby Sparks, incrédulo.

– Controlamos os trilhos e as áreas dos portões – retorquiu o policial da Amtrak, irritado. – O interior da estação é de responsabilidade de uma empresa privada de administração da Virgínia, mas todo mundo de lá tirou a noite de folga. O que vocês queriam? É Natal!

Fiz um gesto irritado na direção do duto.

– Aonde é que isso vai levar? Ou melhor, que lugares são ventilados por esses dutos?

O comandante Johnson pensou um segundo.

– Acho que vai para a pizzaria que fica aqui perto e as instalações do Serviço Postal dos Estados Unidos – respondeu.

– Qual o tamanho dessas instalações? – perguntou Bobby Sparks.

– O suficiente para cuidar de toda a correspondência do Capitólio, da Câmara e do Senado e de todas as agências federais em volta.

– Duvido que alguém do correio esteja trabalhando no Natal – disse Mahoney.

– Na verdade, há uma pequena equipe lá – disse Johnson. – Vi alguns funcionários na plataforma de carga. Ficam lá até as dez.

Pensei nisso por um segundo.

– A plataforma de carga dá para a Rua 5 ou para o terminal? – perguntei.

– Para os dois – respondeu o guarda da Amtrak. – Há uma porta de correr de aço que dá para a rua e uma porta dupla que dá acesso aos trilhos.

– Ela está tentando escapar para a rua ou chegar aos trens – falei, avançando rumo à porta. – Ponha homens na extremidade oeste daquele terminal, dentro e fora. Diga-lhes que ela está vestida de homem, de funcionário da Amtrak, e deve ser considerada armada e perigosa.

O comandante Johnson começou a suar de novo enquanto transmitia novas ordens pelo rádio. Mahoney, Bobby Sparks e eu fizemos o mesmo quando saímos correndo pela entrada de segurança que levava ao terminal, às plataformas de carga e aos trilhos do trem.

capítulo 61

MENOS DE 6,5 QUILÔMETROS PARA O SUL, em Anacostia, do outro lado do rio, uma caminhonete branca com um letreiro dizendo CSX TRANSIT SUPPORT se esgueirava pela neve em direção à ponte da Rua 11, indo para o norte, rumo a Washington.

O motorista usava botas, um macacão azul parecido com o que Hala vestia e um casaco acolchoado azul-marinho. No peito do casaco havia uma etiqueta de pano que dizia SERVIÇOS DE MANUTENÇÃO CSX. Debaixo dela, estava bordado o nome “HERB”.

O seu nome verdadeiro era Omar Nazad, mas ele estava com uma carteira de motorista de Maryland e um crachá com o nome de Herbert Montenegro, de Falls Church, Virgínia. Tunisiano que mais parecia ter nascido na Europa oriental do que no Magreb, Nazad entrara nos Estados Unidos com visto de estudante para fazer doutorado em engenharia química na Universidade de Purdue. Mas largara a faculdade quase de imediato e desaparecera nessa nova identidade por cortesia da Al Ayla e de Hala Al Dossari.

Eles tinham se conhecido seis meses antes, num esconderijo mantido por um suposto estudante de teatro da Universidade de Siracusa. Hala era quase dez anos mais velha que Nazad, mas o cativara com sua beleza e seu amor à causa. Esse plano fora ideia deles, concebido durante a primavera longa e úmida do norte do estado de Nova York e ampliado e aprimorado durante o verão e o início do outono. Essa noite, eles e os outros o veriam se realizar, fossem quais fossem as consequências.

– Irmão? – chamou uma voz masculina atrás de Nazad, nos fundos da caminhonete, iluminada apenas pelo brilho da tela de um computador.

– Estou ouvindo, irmão – respondeu Nazad.

– Seis minutos – avisou o homem.

– Vamos conseguir... – Nazad parou e xingou baixinho.

– O que foi?

– Polícia à frente. Bloquearam a pista esquerda da ponte. Silêncio, agora.

Nazad fechou as cortinas escuras que separavam o banco do motorista da traseira da caminhonete e se aproximou devagar de um policial que agitava uma lanterna.

– Policial! – gritou. – A saída está limpa até a Rua 12? Tenho que verificar os trilhos que entram no túnel.

– A saída está limpa, mas depois dela não – respondeu o policial.

– Espero que tenha equipamento para neve. Aquilo lá está uma bagunça.

– Vou me arriscar – disse Nazad e seguiu em frente.

capítulo 62

OS ANALGÉSICOS FIZERAM EFEITO. Hala enfiou no bolso um carretel de linha de pesca fina e ultraforte, pegou a bolsa de ferramentas e mancou na sombra do outro lado dos trens suburbanos MARC, seguindo para dois trens mais compridos da Amtrak que estavam parados e pouco iluminados no meio do imenso terminal.

Ela ouviu guinchos e estrondos na extremidade leste da estação. Um trem de carga saía do túnel da Rua 1, que passava por baixo da colina do Capitólio rumo aos trilhos da CSX e ao Navy Yard. Ela sentiu um arrepio com a ideia de que tudo poderia correr conforme o plano, com ou sem o atraso da neve.

Hala chegou à extremidade norte do primeiro trem Amtrak apagado, a quase 150 metros da plataforma de carga do Serviço Postal americano. Descansou um segundo encostada na parte dianteira da imensa locomotiva, observando os últimos vagões do trem de carga desaparecerem pela entrada do terminal, seguindo para o Ivy City Yard, que ficava em algum ponto além da escuridão nevada. Agora outro trem se aproximava da estação.

O *Crescent, rumo a Atlanta e Nova Orleans*, pensou Hala, sentindo o efeito do narcótico aumentar e um pouco de remorso por nunca ter ido ao lugar onde nascera o jazz. Ainda assim, estava alerta o suficiente para saber que precisava se enfiar debaixo de uma das locomotivas para não ser pega pelo farol do trem que ia para o sul.

Às 19 horas, 2 minutos e 46 segundos, de acordo com o celular, Hala pensou ter ouvido algo além do ruído do trem que se aproximava. Arrastando-se para a direita, espiou a plataforma e notou homens armados próximos aos portões de segurança, talvez uns dez, se espalhando para leste e oeste de onde ela estava. Cross estaria com eles? Ela não tinha como saber. Estariam atrás dela? Tinham que estar. Seguiam para os trens MARC e as instalações do correio.

Agora eram 19 horas, 3 minutos e 10 segundos.

O *Crescent* que ia para o sul soltou um guincho ao entrar na área entre as plataformas de embarque F e G. Havia pouquíssima gente

a bordo, pelo menos nos últimos vagões. Mas, afinal de contas, era noite de Natal.

Hala se esgueirou de volta até a bolsa de ferramentas e pescou duas das sete granadas de mão que restavam, aninhadas como ovos no papel natalino rasgado. Segurou-as, ergueu os olhos para os gigantescos suportes de aço do teto e rezou para que os infiéis não estourassem nenhuma das suas armadilhas antes da hora.

capítulo 63

CHEGAMOS À PLATAFORMA DE CARGA DO SERVIÇO POSTAL em pouco mais de um minuto. Bobby Sparks deu uma olhada nos três cadáveres e fez sinais aos seus homens para se espalharem de novo, irem para norte e leste pelo terminal e comecem a caçada.

O comandante Johnson, abalado pela visão dos três corpos, ligou o rádio e mandou sua equipe guardar a plataforma de trás enquanto a equipe do FBI trabalhava. Mahoney e eu subimos na plataforma de carga. Uma pequena televisão portátil, provavelmente pertencente a um dos funcionários do correio, estava sobre um caixote virado. Exibia o noticiário local atrasado pelo jogo de futebol americano dos Lions, que transmitia uma recapitulação do caso dos reféns de Georgetown.

O vídeo mostrou Henry Fowler com algemas nos pulsos e tornozelos. A ex-mulher de Fowler embarcava na traseira de uma ambulância com o atual marido. Eu era entrevistado por uma repórter qualquer. Abaixo de mim estava escrito:

DETETIVE DE WASHINGTON ALEX CROSS
HERÓI DOS REFÉNS DE GEORGETOWN

Desliguei a televisão e notei o meu reflexo numa vidraça. Eu não parecia um herói, de jeito nenhum. O cabelo estava molhado e a barba, por fazer. As roupas estavam encharcadas de suor e os olhos, vermelhos de fadiga.

No noticiário, eu notara que minhas mãos tremiam um pouco e eu não parava de engolir em seco enquanto falava. Também parecia mais magro; não com o corpo esguio de alguém saudável, mas com o jeito esquelético de quem leva uma vida dura demais.

O caso Fowler se encerrara havia menos de doze horas. Naquele momento, parecia ter acontecido trinta anos antes. Essa noite estava se transformando num pesadelo muito pior. Os corpos dos trabalhadores mortos deixavam isso bem claro. Parei de pensar no assunto e analisei como estavam os cadáveres. Fiz alguns cálculos rápidos de trajetória e depois olhei para o alto da parede leste e vi o buraco aberto do sistema de ventilação.

Como ela conseguiu?

Mahoney me mostrou o relógio – 19 horas, 4 minutos e 50 segundos.

– Vamos... – disse ele.

À direita, não muito longe do vagão que os trabalhadores do correio estavam abastecendo, avistei um relâmpago seguido por uma explosão atordoante. As ondas de choque me atingiram, um metal quente passou zumbindo pela minha cabeça e me joguei no chão.

capítulo 64

DEZ SEGUNDOS MAIS CEDO, MAS NÃO CHEGA A SER UM DESASTRE. O JOGO NÃO MUDOU, pensou Hala depois de ouvir a primeira explosão – a bomba que pusera mais perto da frente daquele vagão na plataforma de carga.

Hala ouviu gente gritando enquanto mordida a trava de metal que passava pelo mecanismo de segurança da granada. Ela puxou o dispositivo, cuspiu a trava para longe e segurou com força a alavanca de disparo. Para que se convencessem de que ela atacava da extremidade oeste do terminal, Hala se inclinou para trás e lançou a primeira granada para cima, por sobre o trem MARC mais próximo. A granada caiu bem atrás do trem, perto da plataforma dos fundos.

Ela se agachou atrás da parte dianteira da locomotiva, protegendo os ouvidos e os olhos da explosão que chacoalhou o terminal. Contou até quatro, para esperar em segurança os escombros caírem, e jogou a segunda granada na direção do motor desligado do trem.

A granada caiu no teto de uma das locomotivas.

Hala já corria para leste, rumo ao Crescent, quando aconteceu a terceira explosão. Com a arma numa das mãos e a bolsa de ferramentas na outra, ela se alimentava vorazmente da adrenalina que corria dentro dela, mal sentindo o músculo estirado no quadril.

capítulo 65

— O TERMINAL DA UNION ESTÁ SOB ATAQUE! — ouvi o comandante Johnson berrar no rádio depois da primeira explosão. — Interrompam o tráfego. Repito, interrompam todo o tráfego ferroviário na vizinhança da...

Outra voz berrou “Homem ferido!”. Fiquei em pé e olhei pela porta da plataforma de carga. O agente especial Bobby Sparks estava caído entre os trilhos, imóvel e sangrando. Dois dos seus homens já cuidavam dele.

— Que merda, onde ela está? — resmungou Mahoney para mim pouco antes da segunda explosão à nossa direita, do outro lado do trem suburbano mais próximo.

Pouco depois, uma terceira explosão aconteceu no alto de uma das locomotivas.

Lá, além de Bobby Sparks e dos homens que o socorriam, dois agentes da equipe de resgate de reféns se agacharam e correram na direção da última explosão, apontando as armas automáticas. Três policiais da Amtrak os acompanhavam, as pistolas em punho, deixando a plataforma traseira, seguindo para o norte rumo à plataforma de carga entre os trens MARC.

Olhei para o líder de resgate de reféns caído, perguntando-me de onde Hala poderia ter jogado as granadas, quando Mahoney pareceu sentir alguma coisa.

— Armadilha.

— O quê?

— Armadilhas — repetiu. — Ela está preparando... — Ele berrou no rádio: — Agentes, parem...

O agente de resgate de reféns mais próximo do trem rompeu uma delicada linha de pesca e disparou a quarta granada. Morreu na hora e seu parceiro ficou gravemente ferido, uma fração de segundo antes de a quinta bomba estourar entre os dois trens para onde tinham ido os policiais da Amtrak.

capítulo 66

DOIS MINUTOS ANTES DA EXPLOSÃO DA PRIMEIRA GRANADA dentro do terminal da Union Station, Omar Nazad forçou a caminhonete na neve profunda e molhada que cobria a Rua 12 no ponto onde a Water Street cruzava e começou a descer rumo à Rua M.

O tunisiano sabia, de visitas anteriores à área, que havia um canteiro de obras debaixo do viaduto à esquerda, um prédio comercial com salas de aula da faculdade comunitária à direita e, mais além, na Rua M, um segundo prédio comercial que era a sede de algum tipo de empresa de engenharia naval. Mas agora, coberto de neve, tudo parecia completamente diferente. Os edifícios estavam escuros e desertos. Essa seria uma das últimas partes da cidade a ver um limpa-neve.

Isso era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição.

No pé da ladeira, a neve se acumulara tanto que a caminhonete atolou e seus homens tiveram que descer e empurrar.

– Um minuto e cinquenta! – gritou um dos cúmplices da traseira da caminhonete.

– Se Deus quiser, conseguiremos, irmão – disse Nazad entre os dentes trincados. Ele os trincou com mais força quando os pneus tocaram o chão e a caminhonete voltou a avançar.

Ao se aproximar da empresa de engenharia, eles quase atolaram outra vez, mas Nazad engatou a primeira marcha e continuou avançando pela Rua M. O tunisiano não conseguia ver nada à direita, mas sabia que, em algum lugar ali na escuridão, estava a estrutura incompleta de um viaduto que um dia ligaria a ponte da Rua 11 com a Southeast Freeway. Debaixo dela havia todo tipo de equipamento para remover terra, guindastes e coisas do tipo.

Era ali, naquele canteiro de obras, que Nazad precisava entrar, o mais fundo que pudesse. Mas o lugar estava enterrado debaixo de mais de 40 centímetros de neve e, se ele estacionasse na M, a caminhonete provavelmente seria vista.

E eles seriam interrogados.

E isso não daria certo.

– Mas e se...?

Nazad olhou pelo retrovisor e não viu nenhum carro; olhou pelo para-brisa e só viu o brilho das luzes da rua sobre a neve que caía. Algo que Hala dissera uma vez ecoou em sua cabeça: *Em épocas de crise, Alá recompensa os ousados*.

Foi então que viu como poderia se aproximar do lugar certo.

– Cinquenta segundos!

O tunisiano jogou a caminhonete com força para a esquerda, quase contra a faixa central que dividia a Rua M naquela parte da cidade. Em seguida, pôs o veículo em marcha a ré, puxou as cortinas e berrou para que seus homens abrissem a porta traseira a fim de que ele pudesse enxergar. No instante em que a porta se abriu, ele pisou no acelerador.

Com todo o peso combinado na parte de trás, a caminhonete acelerou muito mais do que Nazad planejava. O veículo disparou por uma subida do meio-fio que os operários da estrada tinham feito e continuou pela rua de terra que passava por trás do canteiro de obras. O vento soprara bastante neve ali, amontoando-a contra as máquinas: duas retroescavadeiras, um caminhão basculante e um trator de esteiras. Havia pouco mais de 15 centímetros de neve na rua de terra.

Louvado seja Alá!, pensou o tunisiano enquanto adentravam cada vez mais o canteiro, tão perto que dava para ver algumas luzes da Southeast Freeway, e depois uma luz mais forte que se aproximava. A caminhonete parou.

– Temos 25 segundos!

Nazad desligou os faróis e ficou um instante sentado, ainda olhando pelas portas traseiras abertas da caminhonete. Ofegante, o suor escorrendo na testa e sorrindo como se tivesse acabado de ganhar na loteria, escutou o apito de um trem e viu, debaixo de uma encosta íngreme, do outro lado das grades de ferro, o farol de uma locomotiva puxando uma longa fila de vagões em direção à entrada de um túnel que se curva à direita na Rua 1 e passa debaixo da colina do Capitólio, rumo à Union Station e a todos os pontos ao norte.

– Contem! – ordenou.

Ele ouviu os homens contarem os vagões que passavam. Nazad avistou o 29o vagão, um contêiner marítimo verde da C. Itoh, pouco

antes da silenciosa noite gelada ser interrompida pelo gemido dos freios e o guincho das rodas de aço nos trilhos. O trem inteiro parou, devagar e lamentoso.

O vagão do contêiner verde estava a menos de 100 metros.

O rosto do tunisiano se iluminou com outro sorriso alegre e ele socou o volante. Ela conseguiu! Aquela louca da Hala conseguiu!

– Fora! – gritou para os homens na traseira da caminhonete. – Todos para fora!

capítulo 67

— **M**ANDEM AMBULÂNCIAS À PLATAFORMA DE CARGA DO SERVIÇO POSTAL americano na Rua 1! — berrou Mahoney no rádio. — Temos sete mortos, três feridos. Suspeita continua à solta dentro do terminal da Amtrak, que foi minado. Quero este lugar cercado e o máximo de esquadrões antibombas que conseguirem. Enquanto isso, ninguém, repito, ninguém entra nem sai daqui sem que eu autorize.

Não invejei o meu velho amigo naquela noite. Mahoney estava na Union Station com uma equipe completa de resgate de reféns havia mais de 24 horas. Ele e Bobby Sparks deveriam ter impedido que Hala Al Dossari pusesse bombas na estação, e agora um dos agentes mais bem treinados do FBI estava morto.

Então me lembrei de algo que lera no dossiê de Hala Al Dossari.

— Cães — falei para Mahoney. — Vou chamar as patrulhas caninas.

O agente do FBI assentiu.

— Boa ideia. Temos as botas e o casaco dela. Isso basta para que a encontrem.

— Quero os cães por outra razão também. Hala tem medo deles. Um medo patológico.

Enquanto a polícia da Amtrak e a Polícia Metropolitana colocavam cordões de isolamento em torno dos mortos, perguntei-me se o envenenamento aleatório, os tiros na plataforma de carga e as cinco explosões representariam todo o ataque. Era tudo ou haveria mais, algo maior e que ainda não tínhamos visto?

Antes que eu pudesse avaliar essa possibilidade, minha atenção exausta se voltou para os agentes restantes da equipe de resgate de reféns do FBI, que usavam lanternas e refletores potentes para vasculhar a área próxima, procurando mais armadilhas.

Com um bocejo e louco por cafeína, pensei: *Será que é isso que Hala quer? Fazer os caçadores se sentirem caçados?*

Eu tinha bastante confiança de que a ideia era mesmo essa, ou pelo menos parte dela.

Mas não conseguia afastar a sensação incômoda de que, a menos que ela pretendesse ali uma missão puramente suicida,

estávamos deixando de ver alguma coisa, de que havia mais do que uma fanática com acesso a cianureto, balas e bombas.

capítulo 68

SUBI PARA A ESTAÇÃO, ONDE TODOS ESTAVAM FRENÉTICOS, apesar do esforço dos policiais disponíveis para acalmá-los. As pessoas tinham ouvido cinco explosões e queriam ir embora. Não lhes tirava a razão. Uma parte de mim, uma parte bem grande, também queria ir embora.

Dois sujeitos corpulentos de 20 e poucos anos começaram a empurrar um dos policiais que guardava a saída perto da Rua 1. Os policiais seguraram os rapazes pelos ombros, falaram baixinho e os acalmaram.

Um homem de meia-idade, com um casaco elegante de caxemira preta, me abordou.

– O senhor é o detetive Alex Cross, não é? – perguntou, como se me acusasse de alguma coisa.

– Sim, sou Alex Cross.

– Por algum acaso o senhor sabe quem eu sou?

– Sei, sim, senhor. Deputado Richard Holt, de Delaware.

– Isso mesmo. – Em seguida a voz dele passou para o tom demasiado amistoso de quem concorre à reeleição: – É realmente necessário que eu saia da estação nos próximos trinta minutos. O senhor acha que isso é possível?

– Deputado, se eu pudesse fazer isso, mandaria o senhor e todo mundo sair daqui nos próximos trinta segundos e voltaria para os braços da minha mulher.

– Excelente – disse o deputado. – Quanto tempo?

Um político típico. Só dava ouvidos a si mesmo.

– Sr. Holt, escute com atenção. Eu adoraria tirar o senhor daqui em meia hora, o que não significa que isso vá acontecer.

Holt deu um sorriso típico de candidato.

– Se alguém consegue, é o senhor – disse. – Afinal de contas, o senhor é Alex Cross.

– Parece que isso não impressiona muita gente hoje em dia – retruquei, enquanto me virava e me afastava.

É, eu era Alex Cross... sem dica, sem pista, sem Hala.

E, para onde eu olhasse, havia gente irritada e assustada tentando atender às próprias necessidades.

– O meu filhinho precisa tomar o remédio.

– O meu celular está sem sinal. O que é isso aqui, a Alemanha nazista?

– Isso é bem o tipo de merda que se espera da Polícia Metropolitana. Vocês odeiam os negros. Vocês nos odeiam.

– Ah, querido, se acalme. Não podemos fazer nada.

– Esse é sempre o seu conselho estúpido, Barbara. Se acalme. Apenas se acalme.

Massageei as têmporas e tentei achar um lugar tranquilo na minha mente, um momento de sanidade para ligar para casa mais uma vez.

Nana atendeu ao primeiro toque.

– Está vindo para casa, Alex?

– Assim que puder.

– Está bem?

– Estou. Só queria que vocês soubessem. Bree está aí?

– Jannie e ela foram até a esquina comprar leite e ovos.

– Vou tentar o celular dela.

– Tome cuidado – pediu minha avó. Ela fez uma pausa e depois acrescentou, com voz preocupada: – Alex, não me sinto bem com o que você está fazendo aí.

– Está tendo visões agora?

– Estou lhe contando o que estou sentindo – disse ela, magoada.

– O que todos nós estamos sentindo.

Hesitei, forçando-me a não cair na armadilha de pensar demais em qualquer coisa além da tarefa a cumprir. Quando alguém joga granadas, é bom pensar numa coisa só, mesmo que isso machuque quem está por perto.

– Prometo que vou me cuidar, Nana – falei, por fim. – E ligarei de novo quando tivermos resolvido tudo e eu for para casa.

– Faça isso, Alex. Venha para casa.

– Pode contar com isso – respondi e desliguei.

capítulo 69

A NEVE VOLTAVA A CAIR QUANDO UM DOS HOMENS de Nazad baixou a torquês depois de cortar uma seção inteira da grade de ferro que os separava dos trilhos do trem. Os dois outros membros da Família e ele usavam os mesmos uniformes falsos de operários da CSX.

– Peguem os barris substitutos – sussurrou Nazad para dois deles. Depois disse ao terceiro: – Traga o tanque.

Com neve até os joelhos, o tunisiano desceu correndo a margem íngreme enquanto os flocos se espessavam e caíam mais depressa, até quase ficar como um daqueles filmes de Natal que os infiéis tanto adoravam e ele tanto desprezava. Quase lá, deu uma olhada para a esquerda ao longo dos vagões. Não dava para ver as duas locomotivas na frente do trem de carga, o que era bom: ele as queria bem no fundo do túnel, cegas ao que estava prestes a acontecer 29 vagões atrás.

Ele chegou ao vagão do contêiner verde da C. Itoh e foi até as portas traseiras, que estavam trancadas. Para assegurar a integridade da carga, o responsável pelo carregamento selara as trancas do vagão com cabos de aço grossos e placas de metal amassado que tinham impressas a data e a hora em que as portas tinham sido fechadas.

Um dos homens de Nazad apareceu carregando o que parecia ser um tanque de mergulho. Nazad enfiou a mão no casaco e tirou um aparelho formado por duas mangueiras de borracha, um conector de latão e a cabeça e o pescoço fino de um maçarico de acetileno.

Montaram tudo em segundos. Nazad deu uma olhada na margem norte, na direção da estrada. Ninguém os veria ali embaixo. Quem olharia para outro lugar que não fosse a rua numa tempestade daquelas?

Ele puxou um isqueiro de sílex, abriu o gás e o acendeu, o que provocou um som parecido com o de uma rolha saindo da garrafa. Com três gestos lentos e deliberados, cortou os cabos das placas de fechamento. Elas caíram sibilando na neve aos seus pés.

Nazad apagou o maçarico e o entregou ao ajudante, que o pôs de lado e começou a abrir caminho de volta pela neve rumo à caminhonete de reparos. Nazad pegou as placas de fechamento e as enfiou no bolso. Nevava tanto agora que ele não parava de piscar, por causa dos flocos infernais, enquanto abria a porta.

– Irmão – ouviu um dos homens ofegar. – Tem coisa demais!

O tunisiano fez uma careta, olhou pela porta e viu os dois outros homens que estavam com ele na parte de baixo da margem e um tambor azul de duzentos litros um pouco submerso na neve entre eles.

– Não conseguiremos levar tudo isso! – disse o outro homem. – Sem a neve, sim, poderíamos usar o carrinho de mão, mas assim é demais.

Nazad perdeu a paciência. Lívido, correu até eles pelo caminho que começara a se formar.

– Demais? – perguntou, dando um tapa num dos homens e depois no outro. – É demais para vocês trazerem seis barris por trinta metros na neve, mas não é demais Hala arriscar a vida para deter este trem para vocês? Pensem em onde ela está, irmãos. Pensem no que ela está fazendo bem agora por vocês e por Alá.

capítulo 70

HALA SE MEXEU, DESCONFORTÁVEL. O QUADRIL LATEJAVA de novo, e ela tinha tomado outro analgésico porque adotara uma posição esquisitíssima para permanecer sobre a cobertura do eixo do último vagão de passageiros do Crescent.

Neve e água caíam em torno dela. O eixo propriamente dito estava engraxado e escorregadio e fedia a óleo. Mas o metal, surpreendentemente, estava morno, e ela conseguira montar nele, a arma e a bolsa de ferramentas enfiadas numa flange acima dela. Hala se segurou com força em algo que parecia ser parte dos freios.

Eles podem vir e acender as luzes debaixo de cada vagão, pensou ela. Mas isso demoraria um pouco, com certeza tempo suficiente para Nazad e os seus homens cumprirem a parte deles da missão. Ela quase conseguia ouvir Alex Cross e os homens do FBI pensando: *Ela minou o lugar. Quem sabe quantas bombas instalou?*

Agora seriam lentos, metódicos. Hala fechou os olhos, rezando para que Nazad e os seus homens tivessem tempo suficiente.

capítulo 71

NAZAD E OS OUTROS TRÊS FORÇARAM AS DUAS CORREIAS de náilon enroladas no segundo barril tirado da caminhonete. Eles puxavam a carga pesada e desajeitada sobre a neve que se compactava e o caminho ia ficando mais navegável apesar dos flocos que ainda caíam em volta.

Com grunhidos, fizeram um último esforço, deslizaram o barril contra o vagão verde e o puseram de pé. Devia pesar pelo menos uns 90 quilos.

– O terceiro sai primeiro – disse o tunisiano, ofegante, enquanto escalava o engate que unia os vagões e depois por cima do vão até o contêiner.

Ele acendeu a lanterna do capacete e viu três barris azuis que pareciam quase iguais aos substitutos que levava até a porta. Estavam sobre um palete.

Cada barril tinha um saco plástico colado na lateral, que continha documentos que identificavam o fabricante como Pinkler Industries e o conteúdo como organofosforados. Nazad tirou o saco plástico do barril da extrema direita com muito cuidado, o pôs de lado e depois, junto com os seus homens, levou o barril até a porta. Eles passaram as correias de náilon por baixo do barril e então o tiraram do contêiner, dois homens segurando as correias, dois outros guiando a descida.

Quando o puseram em pé ao lado do contêiner, Nazad disse:

– Depressa. Só descansaremos quando terminarmos.

Em segundos, as correias estavam debaixo do primeiro barril substituto vindo da caminhonete, e eles inverteram o processo, para colocá-lo lá dentro. Apesar do tempo frio, o tunisiano sentia as roupas encharcadas de suor. Continuou mesmo assim e levou o barril substituto para o lado dos outros dois no palete. Pegou cola, passou-a nas costas do saco plástico e o fixou no barril substituto.

E assim Nazad e seus homens foram tirando do vagão cada um dos barris carregados de organofosforados e pondo no lugar um barril semelhante cheio de areia. Com os conhecimentos de carga

presos aos barris, ninguém imaginaria que os organofosforados tinham sumido até que fosse tarde demais.

Nazad apontou com o queixo uma caixa de papelão que estava atrás do palete.

– Peguem aquela também – disse ele. – Depois trancamos tudo e vamos embora.

Um dos homens a pegou com um grunhido e andou com dificuldade até a porta.

O tunisiano conferiu as horas no relógio. Estavam trabalhando sem parar havia quase uma hora e meia. Hala fizera o impossível, pensou ele. *Hala defendera Deus, e Ele a recompensara pela sua ousadia, recompensara todos eles pela sua ousadia. Obviamente, o seu propósito era sagra...*

Uma luz quase o cegou.

– Que merda vocês estão fazendo aí? – perguntou uma voz masculina em inglês. – E quem são vocês?

capítulo 72

— CONSEGUE QUE ELE FALE QUANDO CHEGARMOS LÁ? – perguntei a Jennifer Carstensen, a policial que cuidava de Jasper, um enorme pastor-alemão branco.

Jasper era um dos três cães policiais que, ao lado dos seus parceiros humanos, tinham respondido ao meu chamado, policiais que deixaram o lar e a família no Natal para nos ajudar a encontrar uma terrorista.

Estávamos na escada que descia até o terminal. Acima de nós, as pessoas que, uma hora antes, estavam frenéticas na fila para comprar passagens agora estavam frenéticas na fila para sair da estação.

– Ah, sim. Podemos fazer Jasper falar – respondeu a policial Carstensen. – Ele foi ensinado a vocalizar um latido de alerta, um latido de ataque e um uivo de chamamento. Qual deles você quer?

Jasper ofegava de empolgação. Sabia que uma caçada estava para começar. A cada respiração, os músculos fortes dos ombros e do pescoço do cão ondulavam. Era quase injusto soltar uma fera como Jasper contra alguém que tinha pavor de cães.

Mas Hala Al Dossari matara sete pessoas, duas delas especialistas da equipe de resgate de reféns do FBI. “Injusto” nem começava a descrever até onde iríamos para prendê-la e levá-la à justiça. Mandamos cercar o terminal. Também fechamos a abertura que dava para o Ivy City Yard e para o túnel da Rua 1. Além disso, tínhamos duas equipes antibombas, uma da Polícia Metropolitana de Washington, outra do FBI. E tínhamos Jasper e seus dois colegas ansiosos.

– Quero que ele uive – falei à policial Carstensen. – Quero os três uivando como uma matilha de lobos quando chegar a hora.

– Prontos e à espera, Alex – disse ela e deu uma guloseima a Jasper.

– Hala tem mesmo tanto medo assim de cachorros? – perguntou Mahoney.

– Estou contando com isso – respondi.

Um sorriso irônico apareceu no rosto dele.

– Sabe, Alex, o que você vai fazer poderia ser concebido como coação psicológica.

– Tortura? – perguntei com ceticismo. – Não. Esse é apenas um jeito de fazê-la sair mais depressa e impedir mais derramamento de sangue.

– Foi o que eu disse – comentou Mahoney.

Eu estava cansado demais para discutir.

– Prontos, Ned?

– Cinco minutos – respondeu Mahoney. – As equipes antibombas estão ocupando as posições nas extremidades leste e oeste do terminal.

Chequei as horas no relógio. Oito e meia. Com sorte, tudo correria bem e eu estaria em casa a tempo de dar um beijo de boa-noite na minha mulher antes de ela se preparar para dormir. Ambos nos instalaríamos para um longo cochilo de inverno.

capítulo 73

POR UM SEGUNDO, COM A LUZ BRILHANTE FORTE NOS OLHOS E A VOZ autoritária de um estranho que não conseguia ver retinindo nos ouvidos, Omar Nazad se sentiu desnorteado, frustrado, talvez um mártir por nada.

De onde viera aquele homem? Quem era? Da polícia?

Então o treinamento assumiu o comando. Hala e ele tinham ensaiado quase todos os roteiros, inclusive ser avistado no trem ou perto dele.

– A CSX Nashville nos mandou verificar esse carregamento – disse Nazad, erguendo a mão para bloquear a luz, vendo a silhueta de um homem corpulento à porta. – Pode baixar isso aí?

O homem voltou a luz para baixo e o tunisiano viu um sujeito barbado de quase 50 anos usando um casaco da CSX não muito diferente do seu coberto de neve. O ferroviário tinha uma lanterna numa das mãos, um rádio na outra.

– Não recebemos nenhum aviso sobre verificação de carga – disse o homem, de cara feia.

– A tempestade – explicou Nazad, andando casualmente na direção dele. – Ela afetou todo mundo. Tudo. Dá para acreditar que nos mandaram trabalhar nessa merda?

O homem pareceu relaxar.

– De onde vocês vieram?

– Benning Yard – respondeu Nazad, referindo-se às instalações locais de manutenção ferroviária da CSX.

Ele deu uma olhada nas pegadas atrás do homem e viu que viera pelo lado oposto do trem, da direção do túnel.

O funcionário verdadeiro da CSX franziu o nariz.

– Mandaram um mecânico fazer verificação de carga?

O tunisiano sorriu como se fossem aliados.

– Em tempos de crise, meu amigo, cada um faz a sua parte, seja ela qual for. Não é mesmo?

O homem da CSX coçou a barba.

– Acho que sim. Merda, o que tem ali dentro que fez vocês saírem no meio da nevasca?

– Um produto químico potencialmente instável – disse Nazad. – Mas já verifiquei a carga e está tudo bem. Bastante estável.

Os olhos do homem se desviaram do tunisiano por um momento e percorreram o piso do contêiner, concentrando-se nas tiras plásticas cortadas que tinham mantido os três tambores juntos sobre o palete de madeira.

– Sem problemas – disse ele. – Deixe eu dar uma olhada nisso. Qual é o seu nome?

– Herb – disse Nazad. – Herb Montenegro.

O homem assentiu, ergueu o rádio, apertou o botão e conseguiu dizer “Tony, está aí?” antes que a ponta de aço da bota de Nazad atingisse cruelmente a traqueia dele, esmagando-a.

O ferroviário engasgou. Com os olhos esbugalhados, largou o rádio e a lanterna, levou a mão à garganta e depois caiu de quatro, lutando para respirar. Nazad pulou do contêiner, caiu diretamente sobre as costas do homem e enfiou-lhe o rosto na neve funda, se assegurando de que ele nunca mais estivesse no canal.

De algum lugar na neve, perto do homem que sufocava, o tunisiano ouviu uma voz com sotaque de Boston dizer:

– Tony falando. Como estão as coisas aí?

capítulo 74

HALA AINDA ESTAVA MONTADA NO EIXO DO VAGÃO. Os pingos da parte de baixo do trem estavam quase parando, mas ela tremia por causa da brisa do norte que entrava no terminal vinda de Ivy City Yard e do aço engraxado que esfriara debaixo dela. Embora os dedos das mãos e dos pés pinicassem, de certo modo ela ficou grata pelo frio, pois ele acalmava a dor no quadril tanto quanto os remédios.

Mas ela conseguiria correr se precisasse? Lutar?

Apesar dos narcóticos, Hala sabia que ainda estava mentalmente capaz de lutar e ainda tinha três granadas e mais 25 tiros na pistola. Mas conseguiria se mover do jeito necessário caso...?

Os uivos surgiram atrás dela, na estação, em algum ponto da plataforma traseira do terminal: um, dois, depois três; à esquerda, à direita e no centro. Eles provocaram um arrepio que percorreu Hala da cabeça aos pés e a lançou instantaneamente de volta no tempo.

Ela se viu com 4 anos, na casa do avô no deserto, paralisada por uma matilha de cães selvagens que dilaceravam um cabrito que ultrapassara a cerca. Nervosa e horrorizada, Hala tentou ajudar o cabrito. Os cães se voltaram contra ela, morderam suas pernas e seus braços e quase a mataram.

Uns 29 anos depois, escondida embaixo do trem e escutando os cães da polícia uivarem, Hala foi envolvida pelo mesmo terror que sentira quando a matilha da Arábia Saudita tentara dilacerá-la. Tremendo e suando, teria que usar toda a força que tinha para não desmoronar e se contrair em posição fetal.

Na cabeça de Hala, a voz de seu falecido marido a lembrava que tinha que lutar. Poderia matar o primeiro cachorro e talvez seu treinador. Mas e os policiais que os seguiam? E o segundo cachorro? E o terceiro?

Apesar da voz de Tariq ordenando que se concentrasse e imaginasse um modo de fugir dos cães e se unir a Nazad, ela não parava de pensar naquele cabrito da sua infância, em como ele baliava de medo enquanto a matilha o cercava e mordia suas pernas. Ela não parava de ver os cães se voltarem contra ela, sentindo os dentes rasgarem sua pele.

Hala combateu a ânsia de vômito e balançou a cabeça, decidindo-se a vencer um medo que parecia primitivo e instintivo.

Os uivos pararam. Ela ofegou, sentindo-se esmagada por dentro e um tanto amargurada com o método que Alá criara para o seu martírio.

O meu maior medo se torna o meu sacrifício? A minha libertação?

– Hala Al Dossari. – A voz que ecoou pelo terminal vinha do sistema de alto-falantes lá no alto. – Aqui fala Alex Cross da Polícia Metropolitana de Washington. Você está cercada. Não tem como escapar. Tiramos o seu casaco e as suas botas do duto de ventilação. Você tem um minuto para baixar as armas e se entregar. – Uma longa pausa. – Ou então soltaremos os cães.

Encurralada, Hala pensou em desistir e se entregar para que Nazad e os outros conseguissem terminar a missão e pôr Al Ayla, a Família, na frente da luta contra o Grande Satã. Talvez ela não participasse da experiência abençoada, mas viveria para ouvir essas coisas grandiosas. Viveria para se regozijar com a vontade de Deus na Terra.

Ou poderia dar mais tempo ainda a Nazad. Ele ainda não ligara nem mandara torpedos para avisar que a transferência terminara. E ainda nevava, não é? Nevava. O seu dever, a sua obrigação, era com a missão em geral.

Hala se forçou a escorregar do eixo, forçou-se a voltar de novo àquele dia em que tinha 4 anos e os cães tentaram matá-la. Repassou na cabeça o filme do ataque, vendo-se uma menina a observar o cabrito morrer e sentindo a injustiça e uma fúria como nenhuma outra começarem a ferver.

Se mandarem cães, pensou, então cães morrerão.

capítulo 75

— **R**OBBY? ESTÁ AÍ?

Freneticamente, Nazad cavou a neve em torno do ferroviário.

— *Robby?*

— Irmão?

O tunisiano olhou para trás e viu os outros três homens da Família de olhos arregalados diante do corpo.

— Agora não – rugiu, procurando algo na neve.

Uma antena!

O tunisiano puxou-a, levou o rádio aos lábios, apertou o botão de transmissão, tossiu e fez uma voz nasalada.

— Larguei o maldito rádio na neve e acho que estou pegando uma droga de um resfriado – falou. – Câmbio.

— Aqui na cabine de locomotiva temos vários remédios para resfriado. O gelo está se acumulando nos trilhos?

— Nada preocupante – respondeu Nazad.

— Então é melhor voltar para cá – disse Tony. – A Union Station está dizendo que a qualquer momento a gente poderá sair daqui.

— Eles disseram o que está acontecendo?

— Tem alguma maluca à solta na estação, mas vão mandar os cachorros atrás dela.

Cachorros? Nazad pensou em Hala e pediu a Alá que tivesse misericórdia dela.

— Já vou. O mais depressa possível.

O tunisiano enfiou o rádio no casaco e encarou os três homens.

— Está tudo na caminhonete, irmão – disse um deles. – Estamos bem?

Nazad pensou um pouco, balançou a cabeça, apontou os dois outros homens e depois o cadáver.

— Enterrem esse aqui na neve do outro lado dos trilhos, para não ser visto da estrada quando a neve derreter. – Depois, olhou para o terceiro homem. – Você vem comigo, Aman.

— Aonde vamos, irmão? – perguntou Aman, confuso.

— Ver esse Tony que conduz o trem antes que ele venha procurar o amigo – disse Nazad.

capítulo 76

O SEGUNDO PONTEIRO DO MEU RELÓGIO PASSOU PELO DOZE. Um minuto se passara.

– É a vez dela – disse e fiz um sinal de cabeça para Mahoney, que falou no rádio e ordenou que a equipe de cães na extremidade oeste sentisse o seu cheiro.

Da minha posição no meio do terminal, na plataforma traseira, diante da locomotiva do trem Crescent, vi um rotweiler tão escuro quanto Jasper era branco pular da plataforma de carga postal. O treinador o deixou farejar o casaco e as botas que Hala deixara no duto de ventilação.

Flanqueado pelo pessoal de resgate de reféns do FBI, três de cada lado, o cão começou a seguir para noroeste e logo sumiu de vista. Olhei para a policial Carstensen, que acariciava a cabeça de Jasper.

– Saberemos quando ele achar o cheiro? – perguntei.

Antes que ela tivesse tempo de responder, ouvi um uivo empolgado que se transformou em latidos.

– Pablo é um ótimo cachorro – disse Carstensen.

Peguei o microfone que me ligava ao sistema de alto-falantes do terminal.

– Está ouvindo, Hala? – perguntei. – O nome dele é Pablo. Ele já sentiu o seu cheiro. Você ainda não pode vê-lo, mas esse cão está salivando, louco com a ideia de encontrá-la. Os outros também. Há um cachorro monstruoso aqui ao meu lado chamado Jasper. Ele também está morrendo de vontade de conhecer você.

Mahoney me olhou, achando graça.

– Você está até gostando disso, Alex.

Dei de ombros.

– Você sempre diz: se vai fazer alguma coisa, faça direito.

– Agora? – perguntou Carstensen.

– Vamos seguir você a partir daqui – respondi.

A policial escutou o latido do cão rastreador e depois deu ao animal seu parceiro uma ordem que não entendi. Mas Jasper compreendeu direitinho. Se aquele cão jogasse futebol americano,

ficaria na defesa, na ponta dos pés, alerta, empolgado, pronto para correr em qualquer direção. As orelhas de Jasper ficaram em pé e giraram como miniparabólicas. Ele levantou e baixou a cabeça, parou, tremeu e depois puxou a guia e latiu.

– Ele escutou alguma coisa – disse Carstensen.

– Vai soltá-lo?

– Você não disse que podia haver armadilhas?

Assenti.

– Então vou segurá-lo até ter contato visual – explicou, segurando a guia de Jasper com ambas as mãos. Dava para ver que o cão queria correr. Também dava para ver que Carstensen o amava demais para permitir isso. Nós a seguimos e fomos até a plataforma F, com o Crescent à nossa esquerda. A Amtrak abriu todas as portas de todos os trens do terminal para os cães farejarem os vagões.

Dali a quatro ou cinco vagões, Jasper parou, escutando o som dos outros dois cães que latiam no terminal. Então, farejou na direção da saída do sexto vagão antes de avançar num passo mais rápido, como se ignorasse coisas que sabia poder ignorar, movendo-se segundo a própria música.

Não sei se faz sentido, mas Jasper parecia tão seguro de si que tive confiança de que Hala Al Dossari estava praticamente subjugada, algemada e a caminho da penitenciária federal do outro lado do rio, em Alexandria.

Que merda eu estava pensando?

capítulo 77

OMAR NAZAD AVANÇOU COM FACILIDADE PELO ESPAÇO entre os vagões de carga e a parede do túnel, escutando o rangido seco do cascalho grosso sob as botas, uma grande mudança de ambiente depois da neve. O eco suave dos passos de Aman chegou até ele pelo outro lado do trem. A luz vermelha suave da lanterna de Aman brilhava fraca, só o suficiente para ver o caminho, sem força suficiente para chamar a atenção.

Já o tunisiano usava a lanterna de mão de Robby e o chapéu e o casaco do funcionário morto da ferrovia. Queria chamar a atenção. Queria que Tony, que imaginava ser o maquinista, se concentrasse nele e em como parecia à vontade.

Nazad não tinha opção. O plano original exigia deixar o trem intacto para que seguisse para o norte, rumo ao Canadá, sem que os maquinistas soubessem que a carga fora sequestrada e substituída. Mas o funcionário morto mudara tudo. Precisavam improvisar e garantir que o trem de carga seguisse seu caminho para o norte.

Aman e ele se mantinham paralelos no túnel, ajustando-se um ao outro quando passavam entre os vagões. Por fim, Nazad viu o halo de luz lançado pela cabine. Não hesitou; foi direto até a escada e começou a subir ruidosamente pela lateral da locomotiva até a estreita plataforma de aço junto à porta. Acima e à esquerda desta, brilhava uma lâmpada fraca numa proteção de metal.

O ferroviário morto tinha um cartão-chave no bolso que Nazad entregara a Aman. Rezou para que o turco subisse em silêncio. Mantendo-se abaixo da janela, ele foi para a esquerda da porta da cabine. Ergueu a mão, torceu a lâmpada para apagá-la e depois bateu.

- Por Cristo, use a sua chave, Robby – berrou uma voz lá dentro.
- Estou servindo uma dose para comemorar as festas aqui.

O tunisiano bateu os nós dos dedos no vidro outra vez.

- Em nome de Jesus, Robby, eu adoro você, mas você às vezes consegue ser um imbecil.

Ele ouviu um rangido e achou ter visto uma sombra antes que um homem de cara redonda vestido de camisa branca, suspensórios verdes natalinos e um gorro de Papai Noel aparecesse pelo vidro da porta. Ele segurava uma xícara de café e uma garrafa de Johnnie Walker e espiou meio confuso antes de girar algum interruptor ou apertar algum botão.

A porta deslizou com um suspiro. Nazad acendeu a lanterna, girou-a junto com a arma pela porta, esperando ver Tony no outro lado do cano. Mas, no instante seguinte, percebeu que o maquinista recuara para a direita.

O tunisiano também viu que havia um segundo homem na cabine, sentado diante de um painel de instrumentos parecido com o de um moderno avião a jato. O instinto o dominou. Nazad começou a apontar a pistola na direção de Tony e gritou:

– Para o ch...

Mas o maquinista foi rápido demais para ele. Com um golpe do punho, Tony lançou o café escaldante no rosto de Nazad.

Com um olho cego, o tunisiano gritou e largou a arma. A dor era excruciante, muito pior do que o joelho na barriga e o golpe nas costas que rapidamente o derrubaram. Ele ouviu Tony dizer:

– Chame a Union, Pete. Diga a eles que temos o nosso maluco aqui. E um homem sumiu.

Um ruído.

– Largue a arma, senão vou explodir os seus miolos! – gritou Aman.

Nazad ouviu uma arma cair no chão. Levantou a cabeça e olhou em volta com o olho bom. Aman estava na porta, tremendo da cabeça aos pés, direcionando a pistola de um ferroviário para outro, gritando:

– Vocês não vão chamar ninguém!

capítulo 78

DEBAIXO DO ÚLTIMO VAGÃO DO CRESCENT, HALA escutava os cães latirem. Pensou na rapidez com que Cross identificara e atacara sua única fraqueza. Escutou os diferentes latidos se aproximando dela, quase como se fechassem um triângulo. A sua mente conjurou imagens deles vindo na sua direção e rasgando a sua pele, e ela entrou em pânico. Pediu a Deus misericórdia e libertação, mas não recebeu nem uma coisa nem outra.

As crianças.

Hala jurou ter ouvido a voz de Tariq chamá-la de novo.

Você tem que lutar por elas, Hala.

Era a voz de Tariq. O marido morto falava com ela do além-túmulo. *Lute pelos nossos filhos, Hala.*

A imagem do filho e da filha surgiram na mente aterrorizada e sob efeito de narcóticos de Hala. Ela os viu ameaçados por cães. Num instante, sentiu todo o medo e toda a dor se dissiparem, deixando-a trêmula, piscando os olhos como se, de algum modo, o seu espírito estivesse voltando ao corpo.

Os cães latiam mais perto agora. O único caminho possível para a liberdade estava bem à frente, rumo ao extremo norte do terminal e ao Ivy City Yard. Mas ela sabia que ficaria em campo aberto e lá, provavelmente, enfrentaria os cães, além de tiros. Seria o suicídio de uma mártir solitária.

Hala não deixaria que esse fosse o seu destino. Se tinha que morrer, queria que os inimigos de Deus morressem com ela. Essa era a morte aceitável de um guerreiro sagrado. Esse era o fim que queria.

Ela ignorou os cães e saiu de baixo do vagão do trem, bateu as costas contra ele, enfiou uma granada na parte de cima aberta do macacão azul e depois puxou o pino das outras duas. Viu lanternas se aproximando a oeste. Os perseguidores estavam quase alcançando-a. Ouviu um latido sobre o ombro direito, 50 ou 60 metros atrás dela, no máximo.

Hala lançou as duas granadas por baixo, uma para a esquerda, outra para a direita, ambas a noventa graus da sua posição, na

direção do rotweiller e da plataforma elevada de carga. Ela apertou o rosto contra a traseira do vagão, pegou a pistola e a granada que restava e se sentiu fora de si. Seu espírito, já não mais atrelado ao corpo, se tornou um instrumento vingador dos céus. As granadas explodiram com um segundo de intervalo, lançando pó e detritos, deixando um cheiro cáustico no ar e fazendo um som tão ensurdecedor que, por um momento, Hala só conseguiu ouvir o eco do latido do cão no instante anterior à explosão da primeira granada.

O cão estivera à sua esquerda. Mais perto do que esperava. Quase a alcançando.

Lute, Hala.

Ela se viu como aquela menininha avançando sobre os cães com um pedaço de pau, viu a cena inteira como se projetada em telas à sua volta.

De repente, Hala se jogou para a esquerda, rolou para cima da plataforma de carga e ficou de joelhos. A pistola na mão esquerda, a granada na direita.

Uma policial coberta de poeira estava ajoelhada junto a um pastor-alemão branco que gemia com uma mancha vermelha crescendo no lado do corpo. O instinto de Hala foi atirar na policial e no cão e guardar a granada para tirar o máximo possível de vidas inimigas. Mas aí ela avistou um vulto grande agachado na poeira que caía devagar entre a policial e o cão.

Alex Cross apontava a pistola para ela.

– Largue, Hala! – rugiu ele.

– Pegue, Cross – disse Hala, que jogou a granada para ele.

capítulo 79

VI A GRANADA DEIXAR A MÃO DE HALA E GIRAR NO AR, a trava de segurança solta, e tudo à minha volta pareceu acabar.

A minha vida não passou diante de mim. Não vi Bree, as crianças, Nana, os meus amigos nem o meu Senhor e Salvador. Era apenas a granada e o fim das coisas dando, afinal, um salto mortal na minha direção.

Nunca soube por que o meu corpo fez o que fez. Não houve nenhum pensamento envolvido, nenhuma voz a me gritar para agir daquele modo. A única explicação que consigo ter é que meu subconsciente estava hiperconsciente do que me cercava e via coisas que o meu consciente não via. Ele assumiu o controle e me levou a fazer algo parecido com o que eu só vira uma vez, num jogo de futebol americano ao qual Sampson me arrastara alguns anos atrás.

Então tudo pareceu acontecer em câmera lenta, o jeito como aceitei a granada com a mão direita, como se pegasse um ovo frágil, o jeito como meus pés giraram com força para a esquerda, o jeito como as minhas pernas se esticaram, lançando o meu corpo para longe de Hala, da policial Carstensen e do cão ferido. O braço direito chicoteou. Os dedos se abriram. A granada voou 5 metros até a porta aberta do vagão. Joguei-me na plataforma de cimento, com os braços sobre a cabeça.

Ouvi um tiro antes que a explosão estilhaçasse janelas dos dois lados do Crescent, o som quase rompendo os meus tímpanos. Senti cacos de vidro cortarem as minhas mãos e meu couro cabeludo, mas soube que fora salvo da pior parte da explosão. Não fiquei ali mais do que alguns segundos e a adrenalina voltou a jorrar no meu corpo. Com a pistola à frente, girei o corpo em posição sentada, ignorando os riachinhos de sangue que escorriam pelo rosto e pelas mãos escorregadias.

Hala sumira.

A policial Carstensen jazia sobre o próprio sangue, com um tiro no ombro direito. Ela me olhou meio zozza, soltou Jasper e fez um gesto fraco com a mão esquerda enquanto tentava falar. Não

escutei, mas entendi. Hala rolara de novo para fora da plataforma do mesmo modo como rolara para cima.

Jasper farejou o sangue na camisa da treinadora. Ele se levantou, os pelos da nuca eriçados, e se afastou de Carstensen. O cão ferido deu dois saltos e pulou da plataforma de carga.

Comecei a ouvir de novo. Um rugido surdo, e depois tinidos, e então o choque de outro tiro, pertíssimo. O som de Jasper ganindo de dor foi seguido pelos gritos mais aterrorizados que já ouvi.

Todas essas coisas me puseram de pé. Pulei da ponta da plataforma de carga, a arma na mão, e avistei o cão farejador e os agentes da equipe de resgate de reféns vindo depressa na nossa direção.

Caí de joelhos e mirei o facho da lanterna tática debaixo do vagão, buscando a fonte do grito. Jasper levara outro tiro, dessa vez na pata traseira. Dava para ver o osso quebrado e o tendão dilacerado.

Mas ele pegara o lado direito de Hala, e ela berrava em árabe. Jasper mordera com força o bíceps esquerdo dela e a sacudia como se tentasse lhe arrancar o braço.

capítulo 80

OMAR NAZAD ENCONTROU CREME ANTIBIÓTICO E ATADURAS NO KIT de primeiros socorros do trem de carga. E engolira alguns daqueles comprimidos que Hala insistira para que levassem, por isso o rosto e o olho cego latejavam menos.

Na verdade, o tunisiano se sentiu no controle outra vez, realizando a obra de Alá, quando montou no maquinista do trem, prendendo suas costas e seus ombros no chão da cabine. Aman também estava no chão, segurando a cabeça de Tony entre os joelhos e pressionando a arma na têmpora do maquinista.

No chão, o tunisiano pegou uma xícara de café. Estava escaldante; ele acabara de tirá-la do micro-ondas nos fundos da cabine. Segurou-a com a mão direita, sentindo-se confortado ao aproximá-la do rosto horrorizado do maquinista.

– Não! O que está fazendo? – berrou Tony.

Nazad sorriu.

– Como se diz no seu Antigo Testamento? Olho por olho?

– Não! Por favor! – gritou Tony enquanto o tunisiano lhe abria a pálpebra direita.

– É isso ou a morte, infiel – disse Nazad, que entornou o café fervente no olho do maquinista, vendo-o ficar cinzento e depois leitoso, enquanto Tony enlouquecia, chutando e guinchando, berrando apelos a Deus e à mãe.

O tunisiano, então, sentiu-se melhor com a perda da visão de um dos olhos de Tony e saiu de cima do maquinista. Tony rolou o corpo, as mãos cobrindo o olho ferido.

– Ele precisa de um hospital – disse Pete, o outro maquinista, que observara, chocado. – E você também.

– Só preciso da bênção de Deus – rugiu Nazad. – Você o leva para o hospital quando terminar a sua viagem.

– O quê? – perguntou Pete.

– Qual é o seu destino? – perguntou o tunisiano.

– Nova Jersey. Pátio de carga no lado oeste do Hudson.

– Quando chegar lá, pode levar o seu amigo ao hospital – disse Nazad, e depois olhou Aman. Em árabe, completou: – Esse é o seu

destino, irmão. Você ficará no trem até chegar a Nova Jersey e então fugirá. Vá para a casa de Siracusa.

Nervoso, Aman protestou:

– Mas não era esse o plano. Não estarei lá para ver o golpe.

– E eu perdi um olho para ver o golpe – retorquiu Nazad. – Essas coisas são a vontade de Deus, irmão. A vontade de Deus.

PARTE TRÊS

**PARTINDO NUM
TREM VELOZ**

capítulo 81

EM MACAS, A POLICIAL CARSTENSEN E JASPER foram levados às pressas para fora do terminal da Union Station. Também levaram Hala Al Dossari para a sala do comandante Johnson. Algemas plásticas prendiam os seus pulsos e tornozelos. Correias a prendiam à maca. Ela ficaria na sala de Johnson até as ruas estarem limpas o suficiente para os federais a transferirem.

Enquanto os paramédicos limpavam os meus ferimentos, liguei para casa. Bree atendeu.

– Oi – falei. – Acabou. Estou bem. Alguns arranhões, mas bem. Quer dizer, um monte de arranhões, mas, ainda assim, bem.

Ouvi minha mulher soltar o ar suavemente.

– Essa é a melhor notícia que tive o dia inteiro, Alex. A que horas você volta?

– Antes da meia-noite – prometi. – Só tenho que cuidar de algumas coisas agora.

– Vai me contar o que aconteceu?

– Transparência total – prometi. – Depois que eu abrir aquele presente de que você me falou durante a ceia.

– Humm – murmurou ela com certo ceticismo. – A menos que seja o super-homem, acho que você não vai se dispor nem conseguirá desembrulhar uma coisa daquelas hoje à noite.

– Sempre há o amanhã.

– Agora vamos comemorar também o dia seguinte ao Natal?

– Sim. O Natal tem doze dias, não sabia?

Ela riu.

– Amo você.

– Eu também. Antes que perceba, estarei roncando ao seu lado na cama.

– Perfeito – respondeu ela e desligou.

Finalmente, os paramédicos terminaram de fazer os meus curativos. Disseram que eu deveria ir ao hospital para que um médico desse uma olhada nos ferimentos, mas, em vez disso, segui para a sala do comandante Johnson. Provavelmente Hala ainda estava lá, mas logo as ruas estariam desobstruídas e ela seria

transferida; iriam levá-la para o centro de detenção de Alexandria, onde ficaria até a denúncia formal num tribunal federal.

A porta da sala se abriu antes que eu chegasse ao agente do FBI que a guardava. Mahoney saiu, o rosto corado.

– Ela não diz uma maldita palavra em inglês, Alex, e parece achar toda a situação risível. Isso não está certo. Alguém assim não pode estar bem da cabeça.

– Acho que não há dúvida quanto a isso.

– É? – perguntou Mahoney. – Pois tenho uma ideia que pode fazê-la pensar direito. Terei que acordar alguns figurões.

– Posso conversar com ela enquanto isso?

– Vão fazer a transferência daqui a cinco minutos – disse Mahoney, meio distraído. – Mas, claro, vá em frente, fique à vontade, Alex.

capítulo 82

— **T**REM DE CARGA CSX RUMO NORTE, TEMOS DE LIBERAR O TÚNEL, vocês são os primeiros a sair – disse o despachante da Union Station pelo rádio, a voz saindo pelo alto-falante montado no painel da locomotiva. – Pode avançar em cinco minutos.

Aman pressionou o cano da pistola na têmpora do maquinista Pete. Com a mão trêmula, Pete ligou o microfone de mão.

– Muito obrigado. Todos bem por aí? – perguntou.

– Mandaram os cachorros para cima dela, pegaram a vadia.

– Graças a Deus – disse Pete.

Omar Nazad quis despejar café fervente no olho dele também, mas se segurou. Agora não poderia fazer mais nada por Hala a não ser cumprir o plano, ou seja, detonar ele mesmo a grande explosão.

– Então estou indo – disse, dando um tapinha nas costas de Aman. – Vá com Deus, irmão.

– Você também, irmão – respondeu Aman.

O tunisiano não se deu o trabalho de virar o olho lacrimejante para o outro maquinista, sentado no canto e gemendo de dor.

O vento frio do túnel era como mais fogo contra as queimaduras no rosto de Nazad, mas a atadura evitava que o olho fosse atingido. Ele desceu da cabine enquanto os motores diesel tossiam fumaça preta pelas chaminés de exaustão. A locomotiva começou a ribombar.

Nazad engoliu outro analgésico e acendeu a lanterna tática. Enquanto o trem de carga gemia e começava a se mover, o tunisiano passou a correr no sentido oposto, rumo à boca do túnel, pensando com prazer no presente que ele e os seus homens logo mandariam a todos os americanos em nome de Hala Al Dossari.

capítulo 83

ENTREI NA SALA DO COMANDANTE JOHNSON, VI DOIS AGENTES do FBI que não reconheci em pé, um de cada lado da maca da Dra. Hala, perto de uma janela que dava para o terminal e os trilhos. Hala me olhou com uma mistura de desprezo e interesse. Ao encarar essa mulher que vivia do outro lado, cujas crenças e ações eram praticamente incompreensíveis para mim, percebi que as coisas em que eu acreditava também não deviam fazer sentido para ela.

– Preciso de um médico, Cross – disse ela.

– Você é médica.

– Nunca lhe contaram que não se pode curar a si mesmo?

– Ah, isso eu sei. O que não sei é como uma médica pode se tornar terrorista.

– Pode entender como uma médica se torna soldado?

Antes que imaginasse uma resposta, ouvi o som agora familiar de rodas de trem sobre trilhos e observei um trem de carga sair de um túnel na extremidade leste da estação, aproximar-se do Ivy City Yard e ir em direção ao norte. Apesar de estar falando com uma terrorista implacável, não pude deixar de pensar que certo grau de normalidade voltara à Union Station.

– O que foi tudo isso? – perguntei, indicando a janela com um gesto. – Quer dizer, foi uma decisão de última hora? Ou faz parte de alguma coisa maior?

Ela me estudou, e notei que seus olhos estavam vidrados e as pupilas, contraídas.

– Decisão de última hora – disse, por fim. – Estava na área, entediada numa festa na qual não acredito, e decidi sair para brincar na neve.

Um dos agentes apertou o lóbulo da própria orelha e disse:

– Mande entrar.

Quatro policiais federais americanos entraram na sala, assinaram a papelada necessária e assumiram a custódia de Hala.

– Até mais, Cross – disse ela quando a pegaram para levá-la embora. – Espero vê-lo de novo.

– Talvez mais cedo do que pensa – retruquei e a observei partir.

Ouvi motores diesel serem ligados, olhei pela janela e vi o Crescent se iluminar.

– Dr. Cross?

Virei-me e vi o comandante Johnson, que viera até o meu lado na janela.

– Gostaria de agradecê-lo. Sem a sua bravura...

– Sem a bravura de muita gente, inclusive a sua.

– É, acho que sim – disse ele, os olhos se enchendo de lágrimas enquanto indicava o terminal e os trens com um gesto. – Mas e se ela conseguisse fazer algo grande aqui? E se tudo explodisse?

– Só nos resta imaginar esse tipo de coisa, comandante – falei enquanto o último vagão do trem de carga sumia de vista. – Mas, por ora, o Natal continua.

capítulo 84

SE EU TIVESSE SIDO MAIS ÁGIL, seguido Hala Al Dossari e os guardas armados para fora da Union Station, achado um táxi ou uma radiopatrulha que pudesse me levar de volta para minha família, talvez tivesse chegado em casa antes da meia-noite.

Mas Mahoney me pegou atravessando o saguão principal.

– Preciso de você, Alex.

– Não – respondi. – Tenho que dormir, Ned. Estou um zumbi, não posso ajudar mais ninguém.

– Eu lhe arranjo uma injeção de B12 – sugeriu Mahoney. – Talvez um rebite de cafeína com benzoato de sódio.

– O quê?

– Nunca tomou um estimulante quando trabalhava no FBI?

– Não, nunca.

– É como um passe de mágica – disse Mahoney, aparentando ter acabado de acordar depois de dez horas de sono. – Cuidaremos de você. Iremos a Alexandria para outra conversinha com Hala Al Dossari.

– Acho que ela não vai falar tão cedo. Algum tempo de cela vai afrouxá-la. Tempo mais do que suficiente para eu descansar e me encontrar com você amanhã à tarde, digamos.

– Não dá, Alex – queixou-se Mahoney. – Preparei um pequeno espetáculo, algo que acho que vai fazê-la abrir a boca com certeza.

– Ótimo, então faça o seu espetáculo. Não preciso estar lá.

– Na verdade, precisa, sim. É você que vai me avisar se formos longe demais.

capítulo 85

OMAR NAZAD DESLIGOU A LANTERNA E, AO SAIR PELA BOCA DO TÚNEL, descobriu que a tempestade tinha diminuído um pouco; agora só havia alguns flocos aleatórios. Ele caminhou pela neve, o olho lacrimejando atrás da atadura, a pele queimada se contraindo a cada contato com os flocos gelados.

Acima dele, no viaduto da estrada, mais carros passavam, o que significava que mais pistas e ruas tinham sido limpas. Isso era bom. Era uma bênção. Com o aumento do tráfego, eles se misturariam aos outros veículos e...

Ele ouviu um leve som trinado, o chamado do deserto, sorriu e imediatamente respondeu. Seus dois últimos homens, Saamad e Mustafá, eram beduínos destemidos das montanhas secas e escarpadas do sul da Argélia, guerreiros de Deus que não o abandonariam, qualquer que fosse a situação.

Mesmo enxergando com apenas um olho, o tunisiano avistou os irmãos em armas em pé na margem e se esforçou pela neve para chegar a eles.

– O que aconteceu, irmão? – perguntou Saamad. – Onde está Aman? Hala?

– Alá me tirou um olho – respondeu Nazad, ouvindo a própria voz se arrastar de leve. – Mas estou feliz de dá-lo pela nossa causa. Hala foi capturada, mas nunca falará do que provocaremos daqui a 26 dias. E Aman está no trem e vai garantir que estejamos bem longe daqui antes de fugir.

– *Alahu akbar* – disse Mustafá.

– Deus é grande – concordou Nazad. – Agora, vamos sair daqui, irmãos.

capítulo 86

OS LIMPA-NEVES ESTIVERAM OCUPADOS NAS ÚLTIMAS HORAS, limpando as pistas das principais rotas da capital do país, mas deixaram montes imensos de neve que fechavam ruas e entradas de garagem e enterravam carros, fazendo algumas ruas parecerem ladeadas de iglus de formato esquisito.

A minha nádega direita doía por causa da injeção de B12, mas, como Mahoney prometera, apesar do cansaço, eu me sentia alerta. Mahoney dirigia, seguindo um limpa-neve que saiu da Southeast Freeway, e entrou na 295 e na ponte da Rua 11 rumo a Virgínia. Ia devagar, mas tínhamos o melhor caminho que se poderia encontrar naquela noite.

– Não entendo por que ela não tentou entrar em contato com ele de novo – comentei.

– Com quem?

– O sujeito para quem ligou. O tal que estava em algum lugar perto do outro lado desta ponte.

– Não sei. Mas você poderá perguntar a ela daqui a alguns minutos.

Ainda seguindo o limpa-neve, saímos da ponte e fomos para o sul pela Shepherd Parkway, na direção da 495, de Alexandria e do centro de detenção para onde tinham levado Hala Al Dossari para ser interrogada.

Conferi o relógio de pulso. Quase dez e meia. A essa hora, na noite anterior, eu estava diante de uma mansão em Georgetown tentando fazer um psicótico atender o telefone. Agora estava a caminho de ver Mahoney interrogar uma sociopata. Por um momento, fiquei cansado da minha profissão e me perguntei como seria mudar, dar um fim definitivo a ficar frente a frente com gente desequilibrada e começar a buscar as pessoas boas e sãs – e só elas.

Isso me fez pensar em Bree. Eu deveria ligar para ela e avisar do meu provável atraso. Mas de que adiantaria? Agora ela já devia estar quase esperando por isso. O problema era que, quando finalmente começaram a esperar a minha ausência, as mulheres

anteriores da minha vida a tornaram permanente, algo que eu decidira que não aconteceria com Bree.

– Temos mesmo que fazer isso agora? – perguntei, bocejando.

Mahoney fez que sim. Até então, ele não se dispusera a me contar o que planejava para Hala Al Dossari.

– Ela está cansada, confusa, presa e se perguntando se está fodida pelo resto da vida. Além disso, o efeito dos analgésicos está passando. Parece que foi OxyContin, pelo exame de sangue que fizeram.

Franzi os olhos.

– Está dizendo que ela é jihadista e viciada?

– Isso eu não sei – respondeu Mahoney. – Mas ela estava com um monte de comprimidos, como Oxy, antibiótico e relaxante muscular.

– Como se esperasse se ferir.

– Ou fosse apenas uma médica prevenida – comentou Mahoney.

capítulo 87

AS RODAS TRASEIRAS DA CAMINHONETE GIRARAM NA NEVE, CAVANDO valas cada vez mais fundas que se vitrificavam em gelo quase imediatamente.

Omar Nazad socou o volante, furioso, a emoção ampliada e transformada em fúria homicida pela dor pungente e as contrações nervosas que começaram de repente em torno do olho cego. Estava assim durante toda a última hora, tentando liberar a caminhonete sem chamar a atenção. Eram 80 ou 90 metros até a Rua M. Dava para ver as trilhas na neve que tinham feito para chegar até ali. Mas a caminhonete se movera no máximo dois metros naquela direção desde que ele voltara do túnel.

Saamad e Mustafá estavam exaustos. Ele mandou que tomassem alguns comprimidos que Hala lhes dera e tentassem de novo. Mas nem isso ajudou. Não havia realmente nada que pudessem fazer, a não ser...

Ele pulou da caminhonete, desligou o motor e andou até a traseira do carro.

– Vamos cavar o caminho.

– Com o quê? – grunhiu Mustafá. – Com as mãos?

– Isso aqui é um canteiro de obras – disse Saamad. – Acharemos pás!

– Pás? – perguntou Nazad com desdém. – Estou pensando numa retroescavadeira ou num trator.

O tunisiano deu uma volta pelo canteiro de obras e olhou a cabine das retroescavadeiras e do trator, mas não achou nenhuma chave. No entanto, enquanto descia da segunda retroescavadeira, os argelinos apareceram com ferramentas. Tinham arrombado um barracão nos fundos do canteiro e encontrado pás e picaretas.

Às quinze para a meia-noite, eles começaram a cavar os 70 metros até a liberdade.

capítulo 88

O CENTRO DE DETENÇÃO DE ALEXANDRIA FICA LOGO a oeste da rodovia 495, a alguns quilômetros do tribunal federal dos Estados Unidos e do escritório local da União Americana pela Liberdade Civil, que monitora a prisão onde os terroristas costumam aguardar a denúncia ou o julgamento.

O gabinete do U. S. Marshall, o delegado federal americano, se une ao gabinete do xerife de Alexandria para manter na prisão os suspeitos de terrorismo, tarefa que cumprem incrivelmente bem. Essa é uma das penitenciárias mais limpas e humanas que já visitei.

Encontramos Hala Al Dossari algemada pelo tornozelo a uma cadeira numa sala de interrogatório que tinha a obrigatória mesa com tampo de fórmica e um espelho falso com uma saleta de observação atrás. Na saleta, um intérprete nos traduziria pelos fones de ouvido tudo o que Hala dissesse em árabe. Tinham-na limpo e cuidado dos seus ferimentos. As roupas foram levadas para exames. Ela vestia um macacão alaranjado da prisão, com FEDERAL escrito nas costas. O braço esquerdo estava apoiado numa tipoia.

Evidentemente, Hala se comportara de forma agressiva desde que fora presa. Apesar dos ferimentos, recusara-se a cooperar com os médicos ou o pessoal da penitenciária. Tiveram que erguê-la e movê-la a força durante o exame e o tratamento médico e depois durante a revista realizada no momento de sua chegada. Ela recusara água e comida e tinha sido carregada até a sala de interrogatório por dois policiais, ex-jogadores de futebol americano da linha de defesa da Universidade de Old Dominion.

Ela ignorou Mahoney e se concentrou em mim com uma expressão que não revelava surpresa nem medo.

– Nos encontramos de novo, Cross – disse ela. – Já quer conversar? Acho que para mim isso não é bom. Quero o meu advogado.

– O defensor público federal está a caminho – disse Mahoney, num tom agradável. – Mas pode demorar um pouco. A nevasca, sabe?

– Tudo bem. Não vou mesmo dizer nada a você. Poderemos ficar aqui a noite inteira.

– Providenciarei isso – disse Mahoney com um sorriso falso e saiu da sala, que era o que ele me dissera que faria.

Eu não falei nada, só me sentei e a observei me observar. Para mim ainda era duro acreditar que alguém com tanta inteligência, tanto preparo e tanta beleza clássica pudesse se tornar tão implacável e ter esse sangue-frio.

O silêncio, como eu esperava, finalmente a irritou.

– Você é o policial bonzinho?

– Gosto de pensar que sim, Dra. Hala – respondi. – Pelo menos, o justo.

– Justo – disse ela, como se cuspsse a palavra. – Você usou cães contra mim.

Dei de ombros.

– Sabia que os cães a assustariam. E usei mesmo. A senhora faria a mesma coisa, não faria?

Ela me olhou com raiva.

– Por que matou o seu marido? – perguntei.

– Eu não o matei. Ele se matou por ordem de um maluco.

– Que a senhora, por sua vez, matou?

Hala não respondeu.

– O seu dossiê me proporcionou uma leitura interessante. E a embaixada saudita prometeu remeter tudo o que tem sobre você.

– E daí?

– E daí que tenho certeza de que encontrarei mais coisas lá... formas de entrar na sua cabeça.

O queixo dela se ergueu e ela me lançou um olhar altivo, como se fosse de origem nobre e eu, um escravo.

– Você poderia passar todos os dias do resto da sua vida me estudando, Cross, e não chegaria nem perto de entender quem sou.

– Algumas pessoas são inexplicáveis – concordei. – Mas não a senhora, doutora. A senhora é fácil de entender. Mesmo sem mais informações sobre a sua infância miserável ou o que foi que a levou à Família, em última análise sei que a senhora será definida pelo seu fanatismo. É assim que todos a entenderão e como a condenarão: como médica insana, como terrorista disposta a

envenenar e explodir gente inocente em nome dos seus fins distorcidos.

capítulo 89

O SORRISO QUE HALA ME DEU ARREPIOU OS PELOS da minha nuca e quase me fez tremer.

– Posso conviver com isso – disse ela. – Porque sei que toda história tem dois lados. E juro a você, Cross: para cada americano que acreditar na sua versão dos fatos haverá cinco muçulmanos que aceitarão a minha. Por causa de uma fé profunda e permanente, decidi viver as palavras do meu Profeta e pegar em armas contra os infiéis dentro do seu próprio centro de poder. Sou maluca ou brilhante? Francamente, nenhuma das interpretações me importa.

Não importava mesmo. Isso estava bem claro na expressão dela e no tom frio de sua voz. Hala Al Dossari era um dos criminosos mais perturbadores com quem eu já me metera, superinteligente, mas quase reptiliana em questões de vida ou morte, capaz de eliminar um ser humano como se ele fosse um inseto, desde que isso fosse feito em nome de Deus.

– Onde estive nos últimos dez meses? – perguntei.

– Visitei velhos amigos – respondeu ela. – E você?

Ignorei a pergunta.

– Posso ajudar se a senhora permitir.

Hala riu com desprezo.

– O que pode fazer por mim, Cross?

– Deixá-la ver a luz – respondi.

– Já vi a luz.

– É, e por isso não ver o Sol será muito debilitante para a senhora – comentei. – Está acostumava a passar a vida sob o Sol forte, Dra. Hala. Para onde irá não haverá luz do Sol, e isso acabará afetando o seu nível de serotonina. A senhora cairá em desespero, estado no qual permanecerá pelo resto da vida.

Ela me olhou, piscando mas sem expressão.

– Ou?

– A senhora me conta para que tudo isso – falei. – O que realmente fazia dentro da Union Station.

Hala inclinou a cabeça.

– Quantas vezes terei que afirmar isso, Cross? Estava lutando por Alá. É simples assi...

A porta da sala de interrogatório se abriu. Mahoney retornou com um notebook com tela de dezessete polegadas e se sentou ao meu lado.

– Algum progresso?

– Estamos criando um pouco de entendimento mútuo – respondi.

– Em outras palavras, nenhum – disse Mahoney. – Sinto muito, Alex, mas preciso assumir o interrogatório aqui.

– Toda sua – falei e me preparei para sair.

Mahoney pôs a mão no meu braço e voltei a me instalar na cadeira. Hala se mexeu, desconfortável na dela.

– Pelo que entendo, está sentindo dor? – perguntou Mahoney.

Ela fez que sim.

– Estou.

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou dois comprimidinhos brancos, cada um com OC escrito de um lado, 10 no outro. Pôs os dois na mesa, onde ela pudesse ver, mas não pegar.

capítulo 90

HALA OLHOU OS COMPRIMIDOS E PUDE SENTIR A PERNA DELA se sacudir do outro lado da mesa.

– E daí? Vai impedir o tratamento médico para que eu fale? Acho que a sua União Americana pela Liberdade Civil achará isso muito interessante...

Mahoney sorriu.

– Quem falou em impedir tratamento? – Ele empurrou os comprimidos até ela. – Aqui não somos selvagens.

Hala o olhou de cara feia, mas pegou um dos comprimidos. Empurrei pela mesa uma garrafa plástica de água. Ela engoliu o analgésico.

– Se acha que falarei por causa desses comprimidos, é porque não me conhece – disse ela.

– Ora – disse Mahoney com os braços abertos: o Sr. Bonzinho. – Queremos apenas conhecer a senhora, doutora. Queremos ouvir o que tem a dizer em sua defesa.

– Não vou dizer nada em minha defesa. Vou esperar o meu advogado.

– Certo, vamos conferir algumas coisas – disse o agente do FBI como se fosse um funcionário anotando informações para um seguro. – Onde você mora na Arábia Saudita?

Hala não respondeu, mas o observou com atenção.

Mahoney digitou no teclado e segurou o lábio inferior entre os dedos.

– Al Hariq? Não, aí foi onde nasceu, bem ali, na beira do *erg*, do mar de areia, certo?

Ele ergueu os olhos para ela.

– Um lugar de terrível beleza – disse ela.

– Foi lá que passou a ter medo de cachorro? – perguntei.

Ela me deu um sorriso amargo.

– Não faço ideia de onde isso veio. Simplesmente sempre existiu.

– A senhora é bem inteligente – observou Mahoney, devolvendo a atenção à tela. – Um ano na Universidade King Saud, depois quatro na Universidade da Pensilvânia, cortesia da família real saudita.

Impressionante. Diploma de medicina em Dubai. Filhos. Carreira. Então, uma súbita radicalização. Mas é isso o que acontece quando Deus fala com a gente, não é?

Ela não disse nada e ergueu os olhos para mim.

– Agora... – disse Mahoney – Onde mora na Arábia Saudita?

– Não moro na Arábia Saudita.

– E provavelmente nunca mais morará – acrescentou o agente do FBI, animado, ainda olhando para a tela. – Acho que o que eu estava perguntando era... ah, aqui está. Fahiq. Fica bem pertinho de Riad, na estrada para Meca.

Pela primeira vez desde que começamos a falar com Hala, vi algo parecido com ansiedade em sua expressão, apenas um vislumbre, e depois ela ficou pétrea outra vez.

Dei uma olhada em Mahoney, que parecia tão confiante agora que pensei: *O que Ned conseguiu sobre ela? O que em Fahiq poderia derrubá-la?*

capítulo 91

– NÃO MORAMOS MAIS EM FAHIQ – DISSE HALA. – Vendemos aquela casa anos atrás, muito antes de chegarmos a este...

– Houve uma transferência de propriedade – concordou Mahoney.
– Mas foi um presente, não uma venda, a Gabir Salmann, que, se não me engano, é seu tio. Irmão mais velho da sua mãe, Shada, não é mesmo?

Algo mudou em Hala. A frieza sumiu. Ela estudou o agente do FBI como se fosse um falcão e não respondeu.

– Está bem aqui nos registros sauditas que a embaixada fez o favor de nos mandar por um mensageiro – disse ele. – Quer ver?

Nenhuma resposta.

– Apesar do que pensa, doutora, a família real saudita, toda ela, é aliada fiel dos Estados Unidos – continuou Mahoney. – Por quê? Vocês podem ter todo o petróleo, mas temos todas as armas, e só Deus sabe quantos soldados a mais. Seja como for, a família real saudita acha muito embaraçoso quando um dos seus habitantes sai da reserva e começa a matar alguns dos melhores clientes e amigos do país.

Ele parou e me olhou, quase alegre.

– Muito cooperativos, os sauditas. – Mahoney ergueu a mão, baixou-a, voltou a olhar para Hala. – Não há muita liberdade política lá na sua terra, não é?

Hala não respondeu.

– Não há muito espaço para se mexer no sistema jurídico saudita, há? Lei da sharia? Polícia secreta?

Mahoney se inclinou para a frente e começou a falar mais alto:

– Nenhuma garantia constitucional de direitos civis e tratamento humanitário. A família real saudita consegue o que quiser do povo. Estou certo, Dra. Hala?

– E daí? – retorquiu Hala. – Não estou na minha pátria e acho que a probabilidade de o seu governo me extraditar é nula.

– Concordo que a senhora não está na sua pátria e que não é provável que vá para lá – disse Mahoney. Ele fez uma pausa, me

deu uma olhada e depois disse a ela: – Mas os seus filhos ainda estão lá.

Imediatamente, vi o padrão respiratório dela mudar: as inspirações ficaram mais superficiais, mais rápidas. Ela se endireitou na cadeira.

– Como eles se chamam? – perguntou Mahoney. – Ah, aqui está: Fahd, de 10 anos, e Aamina, de 7. Belas crianças. – Ele sorriu para ela. – Quando foi a última vez que falou com eles?

Hala não respondeu.

– Deve ter sido há uns dez ou onze meses. – Mahoney deixou isso para lá e voltou a digitar. – A senhora usa Skype, Dra. Hala?

– Não.

– Extraordinário – disse ele, apertando a tecla Enter. – Dá para ver o interior de um complexo do outro lado do mundo.

Ele empurrou o computador para a esquerda, para que todos nós pudéssemos ver.

Hala deu uma olhada e se jogou contra Mahoney. As algemas a seguraram, mas ela lutou com força contra elas e cuspiu nele antes de sibilar:

– Alá o mandará para o inferno por isso. E meus advogados o verão no tribunal.

capítulo 92

MAHONEY ERGUEU A MÃO.

– A senhora nunca me verá no tribunal porque não haverá provas do que está prestes a assistir, Dra. Hala. Quanto a Alá, terei que correr o risco.

Com a minha inquietude crescendo, rumo ao horror, estudei a tela: um terraço e parte de um lindo jardim onde anêmonas roxas e vermelhas cresciam altas e curvadas num largo canteiro coberto de grama. Havia uma mesa no primeiro plano com um prato de doces e uma jarra de água gelada, ou talvez limonada. No fundo, à direita do jardim, havia um muro alto, caiado de branco. Dois homens encapuzados empunhando AK-47s flanqueavam três cadeiras de ferro fundido empurradas contra aquele muro, viradas para a câmara.

Uma mulher mais velha, com roupas árabes tradicionais, estava sentada sem o véu na cadeira do meio, de pernas e braços amarrados. Estava amordaçada e parecia apavorada. Uma menina estava sentada à esquerda dela, um menino mais velho à direita, ambos amarrados às cadeiras e também amordaçados.

Hala me olhou com ódio.

– Você falou em justiça! – gritou ela – Deixou que ele fizesse isso com a minha mãe? Com os meus filhos?

– Não tenho nada a ver com isso – respondi, me virando para Mahoney. – Pare, Ned. Não quero participar disso.

– Eu não poderia parar nem que quisesse – respondeu o agente do FBI. – Isso não é coisa que toleramos. Não é algo que buscamos.

– Mentiroso! – guinchou Hala. – Você pode interromper.

Mahoney balançou a cabeça.

– Tanto quanto a Al-Qaeda poderia ter impedido que a sua gente cortasse a cabeça daquele repórter do *Wall Street Journal*. Tenho razões para acreditar que esses são policiais secretos sauditas. As únicas pessoas que lhes dão ordens estão muito acima na cadeia de comando, homens com um poder inconcebível.

– Para o corredor, agora, ou pode esquecer o meu envolvimento nisso!

Levantei-me e saí pela porta. Mahoney me seguiu.

– Aquelas crianças serão torturadas? – perguntei.

– Não sei – respondeu o meu velho amigo. – Não está nas minhas mãos.

– Você pediu isso! – berrei. – Você disse que ia acordar alguém, pelo amor de Deus!

– Acontece que a maioria *já estava* acordada – retrucou Mahoney.

– O governo saudita entrou em contato com eles mais ou menos na mesma hora em que a boa doutora entrava na Union Station. Os sauditas interceptaram um e-mail codificado de dois integrantes do alto escalão da Família. Até agora, só conseguiram decifrar três palavras na coisa toda: *Dossari, trem e gás*.

capítulo 93

— **D**E QUE GÁS ESTÃO FALANDO?

— É isso que pretendo descobrir, Alex – disse Mahoney friamente.

— Por isso os sauditas se ofereceram para criar esse pequeno espetáculo.

— Ned, nem assim você deveria tolerar a tortura...

— Se a Família planeja algum tipo de ataque com gás nos Estados Unidos, farei tudo ao meu alcance para impedir – disse Mahoney, ríspido. — Isso inclui aceitar a ajuda de um regime que não dá aos seus cidadãos os mesmos direitos que temos? Inclui. Conviverei com isso se eu conseguir salvar uma única vida americana. Agora pode voltar e me ajudar para que só vá até aí ou pode ir embora e se arriscar a ser parcialmente responsável pela morte de centenas, talvez milhares de pessoas.

— Isso é bobagem e é injusto – falei.

— Em situações assim, a vida é uma bobagem e é injusta! – gritou Mahoney, depois baixou a voz. — Preciso de você, Alex. Preciso que você me ajude a quebrá-la para determos o que ela planejou, seja o que for.

Balancei a cabeça. Ali não havia resposta certa; nenhuma posição era mais nobre do que a outra. Eu toleraria a tortura ou o homicídio em massa no dia seguinte ao aniversário do meu querido Salvador?

Antes que eu me decidisse, ouvimos um grito dentro da sala de interrogatório. Mahoney deu meia-volta e entrou. Hesitei e ouvi Hala gritar:

— Não, por favor!

Entrei na sala me sentindo um zumbi de novo, extremamente cansado e temendo que a minha alma se manchasse para sempre antes que a noite acabasse. Essa sensação se intensificou quando vi o que acontecia na tela.

O homem encapuzado deixara a mãe de Hala onde estava, amordaçada e amarrada à cadeira contra o muro. Mas tinham levado as cadeiras das crianças até a mesa, de onde elas fitavam a câmera com os olhos arregalados.

Os policiais estavam em pé atrás das crianças. Um deles segurava o que parecia ser uma bateria naval de alta potência com cabos. A garra de cabo preto negativo já estava presa à cadeira de metal onde o filho de Hala estava sentado. O segundo sujeito segurava uma garra vermelha acima dela.

Hala me encarou furiosa.

– Você não pode fazer isso! Ele é um menino!

– Havia muitos meninos aqui em Washington quando a senhora tentou envenenar o reservatório de água – disse. – Mas isso não precisa acontecer, doutora. A senhora nos conta tudo sobre o ataque com gás e deixamos os seus filhos e sua mãe continuarem a vida sem a senhora.

– Não sei do que está falando...

O homem encapuzado mal encostou a garra nas costas da cadeira de metal do filho dela. O corpo inteiro do menino deu um solavanco e ele começou a gritar e chorar.

– Fahd! – gritou Hala. – Tenha coragem!

O menino parecia escutá-la, e isso só o deixou ainda mais nervoso. Ele começou a se contorcer e a fazer ruídos como um bicho com a pata quebrada. Um dos homens soltou a mordaca e o menino começou a gritar em árabe.

O intérprete disse:

– Mamãe! Mamãe, por que estão fazendo isso comigo?

capítulo 94

O MEU ESTÔMAGO REVIROU. Toda noção de ordem do meu cérebro se desorganizara. Pensei no meu filho Ali naquela situação e tive vontade de vomitar.

Esperei que Hala desmoronasse. Um soluço. Uma lágrima. Qualquer coisa. Ela se virou e olhou para a parede, os maxilares travados.

Mahoney estendeu a mão e apertou o botão que tirava o som do computador.

– Isso pode acabar agora se nos falar do gás.

Ela não respondeu.

– Vire a câmera para nós – pedi. – Deixe que Fahd nos veja e veja a mãe.

Mahoney apertou alguns botões e uma pequena imagem da sala de interrogatório apareceu no canto da tela.

– Fahd? – perguntei. – Consegue me ouvir? Consegue ver a sua mãe?

Hala tentava não encarar a tela. A histeria do menino se reduzira, mas quando viu a mãe ela voltou.

– Eles estão na casa inteira – soluçou ele. – Homens e mulheres por toda parte. Nos banheiros e na despensa e nos quartos dos criados.

Hala falou friamente com ele:

– Foi por isso que sempre ensinei a vocês dois que na vida o mais importante é a bravura.

– Escute, Fahd – falei. – Às vezes a bravura não tem nada a ver com armas, dor nem balas. Às vezes, bravura é apenas fazer o que é certo. E, neste momento, o certo seria nos ajudar para podermos ajudar vocês. Por favor, peça à sua mãe que diga o que precisamos saber para que possamos manter todos a salvo, e então essas pessoas aí poderão ir embora.

Virei a cabeça para Hala, que me olhou com ódio absoluto. Um dos homens tirou a mordaça da filha. Foram para perto dela com a bateria e os cabos.

– Conte o que eles querem, mamãe – disse Fahd. – Conte, senão vão machucar Aamina.

A menina começou a se contorcer, tentando olhar por sobre o ombro o que os homens faziam. Eles já tinham fixado a garra de cabo preto atrás dela. O vermelho estava a centímetros dele.

– Não posso contar os meus segredos para eles... porque eles são homens maus – explicou Hala ao filho.

– Mamãe, por favor, socorro, por favor! – gritou Aamina.

O homem encapuzado prendeu a garra vermelha na cadeira de metal, e a menina se enrijeceu e se curvou em direção à câmera, tensionando cada músculo do rosto, querendo gritar, mas totalmente incapaz. O irmão gritava por ela, apavorado, temendo ser o próximo. Eu quis chorar quando tiraram a garra da cadeira e a menina desmoronou com um ataque histérico.

O suor encharcara as axilas do macacão de presidiária de Hala. A área acima do lábio superior começava a transpirar também. Mas, fora isso, ela voltara àquela expressão guerreira que nada revelava.

– Mãe? – chamou Fahd. Ele soluçou. – Por favor, nos ajude.

– Ajude-os, doutora – disse Mahoney.

Os homens encapuzados voltaram para trás do filho, que começou a espichar o pescoço, gemendo e implorando aos captores que parassem enquanto eles prendiam a garra negativa à cadeira uma segunda vez.

O menino retribuiu o olhar para a câmera, perdido e perplexo, e balbuciou palavras em árabe, as mesmas, várias vezes. Se as palavras fossem socos, seriam nocautes. O choque na expressão de Hala foi completo e devastador. Ela começou a se encolher na cadeira. Abria a boca, mas era incapaz de falar, enquanto Fahd não parava de dizer aquelas mesmas palavras para ela.

No meu ouvido, o intérprete traduziu:

– Mamãe? Por que não nos ama?

capítulo 95

A BOCHECHA DE HALA TREMEU COMO SE TIVESSE SIDO CORTADA. Depois, a sua compostura simplesmente se esfarelou e se esvaiu como areia na margem de um rio.

Ela começou a chorar, dizendo em árabe:

– Mamãe ama vocês! Mamãe ama vocês dois mais do que tudo na Terra.

– Não – disse a filha, que começou a chorar de novo. – Você não ama.

– Aamina! Por favor, você é jovem demais para...

O encapuzado espremeu a garra vermelha.

– Mamãe, se nos ama, por favor, conte a eles! – gritou Fahd.

A garra baixou e quase fez contato.

A Dra. Hala observou entre lágrimas, trêmula.

– Parem! Parem! – berrou, por fim.

Ela me olhou com uma expressão que eu só vira uma vez na vida, mais de trinta anos antes, na Carolina do Norte, no rosto de uma mãe tão cheia de amor que conseguira erguer a frente de um velho jipe das costas da filha de 10 anos.

– Eu conto – disse Hala, chorando. – Faça-os parar.

– Uma escolha inteligente – disse Mahoney baixinho.

Baixei a cabeça e me senti envergonhado, culpado, enojado com aquilo de que participara. Pensei em Henry Fowler, o homem que tanto tempo antes – pelo menos era o que parecia – eu convencera a não assassinar a família inteira, e me perguntei se não fora um pouco assim que ele se sentira quando vencera aqueles processos. Pude ver com clareza como um homem podia odiar a si mesmo ao fazer a coisa errada para chegar ao fim desejado.

– Dra. Hala – disse Mahoney. – Quando terminarmos o nosso serviço, deixarei que a senhora converse com eles uma última vez.

Ele desligou a câmera que mostrava a nossa imagem, mas manteve a tela erguida para que ela pudesse ver os filhos sendo soltos das amarras e irem até a avó.

– Fale do gás – ordenei.

Hala limpou os olhos.

– Gás dos nervos. Será usado num ataque.

capítulo 96

OMAR NAZAD NÃO SE LEMBRAVA DE TER FICADO TÃO EXAUSTO EM SUA VIDA. Estavam cavando e limpando havia mais de noventa minutos em meio metro de neve molhada que cada vez mais se parecia com um bloco maciço de gelo conforme a temperatura em Washington despencava e caía a quinze graus abaixo de zero.

Eles tinham aberto um caminho de quase 1,80 metro de largura e 60 metros de comprimento.

– Não consigo mais continuar – reclamou Mustafá em árabe. – Tenho que beber água, irmão.

– Mais cinco metros – disse Nazad, mostrando com um gesto a curta distância que os separava da Rua M, que não estava limpa, embora tivesse trilhas. – É tudo o que falta, irmão. Faça um último esforço e poderemos ir embora. Pare e tudo terá sido em vão.

Saamad estava encharcado de suor, mas ergueu a picareta e começou a quebrar a neve que restava, soltando grandes nacos que Nazad e depois Mustafá tirariam do caminho com as pás. Talvez na terceira pazada, o tunisiano se lembrou de que havia outro jeito, um jeito melhor.

– Parem – disse ele. – Acabamos. Faremos a caminhonete andar feito louca e atravessaremos isso aí.

– E se atolarmos de novo? – perguntou Saamad.

– Não atolaremos – respondeu Nazad. – Não deixarei que atolemos.

– Mas e se atolarmos? – insistiu Mustafá.

– Cavaremos! – berrou Nazad, querendo bater no homem com a pá. – Faremos o que for preciso.

Um minuto depois, estavam todos na caminhonete. O tunisiano calculou se acendia ou não os faróis e optou por avançar com a luz baixa, apenas o suficiente para enxergar o caminho à frente.

Pisou com cautela no acelerador, ouviu o temido lamento dos pneus girando em falso antes de se agarrarem ao chão, e avançaram, primeiro bem devagar, depois mais depressa.

– Lá vamos nós! – disse Nazad, inclinando a cabeça para ver com o olho bom.

– Irmão! Pare! – gritou Saamad, apontando a Rua M à esquerda e as luzes amarelas e vermelhas piscantes que vinham na direção deles.

Nazad pisou nos freios e desligou o farol baixo.

Dois limpa-neves desceram pelo seu lado da rua, um atrás do outro, jogando toda a neve de duas pistas na direção deles, formando um muro compacto de neve e gelo com um 1,80 metro de altura e 5 metros de largura.

capítulo 97

– F ALE, DOUTORA – INSISTI. – Aqueles homens ainda estão com Aamina e Fahd.

– Você tem que me garantir que eles estarão seguros... – começou ela.

Mahoney segurou o queixo dela.

– Não garantiremos nada antes de ouvir o que você tem a dizer.

Ela sacudiu o queixo para soltá-lo e me olhou com raiva.

– Onde está o gás? – perguntei. – Para onde vai?

Hala hesitou, deu uma olhada na tela do computador e nos filhos com a mãe.

– Está num trem que vai para o norte.

Depois que começou a falar, Hala pareceu gostar da nossa reação a um plano audacioso que visava matar milhares de pessoas e provocar novo pânico na cidade de Nova York. Ela disse que homens leais à Al Ayla trabalhavam como zeladores na Pinkler Industries, fábrica de produtos químicos da Carolina do Sul. Os membros da Família descobriram que a Pinkler desenvolvera um novíssimo composto químico da família dos organofosforados.

– A base de todos os agrotóxicos modernos e dos gases dos nervos, como o sarin e o VX – disse Mahoney, inclinando-se para a frente.

Hala assentiu.

– O novo composto poderia ser processado com exatidão para eliminar uma única espécie de inseto no campo, permitindo que outros vivessem. Mas também poderia ser usado para criar um gás muito mais fatal do que o sarin ou o VX. Soubemos que haveria uma remessa do organofosforado, três barris, para uma fábrica de agrotóxicos em Nova York. Descobrimos que estaria num trem para o norte na véspera de Natal, que passaria pela Union Station e que terminaria numa unidade de carga na margem oeste do rio Hudson. Alguém leal à nossa causa transferiria tudo para uma balsa rumo a Manhattan.

Franzi a testa, sem saber se acreditava na história.

– Espere um pouco. Qual foi o seu serviço?

– Eu parei o trem.

Dei uma olhada em Mahoney, cuja confusão inicial deu lugar à compreensão.

– Tudo aquilo foi só para fazer o trem parar?

– Sim.

– Onde?

Hala deu de ombros.

– Em algum ponto fora do túnel da Rua 1, antes de passar debaixo da colina do Capitólio e atravessar a Union Station até o Ivy City Yard.

Eu sabia exatamente de onde ela falava. Quando adolescentes, Sampson e eu tínhamos subido a cerca e entrado uns 200 metros no túnel até ouvirmos um trem vindo sobre nós. Nunca corri tanto quanto naquele dia.

– Então você parou o trem por tempo suficiente para alguém roubar os barris? – perguntou Mahoney.

Ela fez que não um pouco depressa demais.

– Parei o trem por tempo suficiente para um doutorando em química instalar um sistema de tempo para converter o fósforo em gás dos nervos quando disparado.

– E? – perguntei. – Quem vai disparar?

Hala deu de ombros.

– Quem estiver na caminhonete que deve se encontrar com a balsa de carga amanhã à tarde.

– Nome do motorista? – perguntou Mahoney.

– Não sei – disse ela. – Não preciso saber. É melhor assim.

– Então o motorista da caminhonete encontra a balsa de carga. E depois? – perguntei.

Ela sorriu.

– Ele coloca os barris na caminhonete, dispara o sistema, põe uma máscara antigases e passeia pela cidade deixando o gás escapar, começando com Wall Street logo depois do fechamento da bolsa.

Lembrei-me do trem de carga que vira, depois que Hala fora presa, saindo daquele túnel e seguindo para o Ivy City Yard e recordei que ele me fizera pensar que alguma aparência de normalidade retornara à Union Station.

Na verdade, eu tinha acabado de ver uma arma química passar bem debaixo do nariz de todo mundo.

capítulo 98

VERIFIQUEI O RELÓGIO DE PULSO: 0H31. O Natal terminara, assim como a minha promessa a Bree e uma inocência que eu nem sabia que tinha para perder. Eu já tinha ouvido depoimentos e reunido provas sobre o assunto, mas nunca presenciara crianças sendo torturadas.

O trem de carga tinha pelo menos três horas de vantagem. Mas viajava para nordeste atrás de uma tempestade que corria para Nova York. Alcançaríamos o trem, o pararíamos e desarmaríamos o dispositivo.

Mahoney parecia pensar a mesma coisa. Levantou-se e saiu da sala para mobilizar uma equipe do Grupo de Reação a Incidentes Perigosos enquanto fazia planos para interceptar o trem.

Estudei Hala, que olhava para a mesa como se não conseguisse acreditar que estava naquela situação: uma traidora da sua causa.

– Que vagão de carga leva os organofosforados? – perguntei.

Hala me olhou como se tivesse uma última carta para jogar.

– O vigésimo nono depois da locomotiva – respondeu ela. – É verde, com CSX e C-Itoh escrito. Não dá para errar.

capítulo 99

UNS QUINZE MINUTOS DEPOIS, eu estava com Ned Mahoney em pé na neve, no telhado do centro de detenção, esperando um helicóptero dos fuzileiros navais que viria de Quantico lotado de membros do Grupo de Reação a Incidentes Perigosos.

– Sabemos a localização do trem – avisou Mahoney. – Está quase em Trenton. Vamos detê-lo em algum ponto ao norte de lá, algum lugar rural.

– E se estiver minado? – perguntei.

– Pode acreditar, estaremos usando trajes Hazmat especiais contra materiais perigosos – respondeu Mahoney. – Que elegância, hein? Não dá para acreditar que você não queria estar lá para ver o final disso.

Eu conhecia Mahoney havia quase quinze anos, muitos dos quais trabalhamos juntos, fui à sua casa inúmeras vezes, sabia tudo o que a mulher e os filhos faziam. Ainda assim, naquele momento, ele parecia um estranho para mim.

– Não gostei do que aconteceu naquela sala, Ned.

– E você acha que eu gostei, Alex? – retrucou.

– Foi baixo demais.

– Foi – concordou, a dor passando pelo seu rosto. – Isso mostra que é preciso enfrentar gente assim no campo deles, usando as regras deles. É triste dizer isso, mas é a verdade.

– Eram crianças.

– Eram uma vantagem contra uma conspiração insana.

Ouvi o barulho do helicóptero chegando, vi o refletor na minha barriga.

– E se o advogado dela descobrir, Ned? Se exigir a fita do interrogatório? Tudo o que Hala nos contou será fruto de uma árvore envenenada e anulado no tribunal.

– Nem tudo tem que aparecer no tribunal – respondeu Mahoney friamente. – Além disso, quando ergui a mão lá pouco antes de começarmos, a pilha da câmera da saleta de observação caiu de maneira misteriosa. Tudo além disso é boato sem base da Dra. Hala. É a palavra dela contra a nossa, e em quem o juiz vai

acreditar, Alex? Num veterano com vinte anos no FBI e no lendário Dr. Alex Cross ou numa louca disposta a lançar gás dos nervos em Manhattan?

Olhei para ele como se ele estivesse se transformando diante dos meus olhos, vendo novas dimensões do seu caráter.

– Nunca o considerei um mestre da estratégia, Ned.

Ele ergueu o braço se proteger da neve levantada pelo helicóptero.

– Tenho os meus momentos – berrou. – Pode pegar o meu carro para ir para casa, se for bom no volante.

– Acho que consigo – disse e aceitei as chaves enquanto o helicóptero pousava na neve. – Ned?

– O quê, Alex?

– Tome cuidado. Você tem muita gente à sua espera.

Mahoney fitou os meus olhos, compreensivo, e apertou a minha mão.

– Obrigado, Alex. Isso é muito importante para mim.

capítulo 100

CHEGUEI EM CASA ÀS DUAS DA MADRUGADA DO DIA SEGUINTE AO NATAL. Todos já tinham ido dormir, embora as lâmpadas da árvore ainda brilhassem na janela da frente, como um farol deixado para me guiar. Para onde tinha ido o feriado?

Tirei os sapatos com dois pontapés, subi as escadas, parei junto à porta do quarto dos meus filhos e da minha avó e me senti sonolento com o ritmo da respiração deles. Nem mesmo o suave ronco de Nana me manteria acordado.

Fui me esgueirando até o meu quarto, tirei as calças e me enfieei na cama, sentindo o calor do corpo de Bree. O cheiro dela também estava à minha volta. Ela rolou para mim, pôs a mão no meu peito e murmurou:

– Está tudo bem, querido?

– Agora está – respondi e fechei os olhos, dizendo a mim mesmo para esquecer tudo, me refugiar na minha própria cama com minha mulher me abraçando e descansar.

No entanto, assim que abracei Bree, minha mente ficou indo e voltando entre imagens dos filhos de Hala sob tortura e os detalhes da história que ela nos contara.

Pouco antes de cair no sono, me lembrei de algo que dissera a Mahoney na noite da véspera do Natal: *Confissões feitas sob tortura não podem ser levadas a sério. São meias verdades misturadas com o que o torturado acha que o torturador quer ouvir.*

capítulo 101

DURANTE UMA HORA E MEIA, DORMI SEM SONHAR COM NADA. Mas então, das profundezas negras do meu cérebro, as imagens começaram a se desenrolar. Vi Hala jogando a granada em mim. Vi Henry Fowler segurando a arma junto à cabeça da ex-mulher e chutando os filhos, que se transformaram nos filhos de Hala amarrados às cadeiras em que tinham sido torturados.

Os policiais sauditas com os seus capuzes também estavam lá, um com a bateria, o outro segurando as garras na ponta dos cabos. O que segurava a bateria tirou o capuz e se revelou como Mahoney. O segundo encapuzado tentou fugir, mas Mahoney deu um sorriso sinistro e lhe arrancou o capuz da cabeça.

Era eu. Era eu quem segurava as garras. Mahoney e eu ríamos, nos divertindo como fizéramos dezenas de vezes nos churrascos de fundo de quintal e em outras reuniões familiares.

O meu eu do sonho abriu a garra vermelha, olhou para as crianças e pareceu fascinado com o terror que demonstravam. Prendi o cabo na cadeira de Aamina, esperando o arqueamento e o tremor que a vira exhibir durante a tortura.

Em vez disso, escutei um zumbido rítmico que quebrou o feitiço e me acordou do sono. Eu estava encharcado de suor. Bree rolou para o outro lado e continuou dormindo. Grogue, conferi a hora no relógio. Eram 3h40 da madrugada. Eu precisava de pelo menos mais dez ou quatorze horas, mas minha bexiga estava cheia. E qual foi o barulho que me acordou?

Deslizei da cama com o maior cuidado possível, me sentindo meio zozzo, e notei a luz de mensagem piscando no meu celular. Peguei-o, cambaleei até o banheiro e me sentei no vaso, porque achei que ficar em pé não seria uma ideia tão boa assim. Antes que conseguisse ouvir o recado, o telefone começou a zumbir na minha mão, o som que me arrancara do sono.

Era Mahoney.

Aceitei a chamada, mije e grunhi:

– Você é vampiro ou o quê? Nunca dorme!

– É, sou um novo personagem daquela série Crepúsculo que os meus filhos vivem lendo – respondeu ele, e escutei o vento soprar com força.

– Pegou o gás dos nervos?

– Trocamos tiros com um dos colegas conspiradores de Hala – disse Mahoney. – Ele estava com a arma apontada para os maquinistas. Um atirador de elite o pegou e libertamos os ferroviários. Um deles foi mutilado, o globo ocular escaldado.

Isso me deixou ainda mais acordado.

– O quê? O olho do maquinista?

– Como vingança porque o maquinista tinha feito o mesmo com um parceiro do morto, com café quente. É uma longa história para outra ocasião. Mas eles, os maquinistas, disseram que o parceiro saiu do trem no túnel da Rua 1 e voltou na direção da entrada, onde o terceiro homem da tripulação, um tal Robby Simon, desapareceu.

– Você achou os organofosforados e o dispositivo de disparo no vagão 29?

– Havia três barris azuis com rótulos da Pinkler Industries no vagão 29 – respondeu Mahoney –, mas, quando os abrimos, só achamos areia e cascalho.

Eu me lembrei do entusiasmo que Hala demonstrara ao descrever o plano.

– Ela nos deu meias verdades misturadas com o que queríamos ouvir – falei, furioso comigo mesmo por acreditar tanto na confissão dela a ponto de deixar de lado as minhas suspeitas.

– O meu instinto estava certo – disse Mahoney. – Ela parou o trem para que outros membros da Al Ayla pudessem roubar o produto químico.

Levei a mão à têmpora.

– E estão aqui. Em Washington.

– Último paradeiro conhecido: a 3 quilômetros do Congresso.

– Meu Deus!

– Vamos voltar a Hala – disse Mahoney.

Tive um relâmpago de pavor com a imagem dos filhos dela sendo torturados.

– Vá você, Ned – falei. – Para mim, acabou.

Terminei a ligação e desliguei o aparelho. Pretendia voltar à cama, mas percebi que estava no máximo a quinze quarteirões de onde os cúmplices de Hala tinham roubado os organofosforados.

A minha família também.

A minha primeira reação foi acordar todos eles, tirá-los da área até que os três barris fossem encontrados e neutralizados.

Mas os velhos hábitos falaram mais alto. *Neve no chão*, pensei. Eles com certeza deixaram rastros em algum lugar por lá.

Peguei o celular e liguei para o homem em quem mais confiava no mundo.

capítulo 102

OMAR NAZAD SENTOU-SE NA CABINE DA CAMINHONETE e sentiu as mãos e os pés pinicarem ao começar a degelar. Olhou pelo para-brisa os 90 metros cúbicos de neve e gelo entre ele e a Rua M.

Eles tinham quebrado e removido pelo menos aquele volume nas últimas três horas. Ainda estavam a meio caminho da rua. Havia doze horas que não comiam nada e seis que não bebiam nada. A neve que punham na boca parecia deixá-los com mais sede ainda.

– *Insh' Allah* – murmurava o tunisiano sem parar.

A vontade de Alá. É vontade de Deus que tenhamos que sofrer e nos sacrificar e sofrer de novo para derrotar os Seus inimigos. De certo modo, isso é um dom. Uma bênção.

– Temos que ir embora, irmão – disse Mustafá no banco do carona.

– Concordo – disse Saamad. – Vamos enquanto ainda podemos.

Nazad os olhou como se estivessem loucos.

– Abandonar a melhor arma que a Família já teve? Não. Não é isso que Deus quer.

– Mas e se Alá quiser que sejamos pegos e mandados para a prisão? – indagou Saamad.

– Cale-se – disse Nazad.

O tunisiano estava cheio dos argelinos, achava que eles pensavam em fugir rápido demais. Só podia ser a influência francesa.

– Tenho que comer e beber alguma coisa – queixou-se Mustafá.

– Não posso fazer nada.

– Talvez tenha comida naquele barracão – sugeriu Saamad. – Água também.

Nazad o olhou novamente.

– Vocês não revistaram o lugar todo?

Mustafá deu de ombros.

– As pás e picaretas estavam junto à porta.

Momentos depois, todos seguiam o caminho que os argelinos tinham tomado até o barracão de ferramentas. A porta jazia aberta, pendurada nas dobradiças, e oscilava com o vento. Eles entraram,

acenderam as lanternas e viram um gerador portátil, meia dúzia de ferramentas elétricas, uma britadeira, três marretas, mais picaretas, uma fila de capacetes, um teodolito e uma caixa térmica no canto. Mustafá e Saamad foram direto até ela, abriram-na e gritaram de alegria.

Saamad agarrou uma barra de cereais e uma garrafa congelada de Gatorade e as sacudiu para Nazad.

– Alá seja louvado! Comida e bebida, irmão.

– E uma britadeira! – gritou Mustafá.

Mas o tunisiano não deu atenção a eles. Olhava fixamente para uma caixa de metal presa à parede e fechada com um cadeado de segredo. Por instinto, ele pegou uma das marretas e tentou arreventá-lo, mas não conseguiu. Olhou com atenção para as outras ferramentas agora à sua disposição e sorriu.

Nazad ligou o gerador. Depois, ligou um cortador de vergalhão. Ajustou a haste do cadeado nas garras do cortador e acionou o interruptor. As garras a morderam e arreventaram em menos de um segundo.

Os argelinos se revezavam dando mordidas nas barras de cereais congeladas enquanto Nazad trabalhava. Só quando este pousou o cortador e abriu a porta da caixa foi que Mustafá se interessou.

– O que achou aí, irmão? – perguntou ele.

O tunisiano já sorria, sentindo-se mais uma vez abençoado por Deus. A primeira coisa que a lanterna do seu capacete revelou na caixa foi uma fila de chaves penduradas em ganchos, todas arrumadas e com etiquetas.

A primeira chave da direita dizia CAT D6K.

capítulo 103

— **V**OCÊ ME ACORDOU DE UM SONO PERFEITO PARA PASSEAR numa lata de sardinhas? – gemeu John Sampson tentando enfiar o corpo imenso no Subaru de Mahoney por volta das quatro da madrugada. Ele usava um casaco, o capuz sobre a cabeça, e me espiava com um olhar turvo. Aceitou o copo descartável de café para viagem que lhe ofereci.

– Preciso de ajuda para verificar uma possível cena de crime antes de chamar a equipe de verificação de provas – expliquei, enquanto ligava o Forester. Com tração nas quatro rodas e lastreado com os 195 quilos meus e de Sampson somados, o carro se moveu como um minitanque pelas trilhas que outros carros tinham aberto ao subir e descer a rua de Sampson.

– Possível cena de crime? – perguntou Sampson, irritado.

– Não sei direito onde é a cena do crime, John. É por isso que preciso de você. Para me ajudar a achar.

Ele gemeu e tomou o café.

– Por que sinto que estou a duzentos passos de você, Alex?

– Porque está – respondi e comecei a lhe contar tudo, terminando com a informação de que, provavelmente, os membros da Al Ayla tinham tirado componentes de gás dos nervos de um trem de carga parado perto da entrada do sistema de túneis.

– Sei onde fica – grunhiu Sampson. – Lembra que saímos correndo de lá quando éramos garotos?

– Provavelmente a única vez que venci você numa corrida – comentei.

– Encontraram um corpo na preferencial lá, uns seis ou sete anos atrás.

Eu me esquecera, mas concordei com ele.

– Emily Rodriguez, não foi? – perguntei.

– Sim, coitadinha – respondeu Sampson. – Que idade ela tinha, uns 7 anos? O filho da puta a torturou horivelmente antes de matá-la.

Eu me lembrei da filha de Hala, também com 7 anos, arqueando-se por causa da corrente elétrica.

– Então, o que acha? Os trilhos no lado da rodovia ou da Rua M?

– Rodovia – respondeu Sampson. – Na Rua M a gente vai precisar de botas. Fica a uma boa distância dos trilhos e há uma obra lá em andamento naquela descida de viaduto que estão construindo há séculos.

– Mas o lado da rodovia é uma descida superíngreme até os trilhos – recordei. – Tambores de duzentos litros pesam muito, e ficar lá os deixaria visíveis demais, mesmo numa nevasca. Acho que entraram pelo lado da Rua M, com ou sem caminhada longa.

– Merda. E eu sei de alguma coisa? – perguntou Sampson. – Sou apenas um carona.

Os montes de neve ao longo da Rua 11 estavam mais altos do que nunca, como em fotos de Anchorage ou Nome, no Alasca. Sampson e eu tivemos que forçar a vista para enxergar a cerca de segurança onde a Rua 11 passava por cima da boca do túnel.

Estacionei bem no meio da rua, acima do túnel, liguei o piscar-alerta, disse a Sampson que saísse com o carro caso alguém aparecesse. Antes que ele resmungasse, saí, fui até o monte de neve e subi nele até a cerca.

Peguei a lanterna, passei-a entre os elos das correntes e, imediatamente, vi pegadas em ambos os lados dos trilhos que davam no túnel. Mais adiante, na margem que dava para a Rua M, a neve fora rebaixada, deixando uma trilha de um 1,5 a 2 metros de largura.

Peguei o celular, liguei para a expedição da Polícia Metropolitana e requisitei um carro de coleta de provas com uma equipe completa para me encontrar na esquina das Ruas M e 11. Lucy, a telefonista que era amiga minha, disse que podia demorar uma hora até a equipe ser notificada e chegar lá com toda aquela neve.

– John Sampson e eu seguraremos o local e aguardaremos – disse. – Obrigado, Lucy.

Desliguei o celular, me sentei no monte de neve, estiquei as pernas e comecei a escorregar. Cheguei à calçada, pousei de pé e estava andando de volta para o Subaru em marcha lenta, limpando a neve da parte de trás das calças, quando ouvi um motor pesado soltar uma explosão pela descarga e depois rugir ao ser ligado a sudeste de mim, na direção da Rua M.

capítulo 104

ALÁ SEJA LOUVADO!

Quando o motor do trator deu a partida, depois de Nazad ter achado uma lata de éter debaixo do assento e o borrifado dentro do tanque de combustível, o tunisiano teve vontade de chorar. Em vez disso, agradeceu várias vezes a Deus por abençoá-lo, abriu o afogador até o motor girar normalmente e estudou o diagrama das alavancas de controle até achar que as entendera.

O tunisiano olhou para a frente, viu um interruptor e o acionou. Pequenos refletores no alto da cabine do trator iluminaram a área à sua frente. Ele puxou uma alavanca para trás e a pá ficou sob o seu controle, gemeu e se ergueu. Os argelinos, que tinham ficado ao lado, começaram a dar vivas e brandir os punhos.

Sentindo-se possuído, Nazad estudou o diagrama mais uma vez e empurrou uma segunda alavanca à sua frente. Sentiu algo engrenar. Pisou no acelerador. O trator deu um solavanco, se soltou do gelo que o prendia e começou a avançar pela neve, passando pela caminhonete rumo aos 90 metros cúbicos de congelamento que os separavam da Rua M e da fuga.

– Saamad, entre na caminhonete! – berrou Nazad. – Mustafá, suba no monte para ver a rua e veja se estou indo na direção certa.

Saamad fez que sim e correu para a caminhonete. Mustafá pareceu se irritar com a ordem que Nazad lhe dera, mas correu na frente da pá do trator rumo à parede de neve e à rua.

Nazad desacelerou perto do imenso monte de neve, baixou a pá e engrenou uma marcha mais baixa. Observou Mustafá subir no monte de neve. Depois, viu faróis virem pela Rua 11 e virarem na pista da Rua M que seguia para o leste.

Até esse momento, o tunisiano temera de forma quase patológica chamar a atenção. Mantivera a caminhonete bem longe da rua e, enquanto cavavam durante a noite, toda vez que um veículo passava ele ordenava aos companheiros que se deitassem de bruços e esperassem os faróis sumirem.

Agora não se importava mais, muito menos quando o argelino informou que era um pequeno Subaru Forester branco, um veículo

de trabalhador e não um carro oficial da polícia. Nazad pisou no acelerador outra vez depois que o Forester passou, concentrado na pá que atingia o monte de neve. Ela “mordeu” e empurrou, e então toda a frente do trator começou a subir, empurrando a neve para a frente.

Lá vamos nós, pensou o tunisiano. Agora não há nada que possa nos deter.

capítulo 105

— QUE MERDA AQUILO ESTÁ FAZENDO AQUI? – gritei para Sampson, olhando por sobre o ombro enquanto tentava ver melhor o trator que surgira no alto do monte e empurrava a neve de volta para a Rua M.

Enquanto o trator recuava pelo outro lado do monte de neve, Sampson disse:

– Vai ver a construtora que está trabalhando no viaduto mandou limpar o local antes que o resto do pessoal chegue.

– Às 4h15 da manhã do dia seguinte ao Natal?

– Não leu a reportagem do *Post* na semana passada? Essa coisa já está virando um escândalo. Estão dizendo que aquela rampa já estourou o orçamento várias vezes e devia estar pronta há dois anos.

– Bom, então vamos ter que mandá-lo parar – disse, entrando na rotatória perto do Washington Yacht Club e voltando.

Parei e estacionei bem longe do trator, o pisca-alerta ligado. Sampson e eu descemos na hora em que a máquina subia pela segunda vez até o alto do monte, empurrando mais neve na Rua M e bloqueando por completo a pista que ia para oeste. Depois, ele recuou até mal conseguirmos ver o seu teto.

Os facho dos faróis do trator iluminaram um sujeito em pé em cima do monte de neve, vestido com um tipo de macacão de trabalho azul. Parecia orientar o operador da máquina e não nos notou descendo a rua na sua direção. Subimos até ele pelo campo de destroços que o trator estava criando, andando com dificuldade por causa da neve até a canela.

Acenei para ele.

– Ei! Mande o motorista parar! – gritei.

O homem se enrijeceu, deu alguns passos na nossa direção, pôs a mão junto à orelha.

– O quê?

– Desliguem esse trator! – berrou Sampson e iluminou o distintivo que segurava com a lanterna. – Polícia Metropolitana de Washington!

O trator subiu de novo. O homem ficou paralisado e depois fez que sim. Correu rumo à cabine. Não consegui avistar nenhum detalhe do motorista.

– Polícia! – gritou o homem. – Mandaram parar!

A máquina parou no alto do monte de neve. O motor ficou em marcha lenta.

– Qual é o problema? – gritou o homem no monte de neve.

– O senhor poderia descer até aqui? – gritei de volta. – Achamos que houve um crime aí. Quem mandou limpar o canteiro de obras?

O homem hesitou, bateu na orelha como se quisesse indicar que não conseguia me ouvir com o trator tão perto e depois se agachou como se fosse escorregar pelo monte de neve até onde eu estava. Ouvi o gemido dos controles hidráulicos começando a funcionar e ergui os olhos para a pá do trator, que começava a se levantar.

– CSX? – perguntou Sampson.

Sampson apontou a lanterna para o peito do sujeito sentado no alto do monte de neve. A etiqueta do casaco dizia CSX. Por que ferroviários estariam limpando um canteiro de obras federal às 4h15 da madrugada?

De maneira despreocupada, me preparei para pegar a pistola, torcendo para não estar em cima de neve funda, e reajustei o foco da minha lanterna até que a luz penetrou pelo para-brisa do trator. Pouco antes de a lâmina subir a ponto de bloquear a visão, vi um homem com um casaco azul da CSX. O olho direito estava coberto por ataduras.

capítulo 106

— ARMA! – RUGIU SAMPSON.

Ele pulou para a direita e caiu agachado, em posição de combate, procurando a arma.

A minha Glock se soltou do coldre e vi o homem se deitar de bruços sobre o monte de neve pouco antes de atirar. A bala atingiu o chão à minha frente e espalhou lascas de gelo por todas as partes.

Com neve até os joelhos, vulneráveis por causa do terreno mais alto, Sampson e eu éramos o famoso alvo fácil. Mas parecia que Sampson não se sentia assim. Ele conseguiu dar dois tiros no homem sobre o monte de neve assim que o motor do trator rugiu. Ambos pegaram o lado esquerdo do homem deitado, que respondeu ao fogo imediatamente. Eu mirava a Glock quando ouvi o estalo da bala dele passando a 2 centímetros da minha cabeça. A minha bala foi parar abaixo dele.

O trator foi engrenado e desceu o monte de neve bem na nossa direção, a pá erguida para impedir tiros no para-brisa.

Sampson e eu somos altos. Eu tenho 1,85 metro; ele, uns 8 centímetros a mais. Isso significa que temos pernas compridas, que usamos para correr em sentidos opostos. Sampson foi diretamente para o homem que nos alvejava sem parar, fazendo-o recuar.

Eu tropecei e caí na neve funda antes de chegar à rua limpa. O meu ombro bateu com força numa pedra de gelo e senti ossos se quebrarem e coisas se rasgarem.

A dor do impacto e o choque que abalou o meu organismo foram indescritíveis. De olhos fechados, trincando os dentes, gemi e senti minha pistola cair da mão que não funcionava mais.

— Alex! – berrou Sampson acima do rugido do trator.

Forcei meus olhos a se abrirem. Já estava vendo estrelas. Sampson estava a quase 20 metros de mim, menos de 3 metros da pá do trator, tentando correr na direção da rua limpa mais além, rumo à Rua 11.

Ele escorregou e tropeçou. A pá desceu.

– John! – gritei, tentando me levantar, percebendo que todo o meu braço direito estava inútil e pendia ao lado do corpo.

O meu amigo mais antigo foi um grande atleta anos atrás, um homem com movimentos enganosamente fluidos e uma noção absurda de equilíbrio. Mas Sampson era de Washington e não estava acostumado a correr na neve. Quando a pá ficou a menos de um metro, ele tropeçou de novo e achei que estava prestes a perder a vida bem ali na Rua M.

capítulo 107

O SUJEITO NO ALTO DO MONTE DE NEVE ATIROU EM SAMPSON quando menos de 30 centímetros o separavam da pá do trator. A bala atingiu o alto da parte traseira da pá, ricocheteou e estilhaçou o para-brisa do trator.

A máquina virou com força para a esquerda, como se o motorista tivesse se abaixado e puxado o volante. Agora a pá vinha na minha direção, estava a uns 15 metros de distância. Apoiei um dos joelhos, depois fiquei de pé, ofegando com a dor que se espalhava por toda parte em torno do meu ombro direito.

Arma.

A coronha da minha Glock estava bem ali na neve, com o cano enfiado até a proteção do gatilho. Segurei-a com a mão esquerda e a puxei da neve enquanto o trator vinha em minha direção. Escutei alguém atirar e outra pessoa gritar.

Levantei-me cambaleante, o braço direito balançando estupidamente ao meu lado. Mas as vozes da sobrevivência falavam mais alto: *Espere até ele chegar e pule para a direita, para se desviar da pá. Afaste-se e poderá atirar nele. Com a mão esquerda, tem que ser bem próximo.*

Então, uma voz mais alta gritou: *Neve! Tem neve no cano. Puxe o gatilho e o cano explode!*

O trator estava bem acima de mim, a 3 metros, no máximo, e tive certeza de que logo o meu corpo inteiro doeria como o ombro direito. Mas então percebi que o motorista não podia mais me ver, já que a pá bloqueava a sua visão, então ele dirigia às cegas.

Pulei. O canto superior da pá errou a minha cabeça por pouco. Caí, pulei de novo e girei, na esperança de mirar no motorista e lhe dizer que atiraria se...

A arma de Sampson disparou atrás de mim. Ouvi a bala atingir a cabine. O motorista fez algo que eu definitivamente não esperava. Pulou da cabine, caiu meio sem jeito na neve a um metro de distância enquanto o trator continuava avançando, subiu o monte de neve pela faixa central e correu para um prédio comercial do outro lado.

Ergui a arma para o homem caolho enquanto ele erguia a dele para mim.

capítulo 108

AS NOSSAS ARMAS ESTAVAM A MENOS DE 5 CENTÍMETROS uma da outra. O terrorista caolho e eu estávamos num impasse. Se ele puxasse o gatilho, eu morreria. Se eu puxasse o gatilho, o meu cano explodiria e eu morreria. Talvez ele morresse também, mas sem dúvida nenhuma eu iria para um saco plástico preto, deixando minha família de luto.

O olho descoberto do homem estava arregalado e faiscava.

– *Insh' Allah!* – sussurrou ele.

Entendi. Agora estávamos ambos nas mãos de Deus, prestes a descobrir a Sua vontade.

O som do trator batendo em algo foi seguido por um tiro vindo de trás e acima de mim. Tanto eu quanto o motorista nos encolhemos e nos abaixamos por instinto, mas me recuperei muito mais depressa que ele.

Os meus braços eram mais compridos do que os dele. Provavelmente eu tinha uns 8 a 10 centímetros de vantagem. O braço direito era inútil, mas o esquerdo estava dobrado quando mirei a arma para ele.

Dei-lhe um *jab* com a mão esquerda, preparando-o para um cruzado de direita impossível de desferir. Em vez disso, bati com força no lado da pistola dele com o cano da minha e entrei na sua enorme zona cega.

O terrorista atirou sem mirar. Sampson atirou praticamente ao mesmo tempo, e ouvi um som de bala e o grito de um homem ferido em algum ponto lá em cima, no monte de neve, antes que eu baixasse a minha pistola e atingisse o caolho na atadura, bem no osso acima da órbita do olho escaldado.

Os joelhos dele cederam, como tudo o mais. Ele caiu de lado, inconsciente.

capítulo 109

UMA SEMANA DEPOIS, CHOVIA E O CLIMA ESQUENTARA; o frio profundo que cobrira a cidade de forma tão severa tinha acabado e a neve se transformara em lama e poças. Isso, no entanto, não me impediu de levar minha mulher para jantar e dançar no réveillon. Iríamos com John Sampson e Billie, a esposa dele. Tínhamos feito tudo certo: alugamos um carro com motorista para nos levar para jantar no terraço fechado do Hotel W – a melhor vista da cidade – e depois para o Havana Breeze Latin Club do outro lado do rio, em Fairfax, para um pouco de salsa e merengue.

Por que não? Estávamos todos com vontade de comemorar e apenas uma casa de jazz não resolveria. Afinal de contas, além de pôr Hala Al Dossari e os seus colegas conspiradores na prisão, também tínhamos estragado o plano deles, o que era fantástico.

Os documentos que descobrimos na caminhonete dos terroristas esclareceram tudo: o produto químico roubado ficaria 26 dias guardado num apartamento de subsolo que Nazad alugara na colina do Capitólio. De manhã cedinho, em 20 de janeiro, Nazad, químico formado, misturaria os organofosforados num caminhão-tanque alugado com dois mil litros d'água. Depois, ele e os cúmplices atrelariam o tanque cheio do agente bruto do gás dos nervos num caminhão e contornariam as ruas fechadas da cidade até ficarem a favor do vento em relação ao Capitólio.

Então todos colocariam máscaras, fariam a mistura final e pulverizariam o produto químico no ar, na esperança de que a nuvem de vapor tóxico chegasse à enorme multidão reunida no National Mall e nos degraus dos fundos do Capitólio, onde o juiz-presidente do Supremo Tribunal dos Estados Unidos faria o juramento de posse como presidente do país.

Era uma ideia tão maluca que poderia dar certo. Centenas, talvez milhares de pessoas poderiam ter morrido. O presidente poderia ter morrido, assim como os juízes e todos os parlamentares. Isso era tão louco que eu não queria mais pensar naquilo. Faltavam seis horas para o Ano-novo e preferi apenas esperar na cozinha que

Bree terminasse de arrumar o cabelo e escolhesse finalmente o vestido que usaria para a nossa grande noite na cidade.

Ali, o meu filho mais novo, Jannie e Ava devoravam um prato de coelho frito, uma das especialidades da minha vó. A princípio Ava reclamara da ideia, mas depois que viu Jannie e Ali devorarem, ela experimentou e já estava no segundo pedaço.

– Está bom, né? – perguntei.

– Mais do que bom – disse Ava. – Eu não fazia ideia de que coelho podia ser tão gostoso. Parece frango, mas é muito, muito melhor.

– É o leitelho – disse Nana Mama, olhando contente enquanto lavava a frigideira de ferro que usara para fritar o coelho. – Deixo a carne descansar no leitelho durante a noite para que fique macia assim.

– Damon vai ficar uma fera quando souber que você fez coelho frito *depois* que ele voltou para o internato – observou Jannie.

– Damon poderia ter ficado em casa até amanhã – respondeu minha avó. – Ele preferiu voltar mais cedo.

– Para adiantar os estudos – lembrei a ela.

– E ele não está errado – disse Nana Mama. – Mas às vezes até as melhores escolhas têm consequências ruins.

– Como perder coelho frito – comentou Ali.

Nana sorriu e apontou para o bisneto.

– Está vendo? Eu sempre disse que você é um menino muito esperto.

Ali sorriu de orelha a orelha e estendeu a mão para pegar o último pedaço de coelho, mas Ava chegou primeiro. Ele reclamou.

– Divido com você – disse Ava.

Minha avó franziu os olhos na minha direção.

– E você, como está?

– Com 24 horas desde o último analgésico? Bem, só dói quando eu me mexo – respondi, dando uma olhada no braço direito que estava na tipoia.

Eu quebrara a clavícula, luxara o ombro e rachara a cabeça do úmero quando caíra ao tentar sair da frente do trator. O cirurgião pusera tudo no lugar quatro dias antes. Em três meses, segundo ele, eu estaria como novo.

Bree entrou na cozinha com um vestido preto muito lindo e um par de escarpins pretos de salto alto.

Nana Mama assoviou. Eu também.

– Vai mesmo sair com Alex desse jeito? – perguntou minha avó com voz brincalhona.

O rosto de Bree se entristeceu.

– Não ficou bom?

– Não há nada de errado com a sua roupa – respondeu Nana Mama. – Está tudo certo. Mas veja o homem que vai com você comemorar o Ano-novo. Braço na tipoia, parecendo esgotado. Vão achar que você é a enfermeira dele. Não é o tipo de homem a que a gente dá a mão quando está vestida como uma estrela de cinema.

Todo mundo riu, inclusive eu.

Bree pôs os braços no meu pescoço e beijou meu rosto.

– Querido, para mim, você está ótimo.

– Mesmo com o ombro arrebitado? – perguntei.

– Você se porta com elegância – respondeu ela e me beijou de novo antes de olhar para minha avó. – Não tenho razão?

Nana Mama tentou parecer cética, mas caiu na risada.

A campainha tocou. O motorista viera nos buscar. Nana Mama e as crianças ficaram nos olhando pela janela da frente até irmos embora. O jantar estava maravilhoso. E também o vinho chileno que Sampson pedira.

Chegamos ao Havana Breeze por volta das dez e meia, ocupamos um camarote e pedimos *mojitos*. Billie disse a Sampson que queria dançar imediatamente.

– Como poderia negar esse pedido? – respondeu ele.

E foram para a pista. Eu brincava com a bebida e me divertia observando o meu enorme melhor amigo tentar dançar com Billie, que, mesmo de salto alto, mal lhe alcançava o peito.

– Você é uma figura, já lhe disse isso, Alex? – perguntou Bree.

Olhei para minha mulher, que estava deslumbrante.

– Como assim? Que loucura é essa que você está dizendo? – perguntei.

Bree sorriu e balançou a cabeça.

– Não, é sério. Não sei como consegue, mas, apesar de todo o caos em que vive se metendo, você mantém o equilíbrio. Adoro o

fato de, mesmo sendo chamado para essas situações horríveis em que vê o pior dos outros, ainda assim você conseguir ser uma pessoa basicamente boa.

Lembrei os homens encapuzados atrás dos filhos de Hala Al Dossari. Senti uma enorme tristeza e comentei, evitando encará-la:

– Às vezes, não tenho certeza disso.

Ela segurou o meu queixo e virou o meu rosto para ela.

– Ouça bem. Você, Alex Cross, é o melhor homem que conheço.

Olhei nos seus olhos, detestando ter que guardar segredos dela, detestando já ter me encontrado duas vezes em segredo com o padre Harris para tentar entender o que Ned e eu tínhamos feito para impedir um ataque com gás dos nervos no dia da posse do presidente.

Beijei Bree.

– E você é a melhor mulher que já conheci.

Uma salsa começava a tocar.

– Então vamos dançar – falei.

– Quer que eu dance com um homem de tipoia? – perguntou Bree.

– Ora, você disse que eu me portava com elegância.

– Eu disse isso? – perguntou ela, olhando para mim.

– Disse sim – respondi. Saí do camarote e estendi para ela a mão boa.

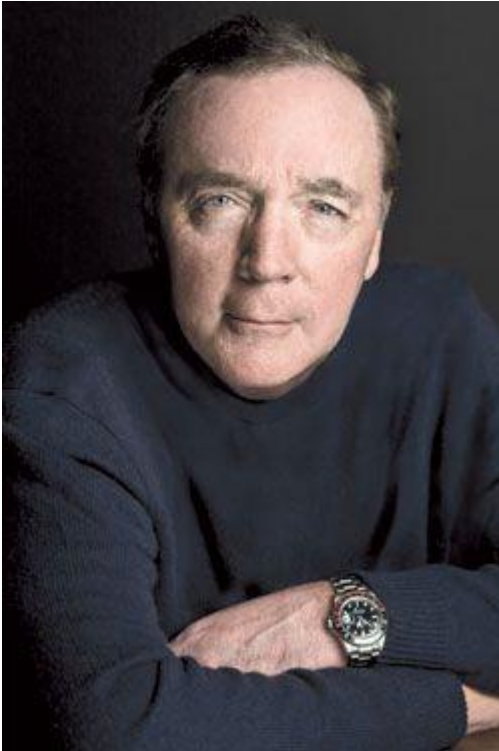
Bree a pegou, sorriu e se levantou. Mas hesitou ao chegar à pista de dança, se inclinou para mim e disse, se sobrepondo à música pulsante:

– Alex, você está bem?

– Estou com a mulher mais sexy e linda deste lugar – respondi. – É quase meia-noite. E estamos prestes a comemorar a chegada do Ano-novo nos braços um do outro. Como poderia não estar bem?

Sobre o autor

© Deborah Feingold



JAMES PATTERSON

Com 275 milhões de livros vendidos em mais de 100 países, James Patterson é um dos maiores escritores do mundo. Recordista de presença na lista de mais vendidos do *The New York Times*, é autor das consagradas séries Alex Cross e Clube das Mulheres contra o Crime.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE ALEX CROSS

O dia da caça

JAMES PATTERSON



Alex Cross perdeu os pais quando tinha 10 anos e então se mudou para Washington, D.C., para viver com a avó, Nana Mama. É com a ajuda dela que cria os três filhos desde que sua primeira esposa, Maria, morreu baleada num caso nunca solucionado.

Com uma longa e bem-sucedida carreira na polícia, o detetive, que é também ph.D. em psicologia, mantém um consultório particular e presta serviços ao Departamento de Crimes Hediondos da Polícia Metropolitana.

Em *O dia da caça*, Cross se vê diante de um dos piores crimes com que já se deparou: uma família inteira foi morta dentro de casa. O cenário não deixa dúvida quanto à crueldade dos assassinos – corpos esquartejados, móveis revirados, janelas e vidros estilhaçados.

Ao descobrir que uma das vítimas foi sua namorada na faculdade, Cross toma o caso como pessoal e se dispõe a pegar o assassino custe o que custar.

Com a ajuda de sua atual namorada, a detetive Bree Stone, ele começa as investigações e é levado ao submundo de Washington. O que descobre é pior do que imaginava: os responsáveis por tamanha atrocidade são adolescentes – meninos, na verdade.

Quando outro crime com os mesmos traços de barbárie vitima mais uma família inteira, dando indícios de que o assassino viajou para a África, Cross não hesita nem por um instante. Apesar dos protestos de Bree e de Nana Mama, ele parte para a Nigéria em busca de justiça.

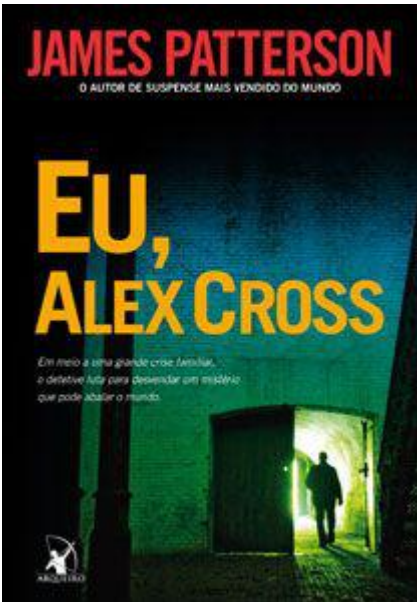
Ao chegar lá, percebe que as coisas não serão nada fáceis. Capturado, espancado e desprotegido, logo descobre que o criminoso – conhecido apenas como Tiger – não está sozinho. Na verdade, ele conta com a ajuda de pessoas muito poderosas e influentes.

Diante de uma conspiração que ultrapassa fronteiras, Alex Cross trava uma batalha pessoal contra a corrupção. No entanto, quando não se sabe mais quem são os mocinhos e quem são os bandidos, ninguém está em segurança.

Com um ritmo eletrizante, *O dia da caça* é uma aventura de tirar o fôlego e deixa claro por que James Patterson é o autor de suspense mais lido do mundo.

Eu, Alex Cross

JAMES PATTERSON



Alex Cross está comemorando seu aniversário com a família e os amigos quando toca o telefone. Seria apenas mais uma ligação inconveniente de trabalho não fosse a notícia bombástica: Caroline Cross, sobrinha do detetive, foi brutalmente assassinada.

Com o apoio de sua namorada, a detetive Bree Stone, Cross se lança às investigações, determinado a encontrar e punir os responsáveis pela morte da sobrinha. A primeira coisa que ele descobre é desconcertante. Caroline trabalhava como garota de programa.

Logo Cross fica sabendo que outras moças e rapazes envolvidos com prostituição também estão desaparecidos. Em meio aos pertences de alguns deles, o detetive encontra sequências de letras anotadas, todas muito parecidas. Ele decifra o código e percebe que as sequências revelam números de telefone de pessoas famosas e poderosas.

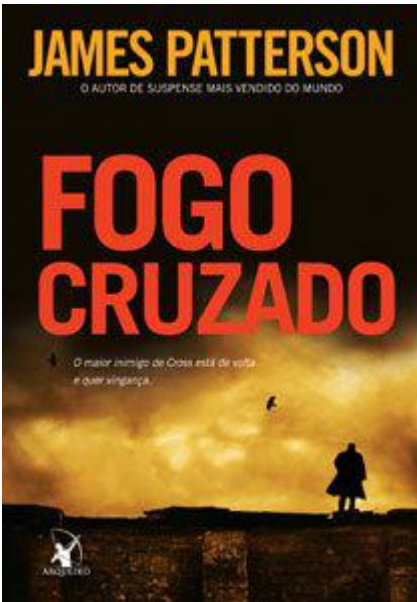
É assim que chega ao Blacksmith Farms, um clube privativo de altíssimo luxo na Virgínia. Um dos clientes mais assíduos é um misterioso homem conhecido apenas como Zeus. Ele mantém exclusivamente para si a suíte VIP do clube, que custa a partir de 20 mil dólares a diária. Quem poderia bancar um luxo daqueles?

Quando é convocado a contar tudo o que sabe a um dos principais agentes do Serviço Secreto, o detetive começa a desconfiar que está envolvido em algo muito maior do que havia imaginado.

Cross terá que trabalhar sozinho e às escondidas para encontrar os assassinos de sua sobrinha e evitar que um grande caso de acobertamento impeça que seja feita justiça.

Fogo cruzado

JAMES PATTERSON



A vida de Alex Cross não poderia estar melhor: o Departamento de Homicídios passa por uma rara fase de calma, a família vai bem e ele se dedica a planejar seu casamento com a detetive Bree Stone, da Polícia Metropolitana.

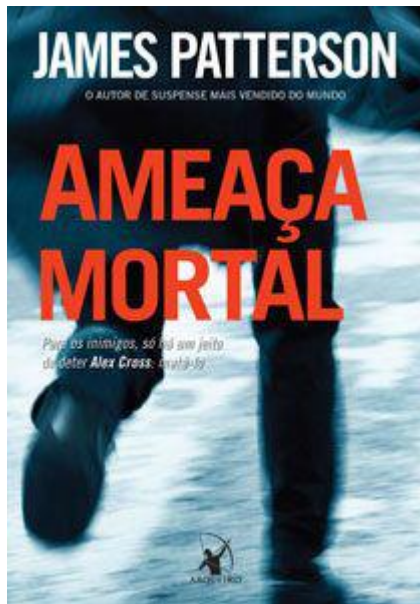
Porém, como ele mesmo diz, nunca se sabe quando o mundo vai cair de novo na sua cabeça. Isso acontece quando um atirador de elite resolve fazer justiça com as próprias mãos e começa a matar figurões que apareceram recentemente nas manchetes por estarem envolvidos em escândalos financeiros.

Em meio às investigações para descobrir quem é o homem que está aterrorizando a cúpula da cidade, Alex recebe um telefonema de Kyle Craig, criminoso conhecido como o Estrategista. Ele está na cidade e pretende acabar com a vida de Cross e das pessoas que ele ama. Para isso, conta com um plano do qual nem o experiente detetive poderá suspeitar.

Com uma mistura de ação, intrigas e suspense, *Fogo cruzado* é a aventura mais intensa e emocionante de Alex Cross.

Ameaça mortal

JAMES PATTERSON



Os filhos do presidente dos Estados Unidos estudam no Branaff, um dos melhores colégios de Washington, e contam com proteção em tempo integral. Ainda assim, num ato de ousadia, criminosos enganam os agentes do Serviço Secreto e desaparecem com Ethan e Zoe Coyle.

Sem aceitar a participação da Polícia Metropolitana no caso, o FBI e o Serviço Secreto assumem as investigações. No entanto, atendendo a um pedido especial da primeira-dama, acabam convidando o detetive Alex Cross por sua experiência com sequestros.

Em meio às investigações, a Inteligência americana descobre que um grupo terrorista saudita está planejando vários ataques em território nacional. A sabotagem da rede de fornecimento de água e o atentado contra a comitiva do secretário de Estado põem a capital em alerta, além de levantar a suspeita de que esses atos possam ter ligação com o sequestro de Ethan e Zoe.

Trabalhando em conjunto com o FBI, a CIA e outras agências do governo, Alex Cross precisa agir rápido. Com a ajuda dos colegas Ned Mahoney e John Sampson, ele começa uma corrida contra o tempo para encontrar os filhos do presidente e impedir que novos atentados coloquem o país em risco.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[PRÓLOGO – O diabo na véspera de natal](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[PARTE UM – Feliz Natal, Alex](#)

[capítulo 1](#)

[capítulo 2](#)

[capítulo 3](#)

[capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[capítulo 6](#)

[capítulo 7](#)

[capítulo 8](#)

[capítulo 9](#)

[capítulo 10](#)

[capítulo 11](#)

[capítulo 12](#)

[capítulo 13](#)

[capítulo 14](#)

[capítulo 15](#)

[capítulo 16](#)

[capítulo 17](#)

[capítulo 18](#)

[capítulo 19](#)

[capítulo 20](#)

[capítulo 21](#)

[capítulo 22](#)

[capítulo 23](#)

[capítulo 24](#)

[capítulo 25](#)

[PARTE DOIS – A alegria do natal](#)

[capítulo 26](#)

[capítulo 27](#)

[capítulo 28](#)

[capítulo 29](#)

[capítulo 30](#)

[capítulo 31](#)

[capítulo 32](#)

[capítulo 33](#)

[capítulo 34](#)

[capítulo 35](#)

[capítulo 36](#)

[capítulo 37](#)

[capítulo 38](#)

[capítulo 39](#)

[capítulo 40](#)

[capítulo 41](#)

[capítulo 42](#)

[capítulo 43](#)

[capítulo 44](#)

[capítulo 45](#)

[capítulo 46](#)

[capítulo 47](#)

[capítulo 48](#)

[capítulo 49](#)

[capítulo 50](#)

[capítulo 51](#)

[capítulo 52](#)

[capítulo 53](#)

[capítulo 54](#)

[capítulo 55](#)

[capítulo 56](#)

[capítulo 57](#)

[capítulo 58](#)

[capítulo 59](#)

[capítulo 60](#)

[capítulo 61](#)

[capítulo 62](#)

[capítulo 63](#)

[capítulo 64](#)

[capítulo 65](#)

[capítulo 66](#)

[capítulo 67](#)

[capítulo 68](#)

[capítulo 69](#)

[capítulo 70](#)

[capítulo 71](#)

[capítulo 72](#)

[capítulo 73](#)

[capítulo 74](#)

[capítulo 75](#)

[capítulo 76](#)

[capítulo 77](#)

[capítulo 78](#)

[capítulo 79](#)

[capítulo 80](#)

[PARTE TRÊS – Partindo num trem veloz](#)

[capítulo 81](#)

[capítulo 82](#)

[capítulo 83](#)

[capítulo 84](#)
[capítulo 85](#)
[capítulo 86](#)
[capítulo 87](#)
[capítulo 88](#)
[capítulo 89](#)
[capítulo 90](#)
[capítulo 91](#)
[capítulo 92](#)
[capítulo 93](#)
[capítulo 94](#)
[capítulo 95](#)
[capítulo 96](#)
[capítulo 97](#)
[capítulo 98](#)
[capítulo 99](#)
[capítulo 100](#)
[capítulo 101](#)
[capítulo 102](#)
[capítulo 103](#)
[capítulo 104](#)
[capítulo 105](#)
[capítulo 106](#)
[capítulo 107](#)
[capítulo 108](#)
[capítulo 109](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça outros títulos da série Alex Cross](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

Informações sobre a Arqueiro